

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

PROTOINDÚSTRIA NA CHINA QING

Felipe Lima de Medeiros

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Delorme Prado

RIO DE JANEIRO

2018

FELIPE LIMA DE MEDEIROS

PROTOINDÚSTRIA NA CHINA QING

Tese de Doutorado apresentado no programa de Pós-graduação em Economia do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito à obtenção do título de Doutor em Economia

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Delorme Prado

FICHA CATALOGRÁFICA

M488 Medeiros, Felipe Lima de.

Protoindústria na China Qing / Felipe Lima de Medeiros.- 2018.

157 p. ; 31 cm.

Orientador: Luiz Carlos Delorme Prado

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Economia, Programa de Pós-Graduação em Economia da Indústria e Tecnologia, 2018.

Bibliografia: f. 148 – 157.

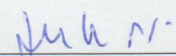
1. Produção industrial. 2. Protoindústria. 3. Escola da Califórnia. I. Prado, Luiz Carlos Delorme, orient. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Economia. III. Título.

Felipe Lima de Medeiros


PROTOINDÚSTRIA NA DINASTIA QING

Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós Graduação em Economia, Praia Vermelha, Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito a obtenção de título de Doutor em Economia

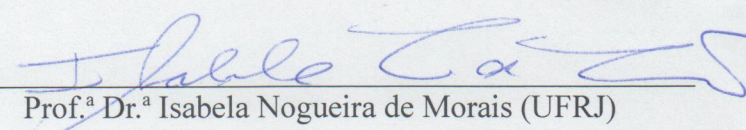
Aprovada em 28 de fevereiro de 2018



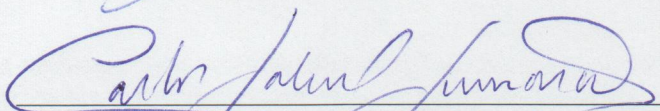
Prof. Dr. Luiz Carlos Delorme Prado (UFRJ – Orientador)



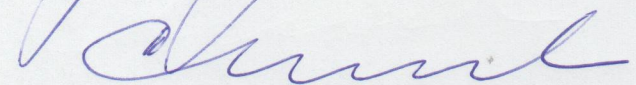
Prof. Dr. Eduardo Costa Pino (UFRJ)



Prof.^a Dr.^a Isabela Nogueira de Moraes (UFRJ)



Prof. Dr. Carlos Gabriel Guimarães (UFF)



Prof. Dr. Antonio Corrêa Lacerda (PUC - SP)

Rio de Janeiro, fevereiro 2018

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha família sem a qual não teria chegado até aqui. Em especial meu pai, Rodrigo Amaury de Medeiros, e minha mãe, Patricia Lima. Agradeço também ao meu orientador Luiz Carlos Delorme Prado por todas as indicações e releituras desse difícil trabalho. O peso desse trabalho também foi muito aliviado graças ao meu treinamento na academia Mugen de kendo. Quero agradecer a todos da academia pelos ensinamentos e companheirismo em especial aos Senseis André Luiz de Queiroz e Márcio Felipe Silva Felisardo. Finalmente, gostaria de agradecer aos meus amigos, muitos para serem citados, mas que escutaram tantas vezes minhas colocações sobre esse trabalho mesmo que sem muito entender e ajudaram mais do que imaginam. Entre eles André Bacil, Barbara Chacel Coimbra, Chico da Mota Macedo, Gabriel Dória Marinho e muitos outros.

RESUMO

O objetivo geral dessa tese foi avaliar a releitura da China pré-moderna segundo a Escola da Califórnia focando-se no desenvolvimento da protoindústria têxtil algodoeira. Procura-se testar a hipótese mais forte da Escola da Califórnia sobre a China, isto é, que a China estaria em vias de se desenvolver. Colocou-se o limite temporal dos séculos XVII e XVIII quando a nova dinastia Qing se estabeleceu e o ápice da mesma foi alcançado segundo essa releitura. A protoindústria têxtil foi escolhida como fio condutor da tese, pois teve uma grande expansão no período estudado, os artigos têxteis eram o segundo produto mais comercializado da China depois dos grãos, a indústria têxtil teve papel central na Revolução Industrial inglesa e pelo fato da teoria protoindustrial sustentar que seu desenvolvimento facilitaria uma Revolução industrial. A tese se centra nas regiões mais desenvolvidas da China localizadas no Baixo Yangtzé pela maior disponibilidade de informações e centralidade econômica. Para cumprir seu objetivo a tese apresenta a historiografia tradicional sobre a China e a releitura da Escola da Califórnia. Em seguida se analisa toda a teoria sobre a protoindústria dos precursores aos seguidores. Então aborda-se o estabelecimento da dinastia Qing e suas principais políticas econômicas governamentais. Em seguida se analisa as transformações econômicas que ocorreram na China no período no mercado de trabalho, terras e crédito. Finalmente a protoindústria na China é avaliada sob a ótica da teoria protoindustrial e as transformações econômicas que foram observadas. A Escola da Califórnia é brevemente reavaliada sob a luz do que foi constatado. Conclui-se que a protoindústria chinesa era insuficiente para alavancar um crescimento econômico e ao contrário do defendido pela Escola da Califórnia a China já se apresentava em crise no século XVIII o que seria somente agravado pelo imperialismo inglês, mas não criado por esse.

Palavras-Chave: China Qing; Escola da Califórnia; Protoindústria; História da Economia

ABSTRACT

The main objective of this thesis was to evaluate the review of premodern China in accordance with the Californian School, it focuses on the development of the cotton textile proto-industry. The thesis seeks to test the strongest hypothesis of the Californian School in regards to China: China was in the process of developing itself. It was chosen to limit the time period to the 17th and 18th centuries, seeing as this was when the new Qing dynasty was established and reached its apex according to that review. The textile proto-industry was chosen as a main theme of this thesis, seeing as it expanded significantly over the period studied. Cotton textile articles were widely traded products in the region, second only to grains. The textile industry played a central role in the English Industrial Revolution and the proto-industry theory claims that its development could facilitate another such outcome. This thesis focuses on the more developed regions of China, located in the Lower Yangtze, on account of there being more readily accessible information on it and its economic centrality. To fulfil its objectives, this thesis presents the traditional historiography of China and the aforementioned review of the Californian School. Next the proto-industry is analysed in its entirety, starting with its precursors and ending with its modern followers. Subsequently the establishment of the Qing dynasty and its main governmental economic policies are addressed. Afterwards the economic transformations that occurred in the labour, land and credit market in China during the studied period is examined. Lastly the proto-industry in China is evaluated from the point of view of the proto-industry theory and the economic transformations that were observed. The Californian School is then briefly reviewed in light of what has been discussed in this thesis. The conclusion is reached that the Chinese proto-industry was insufficient to bring forth economic growth and, contrary to what is advocated by the Californian School, China was already in crisis in the 18th century and could only be aggravated, but would not be created, by British imperialism.

Keywords: Qing China; California School; Proto-industry; Economic History

ÍNDICE DE TABELAS

<u>Tabela 1 – Expectativa de vida ao nascer. China e países selecionados da Europa séculos XVIII e XIX.....</u>	<u>16</u>
<u>Tabela 2 – População China e Europa em milhões.....</u>	<u>28</u>
<u>Tabela 3 – Impostos na dinastia Qing.....</u>	<u>80</u>

ÍNDICE DE GRÁFICOS

<u>Gráfico 1 – Percentual de máquinas de tecelagem inglesas concentradas em Londres.....</u>	<u>44</u>
<u>Gráfico 2 – População urbana em países europeus no século XVIII.....</u>	<u>45</u>
<u>Gráfico 3 – Número de guildas fundadas na China.....</u>	<u>135</u>
<u>Gráfico 4 – PIB per capita diversos países.....</u>	<u>141</u>

ÍNDICE DE FIGURAS

<u>Figura 1 – Regiões de grande protoindustrialização citadas.....</u>	<u>34</u>
<u>Figura 2– Influências sobre o retorno agrícola.....</u>	<u>55</u>
<u>Figura 3 – Ápice da expansão territorial Song, Ming e Qing.....</u>	<u>86</u>
<u>Figura 4– Alto médio e baixo Yangtzé.....</u>	<u>93</u>
<u>Figura 5 - Delta do Yangtzé.....</u>	<u>94</u>
<u>Figura 6 – Províncias de Hunan e Sichuan.....</u>	<u>98</u>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 – A ESCOLA DA CALIFÓRNIA.....	12
1.1 Historiografia tradicional x Escola da Califórnia.....	14
1.2 Despotismo oriental.....	19
1.3 Crescimento populacional.....	24
CAPÍTULO 2 - PROTOINDÚSTRIA – O DEBATE TEÓRICO.....	31
2.1 Introdução.....	31
2.2 Contribuição da protoindústria para a Revolução Industrial.....	38
2.3 Fatores que facilitaram o desenvolvimento da protoindústria.....	51
2.4 Crescimento demográfico e protoindústria.....	56
CAPÍTULO 3 - POLÍTICA PÚBLICA QING.....	60
3.1 Os Qing eram um governo tirânico?.....	60
3.2 O primado do imperador.....	73
3.3 A Questão fiscal na China Qing.....	76
3.4 Política de expansão agrícola.....	81
3.5 Expansionismo militar chinês.....	84
CAPÍTULO 4 – TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS NO PERÍODO QING.....	92
4.1 O Vale do Yangtzé.....	92
4.2 aumento da comercialização.....	101
4.3 transformações no mercado de trabalho.....	107
4.4 intensificação do trabalho no Delta.....	112
CAPÍTULO 5 - PROTOINDÚSTRIA TÊXTIL ALGODOEIRA NA CHINA.....	121
5.1 protoindústria na China.....	121
5.2 protoindústria gerou modernização na china?.....	129
5.3 A Escola da Califórnia em Perspectiva.....	139
BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA.....	146

INTRODUÇÃO

Recentemente, tudo o que se sabia sobre a China pré moderna tem sido contestado. A qualidade de vida, o nível de comercialização, o grau de intervenção governamental, as instituições, o crescimento populacional entre outros aspectos da sociedade chinesa tem sido reformulados pela chamada Escola da Califórnia. Os pesquisadores dessa escola têm apontado que a China pré-moderna era muito mais desenvolvida do que se pensava até então. O grau de contestação varia. Pomeranz (2000) defende que a China era tão avançada quanto a Europa no século XVIII. Hobson (2004) defende que a China seria mais avançada que a Europa no mesmo período, estando atrasada apenas no quesito bélico.

No século XVIII, um dos produtos mais comercializados da China eram os produtos da indústria têxtil algodoeira. Esses produtos eram produzidos por uma crescente indústria rural familiar e uma rede comercial em expansão. Uma parte dessa produção era comprada para acabamento em centros urbanos sendo posteriormente vendida por preços mais altos. Os moldes dessa indústria eram muito semelhantes à da chamada protoindústria europeia que suscitou um intenso debate pela teoria protoindustrial.

A teoria protoindustrial defende que o desenvolvimento da protoindústria rural teria facilitado a Revolução industrial na Europa. Essa teoria foi desenvolvida na década de 1970, mas tem raízes profundas indo até Marx e a Escola Histórica de Economia Política Alemã e criou um longo debate sobre o papel da indústria rural na industrialização moderna posterior. Vários indícios corroboram a tese de que a protoindústria teria facilitado a industrialização moderna como o aumento da mão de obra manufatureira e da produção industrial na Europa antes da Revolução Industrial e a rápida industrialização de regiões onde a protoindústria era mais comum.

Essa tese é uma contribuição ao debate sobre a aderência das hipóteses revisionistas da Escola da Califórnia que rejeitam as interpretações tradicionais sobre o atraso relativo chinês. A tese sustenta a hipótese de que a protoindustrialização, tal como empregada na literatura de história econômica, a partir do artigo seminal de Mendels, não pode ser aplicada para a experiência chinesa sem muitas ressalvas. No caso chinês, diferente da experiência europeia, ela não levou, mesmo nas regiões mais avançadas economicamente da China, a transformação da estrutura econômica que indicasse a iminência de uma revolução industrial nesse país.

Nossa contribuição é, portanto, analisar um aspecto pouco debatido na vasta publicação acadêmica da corrente de história econômica conhecida como Escola da Califórnia – ou seja, em que medida a produção artesanal (indústria rural) para mercado na china, em

especial no vale do Yangtzé tinha o efeito de alterar as relações econômicas tradicionais nessa sociedade – como aconteceu em algumas regiões europeias.

Nossa resposta para essa questão é um definitivo não – ou seja, não há indicações de que, pelo menos nessa esfera, a China estava em vias de passar por alterações na sua estrutura econômica similares às ocorridas na Europa Ocidental. Portanto, sustentamos que no ponto analisado nesta tese, não há evidências que corroborem a visão otimista quanto a situação econômica da China em comparação a da Europa Ocidental no período Qing como defendida pela Escola da Califórnia.

Assim, essa tese pretende analisar se a indústria rural chinesa poderia catalisar um processo de industrialização e comercialização modernos como a teoria protoindustrial defendeu para o caso da Europa.

Essa tese se foca nas regiões mais desenvolvidas da China que estão concentradas no Baixo Yangtzé, a parte baixa do Rio Yangtzé, que significa rio grande. Essa região é extremamente fértil e tem uma excelente rede de transporte fluvial sendo uma parte econômica central do Império chinês. Essa região é de particular interesse por ter maior documentação e estudos que possam corroborar uma conclusão. Temporalmente a tese se concentra nos séculos XVII, marcado pelo início da dinastia Qing e século XVIII quando ela teria alcançado seu ápice. Nesse período o território e população chinesa aumentam muito e algumas importantes mudanças institucionais são implementadas com o relaxamento das restrições a migração, aumento dos impostos em espécie entre muitas outras. É importante entender todo esse processo para que se possa responder o impacto do crescimento da indústria rural na China.

Infelizmente essa tese está sujeita a uma limitação: A escassez de dados para o período e enormes variações nas estimativas. Mesmo os dados oficiais dos Qing são muitas vezes incompletos abrangendo apenas um grupo de vilas ou são sub-representativos como a estimativa de terra cultivável e da população, pois os chineses tendiam a não se registrar para evitar impostos. O leitor certamente irá se surpreender com as disparidades nas estimativas. Para contornar esse problema a tese usará, quando for necessário, dados fora do período estudado como proxy. A tese se apoia em ampla bibliografia secundária para sustentar seu argumento.

Em relação a romanização das palavras do chinês a tese tentou usar tanto quanto possível o sistema Pinyin desenvolvido na década de 1950 que foi adotado oficialmente pela República Popular da China em 1958, as Nações Unidas em 1986 e outras instituições internacionais. Somente quando não foi possível encontrar a romanização em Pinyin se utilizou o antigo sistema Wade-Giles¹ que tem sido cada vez menos usado, mas ainda é muito

¹ Sistema de romanização desenvolvido por Thomas Wade em meados do século XIX e aperfeiçoado por Herbert A. Giles. Foi o sistema usado na maioria das traduções até 1979.

presente na literatura mais antiga.

Essa tese é dividida em cinco capítulos mais essa introdução e a conclusão. No primeiro capítulo se discute a Escola da Califórnia, seus fundamentos e o posicionamento dos seus autores sobre o caso chinês com o objetivo de esclarecer a extensão desse revisionismo. O primeiro capítulo discute ainda os dados disponíveis sobre o crescimento populacional chinês uma vez que ele foi intensamente discutido pela Escola da Califórnia e é comumente apontado como causa do atraso chinês. No capítulo dois se debate a teoria protoindustrial seus precedentes e seus fundamentos assim como as previsões sobre o desenvolvimento desse setor feitas tanto pelos fundadores da teoria quanto seus seguidores para o caso europeu. O objetivo do segundo capítulo é clarear o funcionamento previsto dessa teoria para posteriormente comparar com o caso chinês. No capítulo três se discute a política pública Qing, suas políticas étnicas, forma de governo, a questão fiscal, a expansão agrícola e a forma de expansão territorial militar chinesa. O objetivo do terceiro capítulo é entender a relação do Estado chinês com a economia e a sociedade demonstrando que embora o governo tivesse uma legítima preocupação social o poder permanecia concentrado nas mãos do imperador o que teve implicações perversas para a economia. No capítulo quatro se discute as transformações econômicas na China Qing centrado no Vale do Yangtzé que também é descrito em maior detalhes. Se debate o aumento da comercialização, as transformações no mercado de trabalho assim como a intensificação do trabalho. O objetivo do capítulo quatro é apontar que há transformações econômicas e institucionais no governo Qing, mas que essas não apontavam para uma industrialização moderna. No capítulo cinco se discute o funcionamento e os efeitos da protoindústria na China levando em consideração o que foi discutido nos outros capítulos. No fim do capítulo cinco a Escola da Califórnia é colocada em perspectiva dado o que foi apresentado na tese e o debate atual sobre essa escola para o caso chinês. O objetivo do capítulo cinco é demonstrar que a teoria protoindustrial não tem plena aderência para o caso chinês e que o desenvolvimento da mesma não apontava para uma industrialização moderna. Por último a conclusão apanha resumidamente o que foi colocado na tese.

CAPÍTULO 1 – A ESCOLA DA CALIFÓRNIA

A Europa tendeu a ver a Ásia como seu oposto muito no início da história. O conflito entre os gregos e os persas levou Aristóteles a caracterizar os asiáticos como mais servís para se opor aos europeus. O cristianismo europeu ironicamente fortaleceu essa tendência ao se basear numa escolástica aristotélica. Todavia, No início da era moderna na Europa, especialmente durante o século XVIII, muitos autores europeus tinham uma visão positiva da China. Jesuítas, mercadores e viajantes trouxeram uma visão mais positiva da China. Os jesuítas tinham interesse em demonstrar que os chineses eram almas que podiam ser convertidas. O sistema de governo e de economia chinês costumava ser elogiado e até a ser considerado um modelo para a Europa. Voltaire escreveu sobre o sistema de governo chinês: "*The human mind certainly cannot imagine a government better than this one*"² (GOODY 1996; VRIES 2015)

Ainda que houvesse críticos como Adam Smith que a despeito de escrever: "*China has been long one of the richest, that is, one of the most fertile, best cultivated, most industrious, and most populous countries in world.*" (SMITH 1977 [1776], p.105) Deixou claro que na China os salários deveriam ser muito baixos, pois para Smith a China se encontrava em um estado estacionário e, para esse autor, o nível salarial não é dado pela riqueza da nação, mas pelo crescimento da mesma. Smith também acreditava que a China não deveria ter atingido o ápice possível de sua riqueza, mas o ápice possível dado as leis e instituições chinesas que "despreza o comércio externo" e "não garante o cumprimento de contratos"³. A visão positiva da China começou a ser abandonada rapidamente no século XIX. Na Europa pós napoleônica uma afirmação positiva sobre o "Reino do Meio" se tornou muito rara. Uma imagem negativa sobre a China começou a se formar e se tornou quase universal entre os pensadores europeus em meados do século. Com o fim da Guerra sino-japonesa (1884-1895) a visão positiva da China se exauriu completamente. (VRIES 2015)

Isso não é tão surpreendente uma vez que no século XIX as potências europeias submeteram a China a uma série de tratados desiguais através da diplomacia da canhoneira. Com apenas alguns milhares de soldados o Reino Unido atacou a China, uma nação de proporções similares a Europa como um todo, e venceu em todos os vários conflitos que envolveram as chamadas duas chamadas guerras do ópio entre 1839 e 1842 e entre 1856 e 1860⁴. A mera ideia de atacar uma nação da proporção da China demonstra em que monta a

² Voltaire usava a China como exemplo de anticlericalismo. Se a China era uma nação tão avançada baseada em Confúcio, que não era cristão, então o cristianismo era desnecessário para uma sociedade ordenada e próspera. (SPENCE 1991)

³ Essa explicação de Smith se aproxima notoriamente da escola neointitucionalista.

⁴ Nesse segundo conflito França e EUA apoiaram o Reino Unido na guerra, mas, mesmo assim, pouco mais de

diplomacia britânica colocava a capacidade militar chinesa e a vitória acachapante sobre o Império Qing demonstra que não estavam de todo enganados.

Para Gernet (1996) a fraqueza da China ante a agressão europeia não estava tanto nas armas obsoletas chinesas, menos precisas de menor alcance e menos manobráveis que as inglesas, e nem na falta de disciplina e de espírito de luta das tropas imperiais chinesas enfraquecidas pelo ópio inglês. Para o Gernet o principal problema era a desorganização político-administrativa do exército chinês. As regulações seriam muito fluídas e imprecisas, haveria excesso de centralização e falta de coordenação diante das grandes distâncias envolvidas no império. Segundo Elleman (2011), o medo de sofrer punições por parte do governo central levou vários administradores a reportarem vitórias sobre ingleses, mesmo quando derrotados e a subestimarem a frota inglesa nos relatórios.

Nesse contexto, diversas interpretações surgiram sobre o atraso chinês. Para alguns autores como Jones (2003), Lynn White (1974), Alfred Crosby(1997), David Landes(1998), Wallerstein (1974) e Mokyr (1990) a China já estaria atrasada em relação a Europa há muito tempo e a grande divergência entre China e o Ocidente Europeu seria resultado de um acúmulo de longo prazo. Para outros interpretadores como Douglass North e Robert Thomas (1973), Jean Baechler, John Hall e Michael Mann (1988) o Estado chinês seria despótico e de extrema violência impedindo o desenvolvimento do império para que o status quo não fosse ameaçado. O Estado despótico normalmente também é relacionado com características anticomerciais da China. Nesse último caso o isolacionismo da China em relação ao comércio internacional e a desconfiança em relação aos comerciantes, frutos de um Estado excessivamente interventor, impediriam que a China obtivesse ganhos “smitianos” advindos de trocas comerciais.

Uma outra interpretação comum é a malthusiana. Malthus (1998 [1798]) já defendia de maneira especulativa que o crescimento populacional chinês em função do casamento muito cedo baixava a qualidade de vida na China a níveis baixíssimos⁵, uma famosa versão neomalthusiana é defendida por Hajnal (1982) que alega uma suposta fertilidade ilimitada chinesa e um rápido e incomum crescimento populacional na China que teria levado a divisão do capital acumulado e queda na produtividade marginal.

Allen (2009, p.525) resumiu bem essa questão: *“When did Europe pull ahead of China? Until recently, that was a settled question: Europe was always in the lead. The only question was why.”*

20 mil soldados foram mobilizados contra a China que dispunha de centenas de milhares de soldados e ainda assim foi incapaz de se defender.

⁵ Malthus fala sobre a China: *“If the accounts we have of it are to be trusted, the lower classes of people are in the habit of living almost upon the smallest possible quantity of food and are glad to get any putrid offal’s that European labourers would rather starve than eat”* (MALTHUS 1998 [1798], p.41)

1.1 Historiografia tradicional x Escola da Califórnia

Todos os argumentos apresentados para o atraso chinês vêm sendo recentemente combatidos por revisionistas. Com a ascensão recente da China e o crescente interesse na história do país, estudiosos têm procurado mais acesso a textos chineses originais e literalmente reformulando tudo o que se pensava sobre a China. Essa revisão histórica vem abalando várias visões estabelecidas sobre a China como o pressuposto atraso secular do Império do Meio, o despotismo oriental absoluto e outras teorias sobre o atraso chinês.

De fato, essa revisão sobre a China faz parte de uma corrente maior de autores que vêm tentando reformular a importância histórica de regiões tidas como periféricas no início do século XX como Índia, Japão, Império Otomano e China. A revisão tem sido tão profunda que tem contestado mesmo a ideia de que a Europa teria algo excepcional que permitiu seu desenvolvimento e supremacia. Por exemplo, para Goldstone (2000) foi uma combinação de eventos acidentais que teriam colocado a Inglaterra, e não a Europa, em um ponto peculiar que teria permitido a Revolução Industrial.⁶ Pomeranz (2000) segue uma linha parecida com Goldstone, mas enfatiza outros fatores para a divergência⁷.

O grupo de autores que desafia o excepcionalismo europeu foi nomeado de “Escola da Califórnia” por Goldstone (2000), pois a maioria deles se concentram em centros acadêmicos nesse estado, embora inclua autores de todo o mundo.

“I give these scholars the collective label “the California school”, because the majority of them are affiliated with universities in that state; but they include scholars across the United States and around the world. Among them are R. Bin Wong, Jack A. Goldstone, Kenneth Pomeranz, Ricard von Glahn, Wang Feng, and Cameron Campbell in the University of California system; Dennis Flynn and Arturo Giraldez of the University of the Pacific in Stockton, California; James Lee of the California Institute of Technology; Robert Marks of Whittier University in Southern California; Andre Gunder Frank (...); Jack Goody of Cambridge; James Blaut of the University of Illinois; Janet Abu-Lughod of the New School for Social Research; and many other(...)” (GOLDSTONE 2000; p.179)

Duchesne (2006) comenta como esse grupo de autores tem sido influente formando a *World History Association* em 1982 que divulga três publicações *World History Bulletin*,

⁶ Goldstone (2000) enfatiza o compromisso da igreja anglicana, dos dissidentes, da Coroa e do Parlamento com a *Bill of rights* em 1689, a adoção da ciência newtoniana como parte da cosmologia da igreja anglicana e a difusão dessas ideias e a oportunidade de usar a mecânica e a ideia do vácuo para resolver o problema de bombear água em minas profundas que permitiu a invenção da bomba a vapor posteriormente usada nas locomotivas.

⁷ Pomeranz também atribui muitos motivos para ascensão europeia que vão desde a China ter adotado o padrão prata que teria facilitado a colonização das Américas, a fragilidade dos americanos nativos as doenças europeias que teriam levado a um grande despovoamento e a liberação de terras para cultivo. Acima de tudo, Pomeranz enfatiza a descoberta da energia a carvão e o uso de terras do Novo Mundo para gerar produtos que não poderiam ser gerados na Europa por conta desta última estar perto de um estrangulamento ecológico.

Journal of World History e *World History Connected*. Para Duchesne, que não usa o termo Escola da Califórnia, essa abordagem que se coloca contra o excepcionalismo europeu se determina por muitos nomes, entre eles: “*big history*”, “*world-system history*”, “*world-centric history*” ou “*history-for-us-all*”; Landes (2006) também usa o termo “*multicultural world history*” para definir os revisionistas que enfocam na importância e dinamismo das grandes civilizações que se tornaram periféricas com a expansão europeia. Duchesne define o grupo da seguinte maneira:

(...) these scholars generally agree that students should forego any effort to explain European history in terms of it's own internal institutions and attitudes, because all the peoples of the world have been shaped essentially by their participation in the world-system. (DUCHESNE 2006, p.70)

Muito antes da Escola da Califórnia ser nomeada, Needham (1969b) já apontava para uma história que não era focada na Europa. Needham chamou atenção da Escola da Califórnia ao propor, o posteriormente definido como, “paradoxo de Needham” que pergunta porque a China que esteve economicamente a frente da Europa foi posteriormente ultrapassada⁸. Autores da Escola da Califórnia se inspiraram nesse autor para propor uma China mais avançada no século XVII e XVIII do que vinha sendo retratada até então. A respeito de sua visão da história Needham introduz seu livro com as seguintes palavras:

We have now good reason to think that the problems of the world will never be solved so long as they are considered only from a European point of view. It is necessary to see Europe from the outside, to see European history, and European failure no less than European achievement, through the eyes of that larger part of humanity, the peoples of Asia (and indeed also of Africa). (NEEDHAM, 1969a, p. 7)

Naturalmente essa tese não discutirá todos os meandros da Escola da Califórnia, mas somente o que ela coloca em respeito a China abordando todas as críticas mais comuns ao estado de desenvolvimento chinês. Primeiramente é preciso debater qual era o atraso chinês no século XVIII. Ao que essa nova corrente de pensamento vem apontando o atraso chinês não é ancestral tendo surgido abruptamente do início para o meio do século XIX com o advento da Revolução Industrial e o avanço do imperialismo. Uma vez que isso seja colocado explicações do atraso chinês que remontam a eras muito antigas ficam muito difíceis de ser sustentadas. Por exemplo, David Landes (2006) acredita que o cristianismo tem vantagens em relação a religião chinesa para o desenvolvimento de longo prazo. O cristianismo ganhou força na Europa no século III com Roma e depois mais intensivamente a partir do século VIII com Carlos Magno. Caso Landes esteja correto, a Europa deveria estar muito avançada em relação a China no século XVIII. Jones (2003) acredita que as famílias nucleares formadas na Europa por volta de 3000 anos atrás seriam determinantes para o desenvolvimento europeu frente outras regiões. As famílias nucleares criariam incentivo e oportunidade para limitar o crescimento populacional permitindo maior acúmulo de riqueza no longo prazo. Essas e

⁸ Para Needham (1969b) a China teria se mantido na frente da Europa entre o século II ao século XVI

outras explicações de longuíssimo prazo ficam comprometidas uma vez que o atraso chinês seja entendido como um fenômeno recente.⁹

Sob o atraso chinês, um importante revisionista é Kenneth Pomeranz na obra *The Great Divergence China, Europe, and the Making of the Modern World Economy*. Pomeranz apontou que em dados sobre qualidade de vida como expectativa de vida e consumo de calorias assim como em capital acumulado e avanço tecnológico a China não estava atrás da média europeia ou mesmo dos centros mais avançados europeus no século XVIII.

Pomeranz (2000) compara diversos estudos que colocam a expectativa de vida na Inglaterra em cerca de 40 anos em 1750. Já a expectativa na França fica entre 27,5 e 30 anos entre 1770 e 1790; Alemanha entre 35 e 40 anos entre séculos XVIII e XIX; Prússia entre 24,7 e 31,3 anos nos lugares mais atrasados e mais desenvolvidos respectivamente no período entre 1816 e 1860. China, por sua vez, alcança a expectativa de 39,6 anos nas áreas mais prósperas em 1750. Telford (1990) defende que a expectativa de vida nas áreas prósperas da China teria caído para 34,6 anos em fins do século XVIII o que é contestado por Lavelly e Wong (1998). Todavia isso deixaria a expectativa de vida em ambas as regiões bem comparáveis. Para regiões mais pobres da China a difundida prática de infanticídio feminino deixa a estimativa enviesada. Para crianças que alcançassem 1 ano de idade Lee e Campbell (1997) calcularam a expectativa em 35,7 anos para os homens e 29 anos para as mulheres entre 1792 e 1867 na Manchuria rural. Essa idade é ainda comparável a Europa como um todo embora um pouco abaixo da expectativa inglesa.

Tabela 1 – Expectativa de vida ao nascer. China e países selecionados da Europa séculos XVIII e XIX

País	China*	Inglaterra	Prússia**	França	Alemanha
Período	1750	1750	1816-1860	1770-1790	1701-1899
Anos	39,6	40	24,7-31,3	27,5-30	35-40

Fonte: Pomeranz (2000)

*Regiões mais prósperas da China. **Regiões mais prósperas e mais atrasadas respectivamente

Para o consumo de calorias na Europa pré-1800 Braudel (1981) estima em 3500 calorias diárias para quem fazia um trabalho pesado (como a tripulação de navios espanhóis) e 2500 calorias para as massas urbanas. Clark, Huberman e Lindert (1995) calculam para Inglaterra, já em 1860, entre 2000 e 2500 calorias diárias por homem adulto fora da

⁹ Pomernaz (2000) contesta essa visão de Jones (2003) argumentando que na China havia famílias nucleares especialmente nas regiões Norte e Nordeste e foram justamente nessas regiões onde a população mais cresceu.

agricultura e 3300 para trabalhadores na agricultura. Na China por sua vez, Ming-te Pan estima em 4600 calorias o consumo somente de grãos no Delta do Yangtzé no século XVII. O Delta do Yangtzé é a região mais avançada da China, para o resto da população chinesa Pomeranz (2000) estima em 2651 calorias diárias para homens adultos somente de grãos. Assim as partes ricas da China podiam ser comparadas com os melhores cenários europeus e o cenário chinês em geral pode ser comparado com a Europa ficando até um pouco acima nesse quesito pelo menos até a crise do século XIX.

Quanto ao capital acumulado, que por muito tempo foi considerado maior na Europa, é preciso uma melhor avaliação. A princípio, se a qualidade de vida da Europa e da China era comparável, não há motivo para imaginar que houvesse maior quantidade de capital na Europa segundo Pomeranz (2000). Para o autor a produtividade de ambas as regiões era semelhante no século XVIII. Eric Jones (2003) argumenta que o capital europeu sofria menor depreciação que o capital asiático por utilizar mais tijolos e pedras que eram resistentes a incêndios. Além disso, argumenta Jones, as principais catástrofes europeias seriam epidemias, quebras de safra e guerras, todas mais destruidoras de trabalho do que de capital. Enquanto terremotos e inundações eram mais comuns na Ásia ambos destruidores de capital. No entanto, não há provas de que esses efeitos realmente criaram um diferencial de capital de longo prazo. Menos Guerras na China podem igualmente indicar menor depreciação e a rápida reconstrução do controle de águas no Vale do Yangtzé no século XVII não indicam uma perda estrutural de capital.

Em relação à agricultura os europeus realmente dispunham de mais animais de tração. Ao que tudo indica a China utilizava menos animais para uma produção agrícola de alta produtividade. Allen (2009) calcula que a produtividade agrícola do trabalhador rural no Vale do Yangtzé estivesse mais alta que a Inglaterra e Holanda, os países mais avançados da Europa no período, até o início do século XVIII e não muito atrás até meados do século XIX. A princípio isso parece ser consequência de que na China o principal cultivo era o arroz que precisa de menos trabalho após a colheita do que o trigo, principal alimento europeu. O trigo precisa ser moído o que raramente era feito com o arroz incentivando a construção de moinhos na Europa e não na China. As plantações de arroz chinesas tinham o melhor rendimento agrícola por hectare do mundo mesmo com menos animais. No entanto, os animais podem ser úteis ainda em três outros sentidos: como fonte de adubo, como meio de transporte ou como alimento. (POMERANZ 2000)

Em relação ao adubo Pomeranz (2000) compara a capacidade fixadora de nitrogênio que acredita ser o melhor indicador para a qualidade do adubo, comparando grão de soja e estrume de porco (mais usados na China) com trevo e estrume de gado (mais usados na

Inglaterra). Levando em consideração o número de colheitas e a quantidade de adubo empregada Pomeranz encontra uma pequena vantagem na fixação de hidrogênio para o método chinês em relação ao inglês.

Quanto ao transporte a Europa certamente desfrutava de uma vantagem no transporte terrestre por conta da presença de um maior número de animais de carga que podiam ser usados tanto na agricultura quanto no transporte com pouco *trade-off* entre essas duas atividades já que o trabalho nas colheitas não ocupava os animais o ano inteiro. No entanto, o transporte marítimo era abundante na China, especialmente no Delta do Yangtzé. A China transportava um volume muito maior de mercadorias, especialmente grãos, por longas distâncias com fins comerciais no século XVIII, possivelmente cinco vezes mais que a Europa e vinte vezes mais que o Báltico. Embora relativamente menos urbanizada que a Europa a China tinha uma população urbana muito maior que qualquer país europeu e Pequim era a maior cidade do mundo no século XVIII sendo extremamente dependente de outras regiões para se manter. Para Pomeranz (2000) a China poderia também importar animais da Ásia central e mesmo incentivar mais a criação de rebanho se essa fosse uma necessidade.

Outra vantagem dos animais é operar as mós para moer o trigo, mas essa era uma necessidade que a China não tinha, pois é bem mais raro, e desnecessário, a moagem do arroz para consumo. Em relação à alimentação é certo que os europeus, especialmente os britânicos, comiam mais carne e laticínios que os chineses e os asiáticos de modo geral. Essa era uma vantagem que estava em queda no século XVIII, mas que existia. Como substituto para as proteínas os chineses comiam tofu (queijo de soja) e coalhada de feijão. Em consumo de proteínas os europeus estavam à frente da China, mas em relação a outros bens para qualidade de vida como acesso à água potável e durabilidade e conforto das vestimentas a China estava na frente especialmente por utilizar algodão para tessitura antes dos britânicos e dos europeus de modo geral. (POMERANZ 2000)

Em relação à tecnologia é certo que o noroeste europeu já estava mais avançado que o mundo em 1850, mas isso não é certo para o século XVIII. Além da similaridade na qualidade de vida que indica uma proximidade técnica a China estava a frente da Europa em algumas tecnologias como o manejo de terras e produtividade agrícola. (POMERANZ 2000)

Como explicou Goldstone (2000):

These findings force us to face two very simple principles: (1) most conditions in Europe do not seem broadly different from those in the advanced regions of Asia until relatively recently, c. 1800; and (2) the later great divergence need not be rooted in great and long-standing prior differences, but could well be the result of small differences and chance events that created oddly exceptional political and cultural conditions not in "Europe", but in small parts of Europe and, much later, in Japan. (GOLDSTONE 2000, p18)

1.2 Despotismo oriental

Uma vez que a tese de que a China estaria já muito atrasada em relação a Europa no século XVIII foi afastada voltar-se-á a teoria do “despotismo chinês” e seus corolários. A crítica mais comum a China é que ela sofreria de um “despotismo oriental” caracterizado por ser despótico, absoluto e atrasado. Esse tipo de pensamento permeou pensadores da linha Smitiana a marxista com pouca diferença entre elas. Para David Landes (1998), um exemplo fora da linha marxista, a China Qing é despótica e totalitária com uma elite que se opunha a invenção e a inovação aumentando os custos de transação, impedindo o desenvolvimento do comércio e da indústria e, junto com uma "xenofobia intelectual", mantinha o império chinês isolado de importantes influências externas que poderiam tirar a sociedade chinesa da estagnação. Fernand Braudel (1995) também retrata a China Qing como imutável e caracterizada por um poderoso Estado anticapitalista. Para Odd Westad (2012) o governo imperial Qing procurava "controlar todos os aspectos da vida de seus súditos", caracterizando a China mesmo como um "Estado Policial" de "imensa brutalidade". Já na linha neo-institucionalista Robson e Acemoglu (2012) falam do grande absolutismo chinês. Numa corrente braudeliiana Immanuel Wallerstein (1974) coloca grande ênfase no centralismo chinês como causa de atraso:

The political centralisation of an empire was at one and the same time its strength and its weakness. Its strength lay in the fact that it guaranteed economic flows from the periphery to the centre by force (tribute and taxation) and by monopolistic advantages in trade. Its weakness lay in the fact that the bureaucracy made necessary by the political structure tended to absorb too much of the profit, especially as repression and exploitation bred revolt which increased military expenditures (WALLERSTEIN 1974 apud VRIES 2015)

De fato, vários pensadores da corrente marxista veem o Estado chinês como garantidor de um modo produção estático, seja por restrições a um desenvolvimento propriamente capitalista, seja por incentivos a ordem social vigente.¹⁰ Até Joseph Needham (1969b) culpa o "sistema burocrático feudal" chinês como mantenedor do atraso.

A Escola da Califórnia tem combatido a interpretação de um Estado Qing onipresente e despótico com sucesso no meio acadêmico. Cada vez mais a visão de um governo chinês interferindo na vida social e econômica tem sido abandonada, assim como a ideia de um governo anticomercial ou anticomerciantes. A interpretação tem mudado para a de um governo agrário paternalista. A grande quantidade e o aumento de pequenos produtores, comerciantes e mercados durante a China Qing tem corroborado a interpretação de que a China era uma economia comercial com relativamente pouca interferência estatal. Como

¹⁰ Na visão marxista a história normalmente segue uma ordem etapista com feudalismo se seguindo ao capitalismo e depois o socialismo. A sociedade capitalista era para Marx intrinsecamente dinâmica e, ao associar a sociedade chinesa uma sociedade estática, classificou a sociedade chinesa como feudal.

defendeu Wong (1997) o Estado chinês só interviria no mecanismo de mercado quando a subsistência estivesse ameaçada. Essa intervenção normalmente acontecia na agricultura onde segurança alimentar prevalecia sobre livre a negociação. Por exemplo, o sistema de silos construídos pelo Estado para estocar grãos conseguiu reduzir a volatilidade do preço além de ser utilizado em momentos de crise para aliviar a fome. Ainda que alguns pensadores e produtores tenham criticado esse sistema ele prevaleceu sob o governo Qing redistribuindo cerca de 5% da oferta nacional de grãos nos séculos XVIII e XIX segundo Lee e Feng (1999).

Para Bin Wong (1997) o governo chinês não era despótico, mas benevolente e eficiente. Sem dúvida havia monitoramento e controle de certos aspectos da vida pública, como qualquer governo, mas quando as prioridades do governo não estavam em risco a política econômica era mais próxima de um *laissez-faire* do que de um despotismo estatal. Isso pode ser confirmado pelo baixo número de diplomados no governo Qing como apontado por Rowe (2008). Somente os diplomados podiam exercer cargos públicos e eram uma classe bastante respeitada na China. No final do século XVIII só havia um diplomado pelos concursos oficiais para cada 300 ou 400 chineses e somente 20.000 postos oficiais em 1800, ou seja, um posto para cada 50 diplomados. A maioria dos diplomados não trabalhava diretamente para o governo o que demonstra um baixíssimo número de funcionários. Outro dado que aponta a baixa intervenção estatal é o baixíssimo nível de imposto cobrado pelo governo. Vries (2015) estimou que em 1803 o imposto per capita na Inglaterra era 15 vezes maior que o imposto na China. O imposto total arrecadado pelos imperadores Qing rondavam 40 milhões de taels¹¹, cerca de 13 milhões de libras, enquanto no mesmo período o imposto inglês girava em 33 milhões de libras. Até mesmo o aparato de coleta estatal Qing era bem exíguo como apontaram Vries (2015) e Huang (1990). O mais baixo coletor de impostos era apontado localmente e se responsabilizava por, em média, vinte vilas, ou seja, uma grande área de coleta. Como percentual do PIB o imposto chinês também era muito menor do que em qualquer país europeu sendo entre 2% e 3% do PIB contra 9% ou mais na Europa no mesmo período chegando a 15% na Inglaterra.

A receita com empresas ou terras públicas também era bem maior na Europa do que na China, especialmente após o advento da ferrovia. A renda da expropriação de terras e riquezas na China também permaneceu muito baixa. Como defenderam Rosenthal e Wong (2011), a propriedade na China era muito menos insegura do que a visão clássica sobre o orientalismo despótico sugere. Além disso, o governo chinês nunca trabalhou com

¹¹ China não tinha moedas de prata, mas tinha uma unidade de conta o tael. O tael era uma medida chinesa de pureza e peso em prata entretanto o tael variava de região para região em todo o período Qing. Em Cantão o tael equivalia a 37,5 gramas enquanto em Xangai correspondia a 33,9 gramas. Segundo Vries (2015) o *kuping tael* era a medida oficial mais comum de 37,3 gramas com 99% de pureza, mas mesmo sobre o *kuping tael* há divergência sobre as especificações. Pela grande variação na pureza e no peso era comum os comerciantes procurarem moedas Ocidentais mais padronizadas para negociar. (VRIES 2015)

endividamento público ao contrário dos governos Ocidentais e trabalhavam com apenas um pequeno ganho de senhoriação ao contrário de vários países europeus. Finalmente, os gastos com a corte Qing nunca chegaram a 5% da arrecadação como colocado por Woodside (2008).

Embora menor, o governo chinês trabalhou ativamente para o desempenho de algumas áreas econômicas. Peter Perdue (2005) chega a defender que a atuação do Estado chinês pode ser considerada agrário desenvolvimentista. A política Qing ativamente incentivou a expansão produtiva agrária do império em especial durante o governo Yongzheng (1722-1735)¹², como se verá nessa tese. Rosenthal e Wong (2011, p.209) são ainda mais otimistas em relação ao governo chinês ao afirmar que: "*Early modern chinese political economy was more explicitly intended to foster economic growth than European political economies*".

Como mencionado, Vries (2015) levantou um estudo sobre a cobrança de impostos durante os Qing e concluiu que o imposto na China operava a níveis baixíssimos em relação a Europa. Para uma interpretação que entende a presença estatal como meramente distorciva em relação a um ótimo dado pelo livre mercado, como a interpretação neoclássica, o Estado chinês estava, nesse quesito, muito mais próxima desse “ótimo” do que qualquer nação europeia no mesmo período.

Uma extensão da visão do governo "despótico oriental" é de que ele seria comercialmente fechado a bens e pessoas do Ocidente. Certamente o fato isolado mais citado para corroborar essa interpretação foi a fracassada missão comercial inglesa de George Macartney em 1792. Macartney procurou convencer o então imperador Qianlong (1735-1796) a abrir os portos ao comércio com os ingleses e para tanto levou uma série de presentes e inovações que pudessem despertar a curiosidade do imperador. No período a Inglaterra tinha um grande deficit comercial com a China especialmente por conta da exportação do chá que tinha caído no gosto dos ingleses. A missão de Macartney era mais uma de uma série de missões fracassadas que procuravam abrir o mercado chinês a manufaturados ingleses de maneira que o deficit fosse sanado.

O imperador chinês entendeu que a Inglaterra estava oferecendo tributos ao poderoso império da China e não teve nenhum interesse nas inovações inglesas afirmando que o império chinês tinha tudo o que precisava. Posteriormente Macartney afirmou "*In this country they think that everything is excellent and that proposals for improvement would be superflous if not blameworthy*" (MACARTNEY 1804 volume 6 p. 6 apud LANDES 2006) Qianlong chegou a sugerir que a corte inglesa enviasse alguém para aprender os civilizados

¹² O período entre parênteses após no nome do imperador indicará o período de governo do respectivo imperador e não seu tempo de vida. É muito mais significativo e compreensivo para o argumento aqui construído o período de governo do que a vida do imperador.

costumes chineses e escreveu para George III, Rei da Inglaterra: "*we have never valued ingenious articles, nor do we have the slightest need of your country's manufactures*" (CRAMNMER 1962 apud VRIES 2015). Esse encontro costuma ser apresentado como prova do desinteresse do império a inovações e ao comércio.¹³

Também é muito citado que no século XIV a China enviou a maior frota de navios já vista, com barcos bem maiores que os Europeus usavam no século XVI, para ir do Japão a costa da África. Diversos autores, como Goldstone (2000) acreditam que mesmo ir a Europa estaria dentro das capacidades de navegação dos chineses. Entretanto, após uma série de viagens esse tipo de expedição foi abandonada e nunca mais retomada pelo Estado. Para muitos esse foi um marco da expansão e retração chinesa. Landes (1998), por exemplo, atribui o abandono das viagens a ignorância dos déspotas chineses que não teriam gosto para aventura e para os lucros.

Para Goldstone (2000) o abandono das viagens marítimas chinesas é equiparável ao fim das viagens a lua por parte dos EUA em 1970. Ambas eram muito caras e não tinham retorno para o seu custo. Bens valiosos vinham da Índia e do Meio Oriente por já estabelecidas rotas marítimas e terrestres. Não havia incentivo para tentar o contorno da África que não oferecia importantes fluxos comerciais. Assim como a interrupção do programa espacial não significou um declínio acentuado da economia, comércio e capacidade tecnológica americana em 1970 a interrupção das viagens chinesas não implicariam em um declínio chinês. Pelo contrário, a China teria se concentrado no comércio asiático facilitado pelo padrão das monções que levavam barcos chineses, indianos e árabes a convergirem para Malacca e Aceh no Sudeste da Ásia e depois retornarem com a mudança dos ventos em determinadas estações do ano. Frank (1998) e Blaut (1993) defenderam que o comércio internacional chinês foi dinâmico e vigoroso por todo o período Ming e Qing.

Embora as relações econômicas da China Qing com estrangeiros não tenham sido negadas por nenhum autor, normalmente se interpreta que a troca de bens ocorria prioritariamente através do sistema tributário que caracterizava a relação da China com diversas outras nações como Coreia e Tibete, ou seja, não seria comércio, mas uma troca imposta. Os revisionistas têm afirmado que grande parte do tributo era simplesmente comércio com outro nome para facilitar a entrada no país. Alguns autores como Perdue (2005) e Millward (1998) chegam a defender que não havia nenhuma distinção entre tributo e comércio. Pra Frank (1998) o comércio e o sistema de tributos estavam em simbiose. A expansão comercial do sistema de tributação esteve ligado a expansão comercial chinesa.

A ideia de que a China interviria em todo o comércio externo também é debatida. Os

¹³ A insistência de Macartney de não seguir as exigências de etiqueta chinesas, como encostar a cabeça três vezes no chão diante do imperador, deve ter influenciado na má recepção do imperador.

revisionistas atribuem essa interpretação a um excessivo foco no comércio com o Ocidente que corresponderia a apenas uma pequena porção do comércio total chinês. Segundo os revisionistas como Goody (1996) e Frank (1998), o comércio também seria praticamente livre de interferências estatais. Outro instrumento argumentativo dos revisionistas é enfatizar o papel do contrabando e da distância entre o controle formal e o controle *De facto* do comércio. Bin Wong (2004), normalmente mais radical nas suas interpretações, defende que o Estado chinês, ao contrário dos europeus, fazia pouco para impedir o comércio doméstico e externo. A política chinesa de crescimento seria mais promotora de um crescimento “smitiano” com comércio interno e externo de longa distância do que as práticas européias contemporâneas. Os mercadores Ocidentais seriam então mais taxados e sofreriam mais intervenção Estatal do que os mercadores ocidentais.

Flynn (1996) e Flynn & Giraldez (1995a, 1995b) chegam a defender que o sistema de comércio mundial não foi estabelecido pelos europeus e sua busca pelo comércio, mas foi o desejo chinês de obter prata, a força motora da formação do sistema de troca global no século XVI até o início do XIX. De fato a China é superavitária nesse comércio até o século XIX absorvendo boa parte da prata global sendo por isso chamada de “*sink of the world's silver*” por diversos autores como Frank (1998) e Pomeranz (2000). Pomeranz defende inclusive que as colônias espanholas não conseguiriam se manter se não fosse a demanda chinesa por prata que teria impedido a queda do valor de troca desse minério. Segundo Frank (1998), aproximadamente 40% da prata produzida na América ia para a China no século XVIII e 60% no século XVII, outros autores têm estimativas similares.

Landes (2006) afirma que a China teria falhado em dois momentos para alcançar o desenvolvimento. Primeiro, falhou em não conseguir desenvolver uma Revolução Industrial própria. Isso teria acontecido pela ausência de determinados aspectos culturais europeus como o cristianismo¹⁴, mas acima de tudo falhou por conta do Estado despótico que atrapalhava o livre mercado ao intervir excessivamente no mercado e ao não garantir direitos de propriedade. A segunda falha da China seria em ter menosprezados as invenções européias. E esse menosprezo adviria de um fator cultural, para Landes os chineses estavam tão certos de que a China seria o centro do mundo, que seu império não tinha rivais a altura e desprezavam tanto os estrangeiros que não aceitavam que tinham algo a aprender com os “bárbaros” por puro orgulho e xenofobia.

Embora em outro contexto, a China estava com um interesse crescente pela ciência

¹⁴ Para Landes (2006) o cristianismo (1) incentivaria o trabalho manual em várias passagens bíblicas, (2) incentivaria o controle da natureza pelo homem, pois Deus especifica no Gênesis que as plantas e os animais são do homem para utilizá-los como bem entender e (3) o cristianismo defenderia uma história linear que incentivaria a ação, especialmente se fosse esperado um futuro progressivamente melhor, enquanto um tempo cíclico pressupõe um eterno retorno a uma situação anterior desincentivando o progresso.

natural e a matemática no século XVII especialmente após a conquista Manchu em 1644. Livros médicos eram vendidos popularmente sendo uma maneira viável de enriquecimento. Em termos de medidas de saúde o sistema sanitário e mesmo prevenção de sarampo já tinham sido independentemente desenvolvido na China e Índia nos séculos XVII e XVIII. Entre as tecnologias podemos citar que a irrigação e outras técnicas agrícolas estavam mais avançadas na China e no Sudeste Asiático de modo geral que na Europa. Tingimento de roupas e produção de porcelana também estavam a frente na China no século XVIII. (ROWE 2008; POMERANZ 2000)

Sobre a tese de que os chineses eram menos predispostos culturalmente às novidades, defendida por David Landes (1990) é interessante notar o caso da tecnologia do porão para tecelagem desenvolvido no século XVII na China citado por Pomeranz (2000). Descobriu-se que no porão é possível acumular umidade suficiente para tecer algodão mesmo nos meses mais secos. Essa inovação foi rapidamente copiada mesmo para os lugares mais pobres, dispersos e iletrados da China mostrando uma capacidade de difusão de invenções. Além disso, na China não havia uma instituição poderosa oposta ao progresso científico como o fazia a igreja na Europa. Waley-Cohen (1993) fala que do século XVI ao final do XVIII a China seria extremamente interessada na Europa e no que ela tinha a oferecer enquanto Hobson (2004), um dos mais radicais revisionistas da Escola da Califórnia, defender que não era a China que era fechada e se recusava a aprender da Europa, mas o contrário, a Europa atrasada é que estava pegando emprestado tecnologias chinesas superiores o que exemplifica com pólvora, bússola e mesmo o relógio.

1.3 Crescimento populacional

Outra teoria defende que os europeus tinham menos fertilidade que outras partes do mundo por isso o capital se dissiparia menos geracionalmente levando ao acúmulo de capital no longo prazo. John Hajnal (1965), por exemplo, defendeu que a fertilidade europeia era menor por conta de uma taxa alta de celibatários e de que adolescentes e jovens adultos passavam anos como servos longe de casa estando impossibilitados de casar nesse período o que atrasaria a idade do casamento e reduziria a fertilidade. Por conta desses motivos os europeus teriam menor fertilidade do que em outros regimes demográficos pré-industriais. Lavelly e Wong (1998) argumentam que o sistema demográfico chinês e europeu são considerados opostos desde Malthus que seria o primeiro a atribuir um fraco controle de fertilidade a sociedade chinesa. Em resumo, a Europa é considerada com crescimento populacional moderado com controle de fertilidade enquanto a China seria marcada por

grande crescimento populacional, crises de mortalidade e um equilíbrio precário entre população e recursos. Rowe (2008, p. 474) chega a afirmar que: "*The single dominating fact of early and mid-Ching social history is population growth*"

É interessante notar a influência de Thomas Malthus (1766-1834) nessa argumentação que foca no crescimento populacional como divisor de águas para o crescimento econômico. Malthus famosamente defendeu que a população tendia ao nível de subsistência, pois qualquer acréscimo de renda seria transformado em crescimento populacional e qualquer redução da renda seria revertida em redução populacional através de crises de fome ou guerra. Naturalmente, um malthusiano que considere possível que fatores culturais possam reduzir o crescimento vegetativo de maneira que nem todo o acréscimo de renda seja revertido em aumento populacional concluiria que somente uma sociedade com controle populacional conseguiria subir além do nível de subsistência.

De fato muitas sociedades não tinham controle de fertilidade, mas esse não era o caso do leste asiático. No caso da China, Zhao (2006) e Pomeranz (2000) apontaram várias normas sociais entre os chineses que reduziram o crescimento populacional como: normalmente a primeira gestação era atrasada depois do casamento e a família também se programava para ter mais espaçamento entre um filho e outro em relação as famílias europeias. Além disso, as mulheres chinesas costumavam a terminar a fertilidade mais cedo que as europeias e havia prevenção de gravidez depois da família estar estabelecida, limitando o tamanho da mesma. Os casamentos na China eram de fato mais cedo que na Europa, mas o número de filhos por casamento e por mulher estavam abaixo do ocidente europeu. Acima de tudo o controle familiar chinês era feito através do infanticídio feminino, as vezes praticado na hora do parto as vezes por descuido nos primeiros anos de vida da criança. Essa prática ainda é presente no país no século XXI.¹⁵ Pomeranz (2000) indica que essa forma de feminicídio teria chegado a um ápice de 25% das recém nascidas no século XVIII. Seriam essas práticas suficientes para um crescimento moderado da população chinesa ou ao menos um crescimento comparável com o da Europa?

Como muitos outros dados do período, a população exata do império é controversa tendo diversas estimativas. É certo que a transição dinástica levou a uma grande queda populacional durante o século XVII e que depois houve um grande aumento populacional mais do que compensando a perda. Robert Marks (1998) estima que em 1700 a população era a mesma de 1600 ou menor. Enquanto haveria em torno de 150 milhões de chineses no início do século XVII a população pularia para 313 milhões no fim do século XVIII. (ROWE 2008;

¹⁵ Hoje em dia essa taxa está em aproximadamente 6% do total de mulheres nascidas. Entretanto, é preciso alertar que essa prática não era usada somente para controle populacional. No final do século XVIII o infanticídio feminino na linhagem imperial Qing chegou a 40% como relatado por Lee, Wang e Campbell (1994).

MYERS & WANG 2008)

O crescimento populacional no período Qing foi tão grande que, para alguns estudiosos como Suzuki Chusei, foi nesse período que começa o "problema populacional" chinês. A população chinesa pouco mais que dobrou do século I ao XVII, com a maior parte do crescimento concentrado no período Ming, enquanto só nos anos 1740s a população aumenta em 45% e mais 25% nos 1780s. A aceleração do crescimento populacional coincide com o término da unificação Qing em 1680.

A paz interna, a estabilidade social e o aumento de produção alimentar graças a expansão agrícola e a chegada de produtos do novo mundo como amendoim, milho e batata-doce ajudam a explicar o grande aumento populacional durante a dinastia Qing. O aumento populacional, expansão territorial, acúmulo de riqueza, expansão agrícola fizeram para Woodside (2008), a era dourada da China pré-moderna.

Ao contrário da Europa, onde o crescimento populacional se concentrou nas cidades, o crescimento populacional chinês se concentrou em zonas rurais especialmente em regiões periféricas e em novos assentamentos. Curiosamente isso acontecia mesmo com a densidade populacional chinesa sendo maior que a Europa Ocidental e muito maior nas zonas mais desenvolvidas da China. (ROWE 2008)

Embora a maior parte do crescimento populacional chinês tenha se acumulado em pequenos povoados o nível de urbanização aumentou durante a dinastia Qing. No século XVIII 5% da população viviam em cidades de mais de 2000 habitantes especialmente nas regiões Jiangnan, Fujian e Cantão (Guangdong). O aumento da urbanização ocorreu especialmente em pequenas cidades durante o governo Qing. Ao contrário das grandes cidades chinesas, como Pequim, e suas conurbações que eram alimentadas pelo rentismo de lordes absenteístas e taxaço de zonas rurais, o crescimento de centros urbanos menores esteve relacionado ao aumento da comercialização na China e o desenvolvimento de redes comerciais. O crescimento do volume de comércio intra e inter regional e o aumento do comércio campo-campo ajudou a desenvolver cadeias de distribuição urbanas e semiurbanas que forneciam a infraestrutura para essa comercialização crescente com vias de transporte, armazenamento entre outras estruturas. (ROWE 2008)

O nível de urbanização veio aumentando lentamente desde o Ming, mas possivelmente ainda não teria alcançado o nível de urbanização do período Song (960-1279).¹⁶ No baixo Yangtzé a urbanização era em torno de 7,4% em 1843 segundo William

¹⁶- A invasão Mongol levou a uma grande retração no nível de urbanização chinês no século XIII, mas não se sabe exatamente qual era o nível de urbanização no período.

Skinner (1977) e possivelmente tinha chegando a 10% em 1200.¹⁷ O apoio das dinastias Ming e Qing ao setor rural foram as possíveis causas para esse crescimento populacional rural e baixa urbanização, no caso dos Qing a expansão territorial e os incentivos a migração para novas áreas parecem ter sido essenciais para essa dinâmica geográfica de crescimento concentrada no campo. As cidades chinesas apresentavam maior salubridade e menos riscos de invasão ou cerco por conta de guerras que as cidades européias e mesmo assim tiveram crescimento populacional relativamente menor que na Europa. O campo tinha assim uma dinâmica de crescimento que seguiu a população em zona rural. Não houve “cercamento de campos” na China, pelo contrário, o governo agiu para manter a população em regiões rurais.

Os grandes fluxos migratórios chineses no século XVIII foram para regiões em desenvolvimento como a Manchúria, as províncias de Shaanxi¹⁸, Gansu, Hubei, Hunan, Guangxi, Sichuan, Yunnan, Guizhou e Taiwan e não para as regiões desenvolvidas como Pequim, Cantão e Jiangnan. (MYERS & WANG 2008) Entretanto, apesar da grande densidade populacional no Baixo Yangtzé, maior que da Europa, e a contínua migração para fora da região desde o século XI e XII, a população continuava aumentando muito na região por conta do crescimento vegetativo. (ROWE 2008)

Diferente da Europa, não foi o aumento de fertilidade que levou ao aumento populacional na China. Pouca fertilidade, nupcialidade feminina universal e pouca poligamia masculina foram constantes no sistema demográfico chinês. No entanto, a mortalidade caiu muito pelo aumento da amamentação¹⁹, a disseminação de manuais de como cuidar de crianças, a proliferação de cultivos do novo mundo como milho e batata e a inoculação da varíola. Mais importante que todos esses fatores foi a queda do infanticídio especialmente o feminino que chegava a ser entre 20 e 25% das mulheres recém-nascidas. O infanticídio entre os chineses não era simplesmente a resposta para crises alimentares, embora as crises alimentares aumentassem a incidência dessa prática, mas uma prática rotineira de planejamento familiar. (ROWE 2008)

Infelizmente, apesar dos dados abundantes do governo chinês sobre estimativas populacionais, muito deles foram consideradas errôneas pelos historiadores. Lavelly e Wong (1998) que compararam três fontes de dados Perkins (1969), Jones e McEvedy (1978) e os dados oficiais do governo chinês com a população europeia. É bom lembrar que em território a China Qing e a Europa tem tamanhos comparáveis justificando essa comparação. Os dados foram compilados na tabela 2 abaixo:

¹⁷ Segundo Skinner (1977) as maiores cidades Qing por volta de 1800 (Pequim, Suzhou, Cantão, Nanquin e Wuhan) eram menores que as metrópoles Song de Kaifeng e Hangzhou.

¹⁸ Romanizada como Shensi

¹⁹ Alguns autores acreditam que não há dados suficientes para comprovar isso.

Tabela 2 – População China e Europa em milhões

Região	China	China	China	Europa
Fonte	Oficial	Perkins	McEvedy e Jones	McEvedy e Jones
1400	64	73	75	60
1500			100	81
1600	74	160	150	100
1650	88	125	130	105
1700	101		150	120
1750	180	225	215	140
1775	264			160
1800	350		320	180
1850	430	410	420	265

Fonte: LAVELY, William; WONG, R. Bin. Revising the Malthusian Narrative: The Comparative Study of Population Dynamics in Late Imperial China. *Journal of Asian Studies*, Vol. 57, N 3, PP. 714-748, Agosto, 1998.

A leitura dos autores é de que os dados oficiais sobre a população chinesa subestimou muito a população até a segunda do século XVIII. A partir desse período as três estimativas para a China convergem. Em relação a Europa tem-se uma população comparável entre 1400 e 1500 embora o crescimento populacional na China esteja acima da europeia. Entre 1500 e 1600 a população chinesa aumenta muito mais velozmente que a Europa o que é parcialmente compensado pela crise do início do governo Qing e fim do governo Ming no início do século XVII. Da segunda metade do século XVII em diante é que a população chinesa se distancia. Somente na segunda metade do século XIX a população europeia cresce mais rapidamente que a chinesa em todos os cenários.

É possível concluir então que há um crescimento populacional maior na China, mas essa diferença só se sobressai definitivamente com a ascensão do governo Qing o que prejudica uma interpretação Malthusiana de longo prazo como justificativa para o processo de divergência.

Assim a ideia de uma China atrasada vem sendo reformulada por uma série de dados e argumentos trazidos pela escola da Califórnia. Hobson (2004) chega a argumentar que a China estava em vias de se industrializar até ter seu desenvolvimento interrompido pelo imperialismo Ocidental. Curiosamente essa interpretação de Hobson é a mesma dada pelo estudo histórico maoista da China que foi inspirada por Marx. Para os maoistas a China também teria começado a ter brotos de capitalismo (*sprouting of capitalism*) no mesmo período que a Europa. Ainda segundo os maoistas, a China seguiria os cinco modos de produção Stalinistas (primitivo, escravocrata, feudal, capitalista e socialista) estando na

passagem do período feudal para o capitalista quando teve seu desenvolvimento rompido pela interferência Ocidental. Nesse sentido os maoistas se diferenciavam de Marx que defendia que o imperialismo Ocidental levaria o capitalismo para a China adiantando o processo que culminaria no socialismo. (HUANG 1990)

A nova linha histórica reformista que surgiu na China nos anos 1980 não pode ser considerada essencialmente marxista já que não mais procurava uma transformação especificamente na luta de classes para falar da capacidade de transformação e nível de desenvolvimento da sociedade chinesa no período Qing. Esses novos pesquisadores concentraram seus estudos em localizar aumentos de produtividade, comercialização e sementes do capitalismo. Foi esse grupo que propôs que o desenvolvimento do Delta do Yangtzé foi comparável a Inglaterra no início da modernidade. (HUANG 1990) Esse grupo certamente inspirou a Escola da Califórnia e conforme seus estudos foram traduzidos para o inglês uma nova visão da China surgiu.

Essa reformulação sobre o desenvolvimento chinês é muito profunda, mas se enfatizou aqui o aumento de comércio, transformações sociais, aumento da produtividade agrícola, monetização, expansão territorial e populacional, qualidade de vida, apetite por inovações e problemas no acúmulo de capital. Em especial pretende-se chamar atenção para o aumento da produção industrial têxtil, rural e caseira na China que possui semelhanças com o que aconteceu na Europa no período pré-moderno. A tese argumentará que ambas podem ser categorizadas como protoindústria segundo colocado por Mendels (1972), mas que o avanço dessa produção na China não aponta para uma industrialização moderna como na Europa.

Na Europa aproximadamente nos séculos XVI ao XVIII a maior parte da produção têxtil industrial voltada para o comércio interno e externo ocorreu sob a forma dessa produção rural, caseira e familiar. A própria expansão global europeia e a formação dos mercados globais com o colonialismo ocorreram fundamentadas nessa forma de produção e na expansão da mesma. Os têxteis usados para vestir escravos e ensacar produtos diversos coloniais eram feitos pela protoindústria. A importância da protoindústria atraiu a atenção de muitos autores desde Marx até a Escola Histórica de Economia Política Alemã e culminou com o desenvolvimento de uma teoria que enfatiza a importância do crescimento desse tipo de indústria para a transformação social e ganhos produtivos que culminariam na Revolução Industrial.

Paralelamente a Europa, a China tinha uma crescente produção industrial baseada nessa forma de produção. É no desenvolvimento dessa indústria na China que essa tese pretende se focar. Não seria a protoindústria e os fatores apontados pela Escola da Califórnia indícios de que a China estava num processo de dinamismo e “evolução” econômica? Não

estaria a China também em vias de se industrializar? Ao que parece a teoria protoindustrial reforçaria a tese da Escola da Califórnia.

Infelizmente a teoria protoindustrial foi desenvolvida e focada na Europa e por isso é preciso abordar o tema no seu nascedouro que é a própria Europa antes de levar essa discussão para a China. O próximo capítulo debaterá a teoria protoindustrial como foi formulada para a Europa abordando o que é protoindústria, quais seus impactos socioeconômicos segundo seus defensores e de que maneira ela teria contribuído para a Revolução Industrial na Europa.

CAPÍTULO 2 - PROTOINDÚSTRIA – O DEBATE TEÓRICO

2.1 Introdução

Protoindústria é um nome novo em um debate antigo. Há muito se discute o papel da produção rural caseira na transição do feudalismo para o capitalismo. Marx (1887, Capítulo 30), por exemplo, distinguiu, embora sem nomeá-las, dois tipos de indústria doméstica: (i) uma de indústria doméstica “original” que se centrava na produção para autoconsumo e (ii) uma indústria doméstica “auxiliar” que tinha como finalidade suprir as grandes fábricas (*large manufactories*) capitalistas com produtos semiacabados. Embora Marx não tenha dado muita importância analítica a essa segunda definição ela se aproxima do conceito de protoindústria. Dentro da tradição marxista, Maurice Dobb (1946) defendeu que no período de transição do feudalismo para o capitalismo, entre os séculos XV-XVI e o XVIII, existiu um período de “capitalismo imaturo”. Nesse período o capital começou a penetrar na produção através tanto do assalariamento da mão de obra quanto através da indústria artesanal caseira no sistema conhecido como “*putting-out system*”.

Anteriormente a Maurice Dobb, a Escola Histórica de Economia Política Alemã²⁰ já tinha usado o conceito de indústria familiar (*household Industry*) como uma categoria histórica, que caracterizava uma fase de transição entre a produção industrial para autoconsumo e o sistema de fábrica (*factory*)²¹. A expansão dessa indústria familiar para mercado estaria conectada com a expansão da exportação no período pré-moderno e a incapacidade das guildas de atender o aumento de demanda. Para essa escola a indústria familiar estaria ligada de maneira causal a indústria moderna sendo essa a base da teoria protoindustrial. (GULLICKSON 1983; KRIEDT, MEDICK e SCHLUMBOHM 1981)

Um refinamento da teoria dentro da escola histórica alemã levou a denominar essa produção familiar para mercado não como uma fase de transição, mas como um momento específico distinto tanto da produção artesanal (*handicraft*) quanto da produção fabril (*factory*). A distinção específica dessa indústria familiar seria a presença de duas classes assimétricas: O pequeno produtor rural e os comerciantes que dominavam a produção. (GULLICKSON 1983; KRIEDT, MEDICK e SCHLUMBOHM 1981).

²⁰ Escola de pensamento que se desenvolveu da década de 1840 até a Primeira Guerra mundial e defendia que a economia depende da cultura não podendo ter regras universais dedutíveis. A ciência econômica deveria então se dedicar a análise rigorosa da realidade e não a dedução de teoremas lógicos. Um de seus mais famosos precursores foi Friedrich List. (SHIONOYA 2005; CLARKSON 1985)

²¹ Esta é a interpretação proposta por Gustav Schmoller & por Karl Bücher . Para uma descrição da visão empírica de história econômica desses autores ver Usher, 1949, ver especialmente, a página 138.

O debate sobre indústria doméstica toma uma nova dimensão com a publicação do artigo *Proto-industrialization: The first phase of the industrialization Process* em 1972 de Franklin Mendels que sistematizou o conceito de protoindústria certamente influenciado pelos trabalhos citados²². Esse artigo seminal abriu um grande polêmica sobre a relação entre a indústria artesanal, protoindústria e sistema de fábrica. Esse debate qualificava a relação entre produção industrial – produzida pelo sistema de fábrica – um fenômeno do final do século XVIII e do século XIX – e a produção artesanal e doméstica de produtos manufaturados. Em muitas regiões do que hoje é a Alemanha, a França, Holanda e Inglaterra havia uma grande produção realizada por famílias camponesas de produtos manufaturados, sob encomenda de comerciantes urbanos.

Na Europa a produção industrial para mercado estava em expansão em valor total, valor relativo e mão de obra ocupada antes da Revolução Industrial. Esse fenômeno esteve relacionado à mudança da produção industrial no mercado de produtos têxteis de bens de luxo para bens de massa. Jones (1968) argumentou que o aumento da competição pelo mercado interno inglês e a abertura de mercados coloniais pressionavam a demanda por têxteis de baixo custo. Nessa transição a seda foi substituída pela lã como insumo básico da indústria. A lã era mais simples de ser trabalhada, exigia menos conhecimentos técnicos e seu produto se voltava para o mercado de massa. A Inglaterra se beneficiou especialmente dessa transição por dispor de grande oferta de lã.²³ Esse processo se acelerou já no século XVII através do sistema protoindustrial. (CLARKSON 1985; GULLICKSON 1983; LANDES 1969; LEVINE 1977; MENDELS 1972; KRIEDT, MEDICK e SCHLUMBOHM 1981)

A tese de Mendels, posteriormente aprimorada por seus seguidores, é que esse aumento da produção de mercadorias manufaturadas pelas famílias em distritos rurais para posterior comercialização vai impulsionar a Revolução Industrial. O conceito de protoindústria cumpriria o papel de explicar a particularidade dessa produção doméstica para o mercado e, ainda, mostrar a forte correlação entre os distritos em que se observava a existência de protoindustrialização e o surgimento no século posterior do sistema de fábrica. Mendels acreditava que poderia encontrar na indústria pré moderna e na sua dinâmica tendências intrínsecas que culminariam na Revolução Industrial. (GULLICKSON 1983)

Antes da indústria moderna a maior parte da produção industrial acontecia no campo

²² Clarkson (1985) chega a defender que o trabalho de Mendels não acrescenta nada a teoria que já estava colocada por outros autores. Para Clarkson a única diferença é que os trabalhos pós-Mendels são feitos por historiadores com instrumental econômico que esperavam achar explicações para países subdesenvolvidos. Essa tese não concorda com a interpretação deste autor. Mendels e seus seguidores contribuíram de maneira original para a pesquisa, explicitando causas e consequências da protoindústria e sua relação com a indústria moderna de forma nova, embora seja inegável que tenham bebido de muitas fontes.

²³ O algodão só será o principal produto têxtil de exportação na Inglaterra no final do XVIII segundo Hobsbawn (1977) ou início do século XIX, segundo Cameron (1985).

e era voltada para o autoconsumo. A produção industrial para mercado se concentrava nas cidades. Com o alargamento das relações de mercado os produtos industriais rurais passaram a ser comercializados em mercados locais. A protoindústria surge numa fase posterior a essa quando os produtos industriais rurais passam a ser vendidos em mercados não locais, como mercados inter-regionais ou internacionais.²⁴ No século XVII e XVIII a produção industrial comercial nos moldes da protoindústria apequena a produção industrial comercial urbana. A maioria dos produtos da protoindústria era têxtil, mas havia também outros produtos como luvas, produtos de palha, de vidro e trabalhos em couro e mesmo metal, todos crescentemente dependentes do capital de mercadores. Entretanto essa tese se focará nos produtos têxteis. (BRAUDEL 2009; HOBBSAWN 1977; HOUSTON & SNELL 1984)

Mendels (1972) vai defender que a protoindústria catalisa o processo de Revolução Industrial não sendo coincidência a precedente proliferação protoindustrial nas regiões que vão se industrializar em diversos países europeus. Diversos autores posteriormente vão concordar, aprofundar e debater a teoria de Mendels. A teoria protoindustrial, a princípio, parece bastante plausível; afinal o modelo protoindustrial foi responsável pela maior parte da produção industrial antes da Revolução Industrial e permaneceu significativo posteriormente. Mendels ressaltou no seu texto seminal citando Hicks “A Revolução Industrial foi o início da indústria moderna e não o início da indústria”²⁵.

De fato, em algumas regiões da Europa Ocidental, uma parte crescente da mão de obra vinha se dedicando, mesmo que em regime sazonal, a atividades manufatureiras antes da Revolução Industrial. A atividade industrial vinha crescendo em valor total, valor relativo e mão de obra ocupada antes do fim do século XVIII mesmo não seguindo os moldes da indústria moderna. Isso poderia indicar uma tendência estabelecida. Mendels defendeu que esse modo anterior de produção industrial teria permitido e acelerado o desenvolvimento da indústria moderna. (MENDELS 1972; LEVINE 1977)

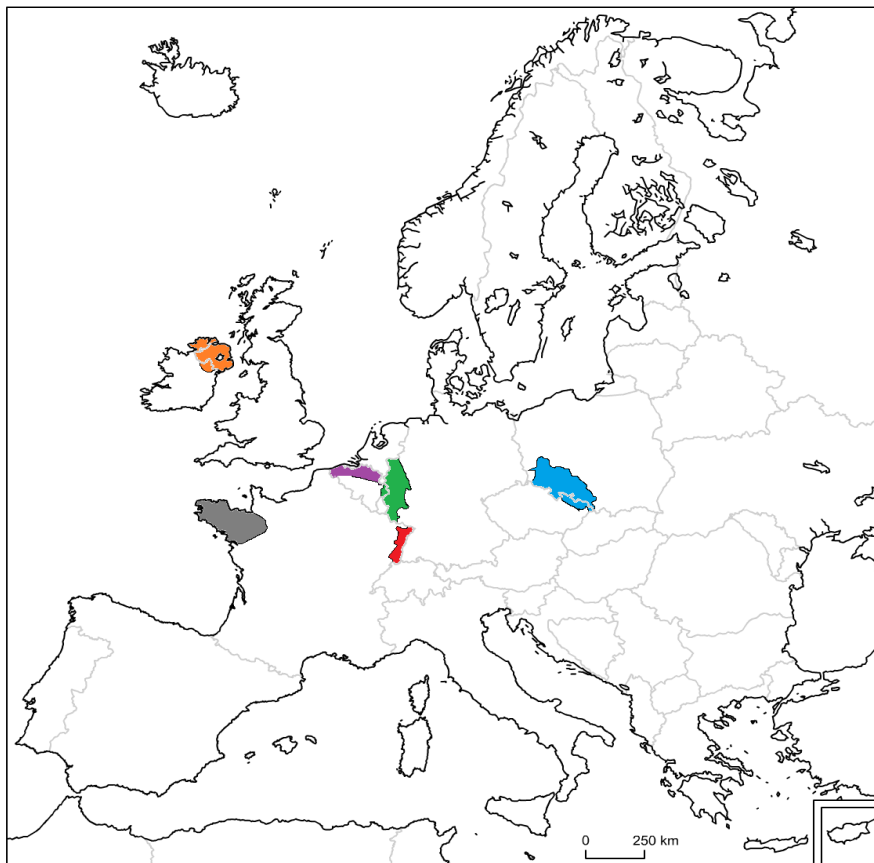
Segundo Mendels a indústria moderna se desenvolveu predominantemente onde a protoindústria se localizava, indicando um *continuum* de transformações que levaram a protoindústria até a indústria moderna, este teria sido o caso da Alsácia e Renânia localizadas na França e Alemanha respectivamente. Entretanto a relação da protoindústria com a indústria moderna não é de necessidade, já que muitos polos de protoindústria sumiram sem

²⁴ É preciso ter cuidado ao termo “fase”. O fato de um processo de produção e distribuição se seguir ao outro não quer dizer que ambos não possam coexistir ou que possa haver regressão de uma fase posterior para uma fase anterior ou que fases devam ser seguidas de forma sucessiva. Quando se diz que uma fase se segue a outra quer se dizer apenas que há uma tendência histórica para que uma fase se siga a outra e que, no longo prazo, a fase posterior tende a crescer em detrimento da anterior. Categorizar em fases não quer dizer que exista um processo mecânico e irreversível na passagem de uma fase para outra como colocado por Braudel (2009) e repetido pelos protoindustrialistas Kriedt, Medick e Schlumbohm (1981).

²⁵ Mendels, 1972 p. 241. O texto citado está em Hicks, 1969, p. 141

acompanhar o ritmo de modernização - sendo antes arrasados pela competição com a indústria moderna nascente. Esse é o caso de Ulster na Irlanda; Silésia, localizada na Polônia na fronteira com Alemanha e República Tcheca; Flandres na Bélgica e Bretanha na França para falar somente de casos europeus. No caso da China a protoindústria entrará em competição com a indústria moderna. Segundo Marx (1853), essa competição levaria ao fim grande parte da produção artesanal chinesa, isto é, teria sido varrida pela concorrência com os produtos europeus e a industrialização das cidades chinesas. Huang (1990) relata que embora a concorrência com a indústria inglesa tenha afetado a indústria rural chinesa, a protoindústria chinesa demonstrou resistência até a era comunista. A questão da China será melhor discutida mais a frente.

Figura 1 – Regiões de grande protoindustrialização citadas



Fonte: Mendels (1972)

Legenda: Vermelho – Alsácia; Verde – Renânia; Laranja – Ulster; Azul – Silésia; Roxo – Flandres; Cinza – Bretanha

Exceções a continuidade protoindústria para indústria moderna ainda ocorreram onde novos combustíveis ou matéria prima abundante podiam ser facilmente exploradas criando polos industriais modernos onde a protoindústria não esteve presente como Lorraine na

França ou Krivoi Rog na Ucrânia, regiões que tinham ferro abundante e de baixo custo de mineração. (MENDELS 1972)

Como elementos determinantes de uma fábrica moderna no início da Revolução Industrial podemos colocar (i) uma produção centralizada, (ii) uso de mão de obra assalariada, (iii) controle da produção e dos meios de produção pelo capitalista e (iv) uso significativo de capital fixo para os padrões da época. Até não muito tempo essa não era a maneira mais comum de produção industrial. Braudel (2009) ressaltou o fato da palavra “indústria” ter sido totalmente apropriada nesse sentido moderno de fábrica, enquanto na maior parte do tempo significou simplesmente “trabalho, atividade, habilidade” se ligando a ideia de “produção artesanal”. Ironicamente para retornarmos a esse sentido antigo, que perdurou por muitos séculos, temos que usar prefixos como *pré-indústria* ou *protoindústria*. Essa necessária ruptura etimológica nos remete ao quão transformadora foi a Revolução Industrial²⁶.

O trabalhador da protoindústria era, de modo geral, um agricultor em nível de subsistência que não conseguia se alimentar apenas de sua produção agrícola, precisando de um complemento de renda que vinha do trabalho industrial. Esses trabalhadores pertenciam a um estrato bem baixo da estrutura social. (MENDELS 1972; KRIEDT, MEDICK e SCHLUMBOHM 1981)

Pela definição de Mendels, a protoindústria é caracterizada por ser uma (i) indústria caseira, (ii) familiar, (iii) localizada na região rural (iv) com quase nenhum capital fixo. Até aí pouca diferença existe em relação à produção de sociedades tradicionais. Por exemplo, a produção de farinha de mandioca por sociedades indígenas americanas dividem praticamente os mesmos elementos: indústria caseira, familiar e com quase nenhum capital fixo. O que torna a produção da protoindústria singular é sua orientação para o mercado e não para o autoconsumo. (MENDELS 1972; DIAMOND 2012)

Adam Smith defendeu que é a divisão do trabalho o que leva a ganhos de produção e produtividade. A divisão do trabalho permite especialização, economia de tempo na troca de funções e facilita a invenção de instrumentos que poupam trabalho. E é a troca que permite que os indivíduos se beneficiem desses ganhos de “divisão do trabalho”. Assim, a protoindústria traria os benefícios apontados por Smith o que a produção para autoconsumo não faz. Embora possamos reconhecer algo de Smith no argumento de Mendels não é assim que ele coloca as vantagens da protoindústria como veremos mais a frente. (MENDELS 1972; CERQUEIRA 2000; SMITH 1977 [1776])

O funcionamento da protoindústria na Europa esteve bastante atrelado ao sistema de

²⁶ - “Sob qualquer aspecto, este (A Revolução Industrial) foi provavelmente o mais importante acontecimento da história do mundo desde a invenção da agricultura e das cidades.” (HOBBSAWM, 1977, p.60)

produção e distribuição conhecido como *putting-out system*²⁷. Um sistema de organização produtiva caracterizado por uma espécie de subcontratação que existia desde o século XIII.²⁸ No *putting-out system* os trabalhadores da protoindústria não negociavam diretamente com o consumidor final e sim com um mercador que lhes vendia matéria prima e comprava o produto acabado configurando uma espécie de subcontratação por parte do mercador. A cada uma ou duas semanas as feiras eram realizadas nas cidades e mercadores se encontravam com pequenos produtores ou revendedores que haviam previamente negociado diretamente com os pequenos produtores. (BRAUDEL 2009; MENDELS 1972; CLARKSON 1985)

Max Weber descreveu a relação entre os camponeses e os comerciantes que operavam com o sistema de **put out** em uma conhecida passagem do “Espírito do Capitalismo.” (1987 [1905])

“Os camponeses traziam seus tecidos, geralmente feitos (no caso do linho) principalmente ou estritamente, de matéria-prima que eles próprios produziam, à cidade onde vivia o putter out, e depois de uma cuidadosa avaliação de qualidade, frequentemente oficial, recebiam por ela o preço costumeiro”. (WEBER, 1987 [1904], p.27)

Na versão em português do Espírito do capitalismo putter out foi erradamente traduzido como produtor. De fato putter out não tem uma tradução para o português. A tradução mais próxima seria comerciante, mas nem todo o comerciante é um putter out. Somente quando o mercador fazia uma encomenda ao pequeno produtor protoindustrial podemos falar de putter out. Qualquer mercador que simplesmente negociava nas feiras urbanas com os produtores não pode ser considerado um putter out.

O putter out muitas vezes adiantava a matéria prima ao produtor lhe oferecendo um tipo de crédito. Isso era bastante comum já que o produtor rural raramente tinha capital para comprar os insumos necessários, especialmente quando esses insumos vinham de mercados distantes como era o caso do algodão. O trabalho rural que ainda prendia os trabalhadores no campo e a dificuldade de locomoção dos trabalhadores devido à qualidade das estradas eram outros motivos que faziam do *putting-out system* um sistema adequado para a produção industrial para mercado em um período pré-urbano. (MENDELS 1972)

Com adiantamentos para comprar a matéria prima os mercadores passaram a interferir no processo produtivo rural exigindo prazos, estabelecendo metas de qualidade e preço do produto final. Mesmo assim, o controle do mercador sobre a produção permanece

²⁷ Também conhecido, mas menos usado, como *workshop system* ou *domestic system*.

²⁸“Tal sistema surge muito cedo, bem mais cedo do que se costuma dizer, seguramente logo após a expansão do século XIII. Como interpretar de outro modo uma decisão do preboste dos mercadores de Paria, em junho de 1275,” que proíbe às fiandeiras de seda empenharem a seda que os armarinheiros lhes dão para trabalhar, a venderem ou trocarem sob pena de banimento”?” (BRAUDEL, 2009, p. 276)

tênue em relação ao processo de fábrica já que o mercador não podia vigiar diretamente o trabalho realizado que era supervisionado e ditado pelo pequeno produtor rural dono dos meios de produção que trabalhava em sua própria casa²⁹. (MENDELS 1972; KRIEDT, MEDICK e SCHLUMBOHM 1981)

De modo geral os produtores rurais nessa indústria não tinham a capacidade de levar por sua própria conta o produto até os mercados finais por falta de capital, tempo ou conhecimento. Esse sistema de produção dependia então dos mercadores, sejam putter out ou não, que compravam o produto e revendiam em mercados distantes. Uma prática comum era os mercadores contratarem pessoas da região para fazer o intercâmbio entre eles e os pequenos produtores rurais facilitando a supervisão da produção e a troca entre matéria-prima e produtos. Esses agentes foram chamados de *middlemen* por intermediarem esses dois agentes. (KRIEDT, MEDICK e SCHLUMBOHM 1981; MENDELS 1972)

No *putting-out system* os trabalhadores podiam morar no campo com suas famílias produzindo manufaturas em casa e controlando o processo produtivo o que aumentava muito sua qualidade de vida, entre outros motivos, por evitar centros urbanos. As cidades europeias foram chamadas de armadilhas da morte (*death traps*) dada a alta mortalidade que a falta de saneamento gerava³⁰. As cidades também eram vítimas de cercos, saques e outras vicissitudes que aumentavam a mortalidade dessas regiões. (MOKYR e VOTH 2010; MENDELS 1972)

Assim, os mercadores lucravam unicamente com a circulação de mercadorias não tendo forte controle sobre a produção³¹. Ficou estabelecido assim um sistema de produção e distribuição que Braudel (2009, p. 201) chamou muito acertadamente de “capitalismo em casa alheia”. A protoindústria seria então centrada em produtos têxteis e controlada pelo capital urbano dos mercadores que, trabalhando através do *putting-out system*, integravam pequenos produtores caseiros a mercados regionais, supra regionais e internacionais. (HOUSTON & SNELL 1984)

De fato o ganho através da circulação de mercadorias é a principal forma de propagação do capitalismo antes do século XIX:

Até a Revolução do século XIX, momento em que se apropriará da produção industrial promovida à categoria do grande lucro, é na circulação que o capitalismo se sente mais em casa. Ainda que, ocasionalmente, não se prive de incursões em outros domínios. Ainda que a circulação não o interesse em sua

²⁹ Entretanto, o processo de fábrica já era usado na produção de ferro que exigia grande quantidade de trabalho e precisava estar perto de regiões com acesso ao ferro. (BRAUDEL 2009)

³⁰ Esse não era o caso nos centros urbanos chineses cujo saneamento e outros avanços em saúde eram melhores. (MOKYR e VOTH 2010; MANN 2008)

³¹ Para Marx o controle da produção é central para o desenvolvimento capitalista já que é nesse ponto que o capitalista se apropria da mais-valia. Por conta dessa diferenciação Kriedte, Medick e Schlumbohm, alguns dos principais teóricos da protoindústria, são considerados autores neomarxistas. (KRIEDT, MEDICK e SCHLUMBOHM 1981, MARX 1887, COLEMAN 1983)

totalidade, uma vez que controla, que procura controlar, apenas alguns de seus caminhos. (BRAUDEL 2009, p.200)

Ao mesmo tempo o processo de produção teria que se adaptar as condições do mercado de trabalho da protoindústria, ou seja, se adaptar a uma mão de obra familiar cultural e materialmente ligada a terra. O processo seria então uma adaptação do capitalismo a condições estruturais pré-capitalistas. Por conta da necessidade de ficar na sua terra e de uma mentalidade não capitalista os produtores rurais viravam semi-proletariados camponeses trabalhando indiretamente para empreendedores urbanos, mas mantendo o controle da produção. (HOUSTON & SNELL 1984; JEANNIN 1980)

Vale notar que não foi só o capital mercador que usou a protoindústria. Em 1854 as pequenas armas militares inglesas foram produzidas a mando do governo em pequenas *workshops*. O que demonstra a importância resiliência desse tipo de produção. Posteriormente autores protoindústrias chegaram a defender que entender como esse processo de desenvolvimento da protoindústria se deu nos países centrais poderia ajudar a compreender como se dava a dinâmica econômica em países subdesenvolvidos e como eles poderiam superar a sua condição de subdesenvolvimento já que a indústria caseira é uma característica comum em países como Índia, China e Império Otomano.

Foi visto na seção 2.1 a importância da protoindústria que era responsável pela maior parte da produção industrial e da mão de obra para um mercado em expansão dos séculos XV ao XVIII na Europa. Falou-se origem da discussão sobre indústria rural e seu desenvolvimento dentro de várias escolas de pensamento até culminar com a teoria de que a protoindústria seria importante no desenvolvimento posterior que foi nomeado de teoria da protoindústria. Ao mesmo tempo foi discutido conceitos básicos da protoindústria e do *putting-out system*. A seção 2.2 falará mais especificamente de como a protoindústria contribuiu para o desenvolvimento industrial de acordo com Mendels e outros proponentes da teoria da protoindústria.

2.2 Contribuição da protoindústria para a Revolução Industrial

Considerando-se a importância da protoindústria na dinâmica econômica do século XVIII surge a questão sobre como e de que forma ela pode ter contribuído para a industrialização posterior? O trabalho seminal de Mendels analisou detidamente essa questão. Esse autor distinguiu na protoindustrialização quatro fatores que poderiam alavancar uma industrialização moderna:

Primeiro fator, os comerciantes, sejam *putters out* ou não, através desse processo,

acumulavam capital que depois poderia ser usado no estabelecimento de fábricas modernas. Como visto, as fábricas modernas, ao contrário da indústria doméstica, precisavam de maior capital fixo em máquinas e equipamentos assim como empregados permanentes que não estivessem à mercê da sazonalidade agrícola.³² A agricultura tinha períodos de intensa necessidade de trabalho durante a colheita e o plantio, mas o resto do tempo não tinha grande necessidade de trabalho. Era normalmente no período entressafra que o trabalhador rural se dedicava a produção industrial. Ao produzir o próprio alimento o trabalhador podia ser cooptado para produção protoindustrial por uma renda abaixo do nível de subsistência uma vez que parte da subsistência vinha de sua própria produção agrícola. Isso reduzia os custos de trabalho, mas uma vez que a alta produtividade se tornou um imperativo a dedicação parcial do trabalhador a agricultura se tornou algo indesejável.

Segundo fator em que a protoindústria contribuiu para a industrialização moderna, o processo de compra e revenda de mercadorias fornecia capacidade empreendedora e conexões de mercado para a classe mercantil. Terceiro fator, a produção em massa para o mercado fornecia conhecimento técnico do processo produtivo para trabalhadores que posteriormente seriam empregados nas fábricas e manufaturas centralizadas.³³ No início da industrialização os conhecimentos técnicos para a modernização da indústria têxtil eram simples fazendo dessa mão de obra com alguma experiência uma importante força de trabalho.³⁴

Quarto fator, Mendels também enfatiza que a concentração de protoindústria em certas regiões levou outras áreas a se especializar em agricultura comercial. Os trabalhadores que se especializavam na produção industrial não eram mais autossuficientes na produção alimentar e passaram a depender do mercado para garantir sua subsistência. A protoindústria contribui assim, pelo lado da demanda, à produção agrícola comercial aumentando os mercados e levando aos três ganhos de especialização “smithianos”, (i) aprofundamento do conhecimento técnico, (ii) economia de tempo na troca de funções e (iii) facilitação de invenção de instrumentos que poupam trabalho. (MENDELS 1972; JEANNIN 1980; CERQUEIRA 2000; KRIEDT, MEDICK e SCHLUMBOHM 1981)

Sobre este quarto fator é interessante notar que ele prevê uma autossuperação do

³² Chapman identificou que 12 das 43 empresas líderes de fiação no norte da Inglaterra foram estabelecidos pelo capital de mercadores na virada do século XVIII para o XIX o que equivale a 28% do total. Além disso, o capital mercador também foi importante para a formação de capital na indústria de algodão nos Midlands, importante centro produtivo na Inglaterra nesse período e na Escócia. (CHAPMAN 1970)

³³ "What happened was, on the contrary, often no more than this: some young man from one of the putting-out families went out into the country, carefully chose weavers for his employ, greatly increased the rigour of his supervision of their work, and thus turned them from peasants into labourers" (WEBER 2005[1904], p. 30)

³⁴ Hobsbawn observou que “Felizmente poucos refinamentos intelectuais foram necessários para se fazer a revolução industrial. Suas invenções técnicas foram bastante modestas, e sob hipótese alguma estavam além dos limites de artesãos que trabalhavam em suas oficinas ou das capacidades construtivas dos carpinteiros, moleiros e serralheiros: a lançadeira, o tear, a fiandeira automática.” (HOBSBAWN, 1977, p.62)

processo protoindustrial. Enquanto o trabalhador da protoindústria normalmente se divide entre produção artesanal e agrícola o desenvolvimento dessa atividade leva ao aprofundamento da atividade agrícola em determinada região e da atividade industrial em outra. Ora, enquanto uma região “A” se dedica a protoindústria ela pode aumentar de tal maneira a demanda por produtos agrícolas que outra região “B”, também protoindustrial, poderia abandonar a produção artesanal para se concentrar unicamente na agricultura desde que tivesse um maior potencial agrícola do que “A”. Esse seria um processo benéfico de "desprotoindustrialização" da região B já que ambas ganham com a especialização. É claro que muitos fatores atuariam sobre esse processo como exportação, a presença de outras regiões agrícolas, aumento da produtividade etc... Não sendo assim a “desprotoindustrialização” um resultado necessário ou evidente da protoindustrialização em outra região. Entretanto parece ser exatamente isso que aconteceu na região do East Anglia na Inglaterra que se especializou na produção agrícola de cereais abandonando a protoindústria enquanto a região norte como o West Riding intensificava a produção industrial tendo também partido da produção protoindustrial.

A acumulação desses quatro fatores citados facilitariam um “processo autônomo” de revolução industrial como ocorreu na Inglaterra. E ainda, mesmo em países seguidores, onde o patamar protoindustrial que catalisaria um processo autônomo de industrialização moderna não tivesse sido atingido, quanto mais desenvolvida estivesse a protoindústria mais fácil seria o desencadeamento de uma revolução industrial por conta dos fatores citados. Mercados isolados ou concentrados unicamente na produção agrária teriam mais dificuldade de reagir à revolução industrial. (MENDELS 1972)

Mendels ressaltou que onde a protoindústria estava avançada, gerando grande quantidade de emprego, os governos tinham também mais incentivo a reagir ao desafio inglês da industrialização. Onde os fatores citados eram insuficientes para facilitar a “industrialização autônoma” moderna, a concorrência com a Inglaterra começou a gerar um processo de desindustrialização e desemprego com grande insatisfação popular. Os governos tendiam então a responder mais rapidamente à industrialização da Inglaterra, para evitar o desemprego em massa decorrente de uma “desprotoindustrialização”.

Os argumentos de Mendels estão colocados na seguinte passagem:

Moreover, the response to the (English) challenge was likely to be most forthcoming where proto-industrialization had, as in the leading regions, created capital accumulation, market connections, entrepreneurial skills, and agricultural progress. This is why modern industry tended to locate itself then, even when change in product specialization was involved, in the regions where there had been handicraft industry before. Exceptions to this can be explained by special circumstances, generally discovery or linking of new fuels or raw materials, (...) where entirely new industrial regions would be created (MENDELS, 1972, p. 245-246)

Antes de prosseguir vale mencionar algumas colocações de Clarkson (1985) sobre a teoria protoindustrial. Clarkson erradamente atribuiu a Mendels um quinto fator pelo qual a protoindústria contribuiria na industrialização moderna: Conforme a protoindústria se desenvolvesse o custo de mão de obra aumentaria incentivando o uso de tecnologias que reduzissem o custo do trabalho. Esse último fator não está presente na obra de Mendels e inclusive é contraditório com a interpretação de Mendels de que a protoindústria tendia, no longo prazo, a piorar a qualidade de vida do pequeno produtor, como será discutido posteriormente. A bibliografia citada por Clarkson não esclarece essa atribuição e por isso essa tese não a incluirá nos fatores defendidos por Mendels.

Clarkson (1985) também comenta que em “visões marxistas da teoria” o trabalho na protoindústria teria preparado os pequenos produtores rurais para os rigores dos horários fabris. Isso é bastante implausível dado que o trabalhador fazia seus próprios horários dentro da protoindústria e estava dentro da própria casa sendo um ambiente muito diferente da fábrica. De fato, esse argumento não é usado nas principais obras sobre a protoindústria.

Voltando ao Mendels, a protoindústria facilita a Revolução Industrial por quatro vias: 1-acumulo de capital na mão dos mercadores; 2-Fornece pensamento empreendedor e conexões de mercado a classe mercadora; 3-Gerava uma mão de obra com conhecimento técnico artesanal e 4-Impulsionava especialização agrícola ao aumentar a demanda de produtos agrícolas pelo mercado e a especialização manufatureira.

Embora inovador, o trabalho original de Mendels sobre protoindústria tem muitas limitações. Em especial Mendels afirma que, além da protoindústria, a disponibilidade de recursos naturais e "**acima de tudo a estrutura socio política**" determinariam o sucesso da transição para a industrialização moderna:

Natural resources availability, the location of the essential new fuels and raw materials and, above all, the socio-political framework, determined the success with which the transition was effected under the tensions introduced by the industrial revolution in the advanced regions. (MENDELS, 1972, p. 246)

Pode-se deduzir que a importância dos recursos naturais para a industrialização moderna fosse a redução de custos de produção, mas não é possível compreender qual seria a importância da estrutura sociopolítica e como ela se relaciona com a industrialização moderna e a protoindústria, pois sociopolítica é um termo muito amplo para se tecer conjecturas sem maiores especificações do autor. Mendels não explica essa relação apesar do destaque dado a essa estrutura sociopolítica. Mendels também não desenvolve com profundidade porque certas regiões tinham mais protoindústria que outras e nem como esse processo teria começado.

Muitas dessas limitações foram enfrentadas por seus seguidores, em especial, no trabalho de Peter Kriedte, Hans Medick e Jürgen Schlumbohm (doravante KMS) do instituto

de história alemã Max-Planck.³⁵ Esses autores avançaram na pesquisa original de Mendels especificando muitos pontos que o autor tinha deixado vago, assim como trazendo novos temas para a discussão sobre protoindústria. Em particular observa-se três contribuições centrais desses autores: (i) A nova interpretação de significado da protoindústria, (ii) a especificação sobre as causas da protoindústria e (iii) novos fatores pelos quais a protoindústria teria contribuído para a industrialização moderna.

Para Mendels, a protoindústria era a “*primeira fase da industrialização*”. KMS vão usar outra definição. Para eles a protoindústria será uma das principais forças na “*segunda fase da transição do feudalismo para capitalismo*”.³⁶ Segundo KMS, a conjunção da protoindústria com outros fatores desenvolveu uma dinâmica que, no final do XVIII, permitiu as áreas mais avançadas e mais “industrializadas” a romper o ciclo malthusiano de crescimento populacional, queda de renda per capita e crises de comida.

KMS voltaram aos primórdios da protoindústria para desenvolver sua teoria. Segundo os autores a tendência à protoindustrialização foi reforçada pela “primeira fase da transição do feudalismo para o capitalismo” decorrente da alteração na maneira de cobrar tributos. No sistema feudal os impostos eram cobrados em serviços, produtos e espécie o que reduzia a circulação monetária e o desenvolvimento de mercados. Ainda na Alta Idade Média, século XI ao XIII, esses impostos começaram a ser cobrados cada vez mais na forma monetária em alguns lugares da Europa. As condições para essa mudança foram duas: (i) o aumento populacional e (ii) o aumento da produtividade agrícola. Essas levaram a integração e crescimento das cidades, aumento das relações de mercado no interior, ocupação de terras virgens e mudanças nas relações de classe. Esse processo foi bem mais rápido e profundo na Europa Ocidental que na Europa Oriental. Nesse contexto os custos de transação para supervisionar os serviços cobrados como a corveia passaram a ser muito altos sendo economicamente vantajoso cobrar impostos em moeda.

No caso da Yangtzé na China o aumento populacional e da produtividade agrícola também coincidiram com uma transição tributária de impostos cobrados em produtos e serviços para impostos cobrados cada vez mais em moedas o que coincide com a expansão protoindustrial chinesa. A tese discutirá melhor o caso da protoindústria na China na seção 5.1.

Voltando ao caso europeu, os impostos em moeda facilitaram e propagaram o desenvolvimento da protoindústria e da agricultura comercial como formas de conseguir os

³⁵ Esses autores deram imensa contribuição para o debate sobre protoindústria especialmente através do livro *Industrialization before Industrialization* de 1981

³⁶ Outra força dirigente na segunda fase da transição do feudalismo para capitalismo seria mudanças no setor agrário decorrentes de influências da protoindústria e da própria dinâmica interna do setor agrário. (KMS 1981)

recursos monetários para pagar o imposto. Já os impostos em produtos e serviços inibiam a produção para o mercado, segundo KMS, pois os produtores tinham a expectativa de que quanto mais produzissem mais seriam taxados pelo governo. Não é muito clara a linha de causalidade nesse ponto. Um aumento da comercialização incentivaria impostos em espécie por ser mais fácil carregar e estocar moeda que outros bens, ou seja, a moeda tem maior liquidez, por outro lado o imposto na forma monetária incentiva a comercialização para se poder pagar o Estado. Embora KMS enfoquem exclusivamente essa última visão, claramente se trata de uma “via de mão dupla”, ou seja, comercialização e impostos monetários são causa e efeito um do outro.

Foi ainda na primeira fase da transição do feudalismo para o capitalismo que emergiu a divisão de trabalho entre cidade e campo. A cidade fazia produtos industriais e o campo fazia produtos agrícolas para mercado.³⁷ Com o tempo começou a ocorrer um grande aumento de demanda de produtos industriais. Essa demanda era interna e externa vinda do comércio intraeuropeu e especialmente das colônias.

As cidades, embora já estivessem especializadas na produção secundária, foram incapazes de absorver esse aumento de demanda por três motivos. Primeiro motivo, as cidades estavam sobre a influência das guildas que tinham como objetivo garantir a qualidade de vida dos seus membros. Com o poder de monopólio as guildas limitavam a produção, controlavam a competição por preço ou qualidade, impediam novos produtos e técnicas que pudessem prejudicar seus membros e limitavam o acesso aos mercados. Isso não quer dizer que os trabalhadores rurais protoindustriais não tentassem se organizar para resistir à exploração ou aos métodos produtivos que mudassem ou prejudicassem seu estilo de vida, mas a capacidade de resistência e organização das guildas nas cidades era muito maior do que a dos camponeses dispersos na zona rural que estavam envolvidos na protoindústria. (LANDES 1969; KMS 1981)

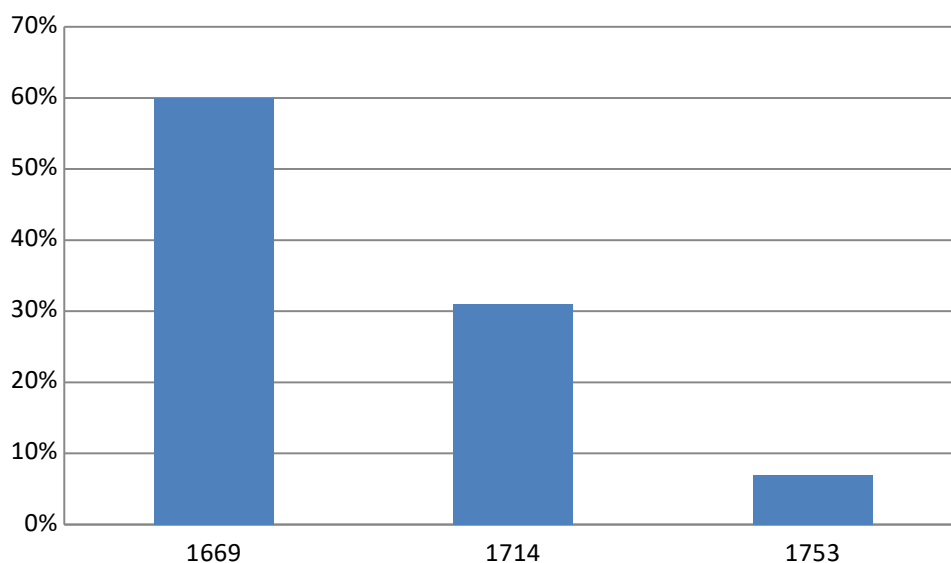
Com o tempo a produção protoindustrial ajudou a minar o privilégio das guildas urbanas que não tinham como concorrer ou manter o controle produtivo frente a grande oferta de produtos manufaturados vindos do campo. As guildas tentaram resistir em algumas ocasiões exigindo regulamentação da produção industrial rural, mas não tiveram muito sucesso. (MEDELS 1972; JEANNIN 1980; KMS 1981)

Um autor que relata em detalhes uma interessante disputa entre protoindústria e guildas urbanas na região londrina é David Levine (1977). Levine cita uma importante disputa legal que a Worshipful Company of Framework Knitters, guilda controlada pela oligarquia londrina, que desde 1663 controlava a produção têxtil na região, teve com camiseiros

³⁷ Vale notar que enquanto a produção industrial para mercado se concentrava nas cidades a produção industrial para autoconsumo, que era muito maior, continuava concentrada na região rural.

protoindustriais da região rural de Nottingham e Cartwright. Os camiseiros rurais não respeitavam as regras de aprendizes, salários e limites produtivos impostos pela companhia. Em 1730 foi dada vitória legal para os produtores rurais o que acabou com o poder da guilda em Londres. Essa vitória e um significativo aumento do movimento ludista em Londres, que em 1710 destruiu mais de cem máquinas de fiar, acelerou o processo de ruralização da produção na região londrina. A queda da importância de Londres foi significativa em termos absolutos e relativos como pode ser visto no gráfico abaixo.

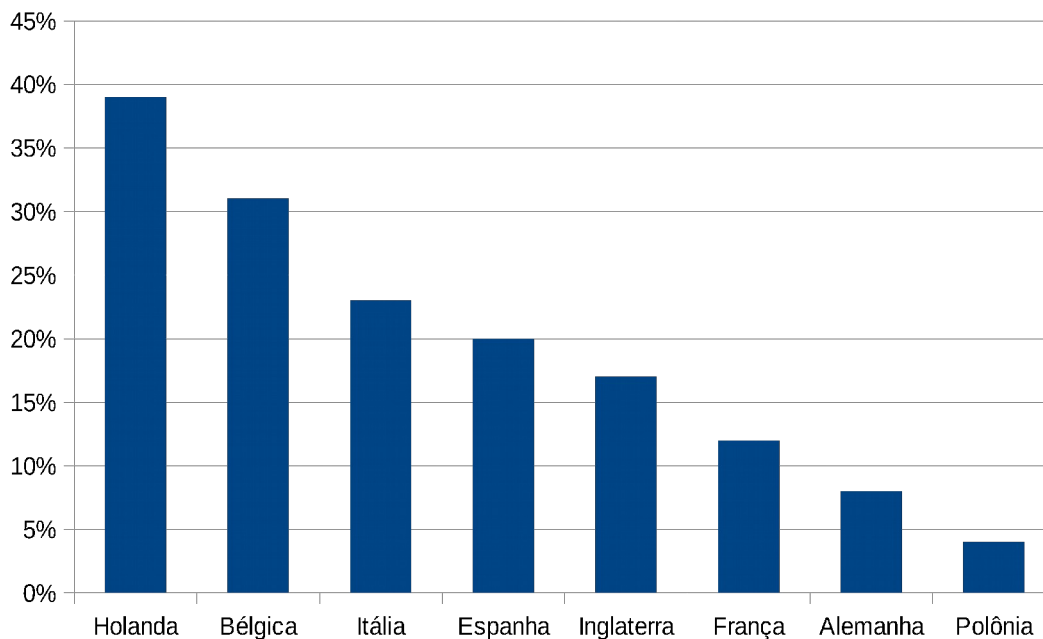
Gráfico 1 – Percentual de máquinas de tecelagem inglesas concentradas em Londres



Fonte: David Levine (1977)

O segundo motivo para que as cidades não atendessem o aumento de demanda industrial foi que a população que vivia nas cidades europeias até o século XVIII era diminuta em relação à população total e, para atender a esse aumento de demanda, era necessária mais mão de obra que só podia ser encontrada no campo, onde estava a maior parte da população. Em nenhum país a população urbana no início do século XVIII chegava a 40% do total como pode ser visto no gráfico 2.

Gráfico 2 – População urbana em países europeus no século XVIII



Fonte: Allen (2000)

Terceiro motivo, o campo oferecia ainda diversas vantagens de custo frente as cidades. Por exemplo, como o trabalhador da protoindústria garantia parte da sua subsistência através da agricultura era possível pagar-lhes salário abaixo mesmo do nível de subsistência. No campo havia ainda menos impostos, algumas matérias primas eram mais baratas e a comida também tinha um custo menor. E ainda, como já mencionado, a menor capacidade do trabalhador disperso na área rural de se organizar para fazer exigências reduzia o poder de barganha desse grupo. Aqui a teoria protoindustrial se identifica com Adam Smith que atribui ao poder de barganha um importante fator na distribuição de renda entre as classes e não com a teoria neoclássica que atribui somente a tecnologia e a quantidade de capital e trabalho disponível a distribuição de renda.

Pode-se então dividir a teoria de expansão protoindustrial de KMS em duas fases; inicialmente uma mudança na forma de taxaço governamental da forma de produtos e serviços para o imposto em moeda. O imposto na forma monetária incentiva o comércio para se conseguir recursos na forma monetária para pagar os impostos e a expansão do comércio incentiva impostos na forma monetária, pois a moeda tem maior liquidez. Posteriormente a necessidade de flexibilizar a oferta de produtos em virtude da demanda interna e externa expandida teria dado novo impulso a protoindústria. A flexibilização da oferta seria mais fácil no campo que na cidade por três motivos: (i) guildas que controlavam a oferta, (ii) diferenças de custo na matéria-prima, alimentos e na mão de obra e (iii) disponibilidade de mão de obra. Nesse segundo momento é que se daria a ruralização da produção industrial para o mercado e

a grande expansão da protoindústria. Bom notar que a produção industrial rural já era significativa antes disso, mas estava muito restrita ao autoconsumo não podendo ser então chamada de protoindústria como definida por Mendels, que é caracterizada pela comercialização do produto final.

Mendels, ao contrário de KMS, não ofereceu também uma teoria clara para o início da protoindustrialização. Mendels escreve simplesmente que “não há uma resposta fácil” e sugere rapidamente e sem nenhum aprofundamento três interpretações: Primeira, aumento exógeno do crescimento populacional que Jan de Vries (1971) teria apontando como causa da protoindustrialização nos países baixos.³⁸ A ligação entre crescimento populacional e protoindústria será melhor desenvolvida na seção 2.4 da tese estando relacionada com o empobrecimento e a necessidade de uma nova fonte de renda.

A segunda interpretação é de que a redução da velocidade de crescimento populacional com aumento de produtividade agrícola teria levado a captura dos mercados agrícolas por agricultores de alta produtividade. Isso teria deixado determinadas áreas empobrecidas carentes de uma nova fonte de renda o que as faria se voltarem para a protoindústria. Essa teoria é defendida por Eric Jones (1974). E a terceira interpretação seria que o impulso pela via da demanda dos mercados coloniais teria incentivado a especialização das regiões dependendo de condições geográficas e institucionais, essa última interpretação é atribuída a Eric Hobsbawm (1965). (MENDELS 1972; KMS 1981)

É possível perceber que KMS usaram parte da literatura que foi indicada por Mendels para fazer uma interpretação mais clara das causas da protoindustrialização. Como se verá, tanto o aumento populacional (apontado por Vries) e do comércio (apontado por Hobsbawm) são ressaltados pelos autores. Além de especificar melhor as causas da protoindustrialização KMS adicionaram dois fatores pelos quais a protoindústria ajudariam no processo de industrialização moderno.

Um dos fatores pelos quais a protoindústria teria contribuído para a industrialização moderna vem da demanda colonial que a protoindústria foi atender. Ao aumentar a elasticidade da oferta industrial, a protoindústria teria permitido a formação dos Sistemas Mundo (*World Systems*) como foi teorizado por Wallerstein (2011). Os países da periferia se especializaram no fornecimento de matéria prima usando trabalho escravo ou servil com baixíssima remuneração enquanto a maior parte do lucro era apropriada nos países do centro que produziam manufaturas e usavam trabalho “livre”.³⁹ Esse sistema de trocas desiguais estabeleceu e reforçou a dicotomia centro periferia e a divisão internacional do trabalho sendo

³⁸ No trabalho original Mendels faz referência a tese de De Vries que não foi publicada, mas posteriormente o trabalho foi publicado nesse artigo de 1971.

³⁹ Os países da periferia também foram vítimas de roubos e saques dos países do centro perpetuados através de intervenção militar. (KMS 1981)

inicialmente alimentado pela protoindústria. Essa forma de inter-relação teria permitido o desenvolvimento do centro enquanto aprisionava a periferia num ciclo de subdesenvolvimento.

O outro novo fator pelo qual a protoindústria ajudaria no processo de industrialização moderno colocado por KMS foi a relação conflituosa entre a protoindústria e o sistema feudal.⁴⁰ Nesse ponto KMS retorna à importância da “estrutura sociopolítica” que Mendels havia considerado essencial para o desenvolvimento da indústria, embora não tenha desenvolvido o tema. Para KMS, o monopólio sobre a força de trabalho exercido no sistema feudal impediria que uma massa de trabalhadores se voltasse para a protoindústria. Os costumes e obrigações feudais eram barreiras para o desenvolvimento da indústria rural.

Os senhores feudais também impediam que os camponeses perdessem as suas terras em caso de quebras de safra, pois tinham interesse em mantê-los nas terras e não liberar essa força de trabalho para outras atividades. Mesmo que por algum motivo fosse desejo dos camponeses dividir a propriedade os senhores feudais ou a comunidade de aldeões poderiam insistir na indivisibilidade da terra suprimindo a emergência de um mercado de terras e controlando o estabelecimento de aldeões.

Finalmente, sob o regime feudal, podia haver controle judicial de casamentos ou do consentimento para que casamentos ocorressem de maneira que o crescimento populacional ficasse restrito. Como se verá, o crescimento populacional, segundo a teoria protoindustrial, é fortemente conectado com o crescimento da protoindústria. Basta adiantar por ora que o controle populacional reduzia a necessidade de divisão de terras entre gerações, com propriedades menores a capacidade de produção agrícola se reduz e a produtividade marginal da terra se exaure mais rapidamente tornando a protoindústria mais atraente. O feudalismo reduzia assim o crescimento populacional e a diferenciação entre os camponeses em produtores protoindustriais e agricultores.

Onde os laços feudais eram mais fracos a protoindústria tinha condições melhores de se estabelecer e uma vez que isso acontecia ela começava a enfraquecer ainda mais o sistema senhorial (*manorial system*) feudal, pois permitia uma fonte de renda que estava fora da propriedade da terra e das relações de poder que eram estabelecidas através da terra. A produção manufatureira necessitava pouco mais que um teto e algumas matérias primas para ser executada. As comunidades, os lordes e as relações de poder intrafamiliares perdiam força com a emergência da indústria rural, pois sempre era possível escapar da dependência da terra e da herança através da produção protoindustrial. Parece que foi nesse conflito com o feudalismo que KMS identificaram a “estrutura sociopolítica” que Mendels havia mencionado

⁴⁰ Esse ponto já havia sido apontado por Thrisk (1961), embora o conceito de protoindústria ainda não tivesse sido definido por Mendels na época.

como determinante acima de tudo para o desenvolvimento da indústria moderna. KMS estariam fechando então essa lacuna na teoria.

O desenvolvimento da protoindústria, assim como da indústria moderna, dependia e também implicava no enfraquecimento de relações de produção feudais. Enquanto a indústria moderna é urbana e precisa de mobilidade do trabalho o feudalismo era rural e precisava de camponeses fixos a terra, sendo essa uma das contradições entre os dois. Nas regiões em que a protoindústria enfraquecia os laços feudais eram também criadas condições para que futuramente uma industrialização moderna pudesse se desenvolver já que os camponeses ganhavam certa liberdade da terra e maior mobilidade. Isso não quer dizer que as condições de produção da protoindústria e da indústria moderna sejam as mesmas. É bom lembrar que na protoindústria o controle da produção ainda estava nas mãos dos trabalhadores e não havia grande inovação técnica.

Segundo KMS (1981), os trabalhadores da protoindústria tinham vários motivos para se opor a inovações técnicas como: alto custo de capital, receio de que a inovação resultasse em desemprego, resistência aos custos de patente e resistência ao aluguel de máquinas que colocassem seu trabalho mais a mercê dos desejos dos empreendedores.⁴¹ Entretanto, o principal motivo apontado por KMS para ausência de inovação é a falta de controle direto da produção por parte do mercador. Não era possível investir em máquinas maiores, mais caras e de maior escala no local de trabalho dos pequenos produtores rurais que muitas vezes era a própria casa dos produtores.

Outros autores ainda colocam diversos outros motivos para a falta de inovação na protoindústria. Levine (1977) defende que os baixos custos do trabalho no campo desincentivavam o investimento em capital por parte do mercador. Esse argumento se assemelha com o que Huang (1990) desenvolverá para o caso chinês como se verá mais a frente. Nessas condições, não compensava substituir mão de obra barata por capital. O custo do trabalho era, por sua vez, mantido baixo devido a grande oferta de mão de obra e da capacidade do mercador de negociar os salários individualmente, devido à desunião dos camponeses.

Para Landes (1969) o principal motivo para a ausência do investimento seria a incerteza relativa a mercados distantes. Como o comércio protoindustrial era muitas vezes interrompido por guerras ou por ausência temporária de demanda especialmente no período mais mercantilista entre os séculos XV e XVIII era desvantajoso imobilizar capital nesse tipo de produção. Somente com a redução das guerras e a maior integração de mercado valeria a

⁴¹ Não fica muito claro em que sentido os pequenos produtores temeriam a inovação por conta do desemprego. No sistema protoindustrial o próprio trabalhador controla o processo produtivo, então por que ele ficaria desempregado usando uma técnica inovadora? Seria falta de demanda? Problemas de competição? KMS não tecem mais explicações sobre esse ponto sendo impossível saber com certeza.

pena investir, mas, nessas condições, o sistema de fábrica se mostrava superior a protoindústria.

Por outro lado, KMS também alegam que os pequenos produtores industriais não tinham de modo geral a mentalidade de um empresário capitalista e não procuravam acumular capital ou investir. A prioridade era garantir a subsistência da família e caso a renda subisse a tendência é que esses produtores procurassem reduzir a oferta de trabalho gastando mais tempo com lazer. O excedente monetário que porventura esses pequenos produtores tivessem era gasto em consumo conspícuo e com drogas de consumo imediato como álcool e tabaco que cumpriam um importante papel na socialização local desses grupos. Essa leitura sociológica é baseada no trabalho de A. V. Chayanov (1966 [1925]) que dá ênfase ao fato de que os pequenos produtores não tinham uma mentalidade de capitalistas.⁴²

Para Chayanov o camponês não terá comportamento capitalista mesmo comercializando, pois seu modo de produção difere de uma empresa capitalista em dois aspectos centrais: (1) depende de seu próprio trabalho, e não de trabalho contratado, (2) produz primariamente para satisfazer as necessidades de consumo da família e não para maximizar o lucro.⁴³ (HUANG 1990)

Todavia não foi simplesmente a falta de inovação técnica que levou a exaustão desse modelo produtivo, embora tenha sido um fator importante. Como a produção protoindustrial se expandia de forma extensiva e não de forma intensiva, dada a falta de inovação, os mercadores tinham que expandir a produção rural para áreas cada vez mais distantes e dispersas. Isso encarecia o custo de transporte e, especialmente, tornava cada vez mais difícil controlar a produção. Interrupções no processo produtivo, perda do produto e roubos por parte dos pequenos produtores se tornaram cada vez mais comuns. Isso aumentava a necessidade de um sistema que centralizasse a produção e permitisse um controle efetivo do processo produtivo por parte do empreendedor. O que levou a centralização do trabalho em grandes manufaturas que permitiram maior controle da mão de obra e ganhos de produtividade. (MENDELS 1972; KMS 1981)

Com a produção centrada no campo e sob o controle dos pequenos produtores os mercadores também tinham grandes desincentivos a investir capital fixo na produção o que somado a dificuldade central de supervisionar a produção gerava outro problema. Nessas

⁴² Não parece errado conjecturar que, pelo fato dos mercados que esses trabalhadores rurais tinham acesso serem pouco diversos, com poucos produtos, havia muito menos incentivo para acumular meios monetários. Entretanto, não se pode descartar que certamente havia grande diversidade regional.

⁴³ A ideia de que a economia camponesa não opera sobre os pressupostos do mercado foi desenvolvida por vários outros autores como Karl Polanyi (1957), Teodor Shanin (1972) e James Scott (1976). A visão de Chayanov foi posteriormente combatida por Theodore Schultz (1964) que defendeu que o mercado competitivo também estava em operação na economia aldeã. Segundo Schultz os aldeões também responderão a incentivos do mercado e oportunidades de maximizar o lucro. A estagnação desse sistema viria somente do retorno marginal decrescente dos investimentos o que KMS também levam em consideração na sua teoria.

condições a produtividade era muito afetada por fenômenos naturais e geográficos. Por exemplo, era preciso construir máquinas movidas à água perto de rios que podiam secar no verão ou congelar no inverno. Uma vez que o processo produtivo estava centralizado e nas mãos dos comerciantes, que agora podem ser chamados de capitalistas, era possível investir em máquinas e equipamentos que permitissem uma produção ininterrupta. O sistema culminou posteriormente com esse investimento que levou ao sistema de fábrica moderna. (MENDELS 1972; KMS 1981)

É bom lembrar que essas fases do processo produtivo: guildas→ protoindústria→ centralização produtiva→ fábrica moderna, podem ter se seguido passo a passo ou com saltos como também podem ter sofrido regressões. Isso varia muito de região para região dependendo de uma série de processos sociopolíticos e geográficos. O ponto central da teoria é que o avanço do processo protoindustrial reforçava a possibilidade de uma revolução industrial caracterizada por fábricas modernas.

Embora o avanço da protoindústria tenha criado condições favoráveis ao aparecimento do sistema de fábrica – essas condições podiam ser necessárias para o sistema de fábrica, mas certamente não eram suficientes. Um determinado nível de demanda, enfraquecimento das relações feudais, presença de capital mercador e mão de obra disponível eram fatores necessários para que o processo protoindustrial chegasse ao seu limite de maneira que um sistema mais avançado de produção pudesse ser utilizado. Isso ocorreu de maneira “natural” somente na Inglaterra enquanto os outros países ainda não teriam chegado a esse momento de ruptura e tiveram dificuldade para acompanhar o desafio inglês o que levou muitas regiões à desindustrialização.⁴⁴ (MENDELS 1972; KMS 1981)

Viu-se então que a protoindústria teria levado a ruralização da produção de produtos industriais para a oferta no mercado. Essa ruralização foi consequência do expressivo aumento de demanda graças a integração de mercados e das vantagens da protoindústria frente a indústria urbana das guildas. Entre essas vantagens foram mencionadas a disponibilidade e o baixo custo de mão de obra, o custo dos insumos, e a ausência de monopólios. Além disso, a protoindústria teria facilitado a emergência da indústria moderna por seis fatores. Quatro desses fatores foram colocados por Mendels: (I) acúmulo de conhecimento comercial e empreendedor por parte dos mercadores, assim como (II) acúmulo de capital na mão da classe mercadora, (III) acúmulo de conhecimento técnico produtivo por parte dos produtores, (IV) especialização regional manufatureira de um lado e comercial agrícola de outro. E dois fatores foram acrescentados por KMS: (V) enfraquecimento de relações feudais e (VI) flexibilização da oferta de maneira que os mercados mundiais

⁴⁴ Inclusive regiões protoindustriais se desindustrializaram dentro da própria Inglaterra (COLEMAN 1983)

pudessem se integrar. Na próxima seção discute-se os aspectos regionais do desenvolvimento da protoindústria.

2.3 Fatores que facilitaram o desenvolvimento da protoindústria

Se a protoindústria era tão central na dinâmica econômica a ponto de produzir a maior parte dos produtos industriais para o mercado e foi tão importante para seu desdobramento, ao facilitar o desenvolvimento industrial moderno, como visto na seção 2.2, que circunstâncias facilitariam o desenvolvimento da protoindústria? Esse será o foco dessa seção.

Diversos fatores foram apontados como indutores do desenvolvimento protoindustrial. A protoindústria precisava se difundir em regiões com populações compactas e razoavelmente acessíveis para que os produtores pudessem chegar aos mercados e os comerciantes pudessem chegar aos produtores. Lugares de população muito esparsas implicavam em um custo proibitivo de controlar, coordenar e transportar a produção. Assim uma das primeiras condições para a protoindústria é que a dispersão produtiva e o custo de transporte não fosse muito alto. (MENDELS 1972; GULLICKSON 1983)

Era necessário também acesso aos grandes mercados. Quem garantia esse acesso eram os comerciantes das cidades que investiam na produção protoindustrial se utilizando de pessoas da região para organizar as transações locais. O capital mercantil urbano controlava a venda do produto e a disponibilidade de força de trabalho dependia das condições no campo. Sem o encontro dos desejos da cidade com o campo a protoindústria não poderia surgir.⁴⁵ (HOUSTON e SNELL 1984; GULLICKSON, 1983)

O terceiro e último ponto para a viabilização da protoindústria é que a taxa de retorno da produção manufatureira doméstica deveria ser maior que a taxa de retorno da agricultura, caso contrário o pequeno agricultor intensificaria a produção agrícola e não se dedicaria a manufatura. Essa melhor remuneração da produção da indústria doméstica frente a agricultura decorria de condições locais – como, por exemplo, a presença de pequena propriedade camponesa. A pequena propriedade rural limitava a capacidade de produção agrícola. Isto incentivava a produção protoindustrial como alternativa de sustento em parte devido ao baixo retorno marginal do trabalho agrícola (devido à baixa disponibilidade de terra), em parte pelo

⁴⁵ “Proto-industrialization, it would seem, was most likely to occur where urban and rural needs complements each other, that is, where poor peasants, especially poor women peasants, met prosperous textile merchants.” (GULLICKSON, 1983, p.850)

comportamento dos preços agrícolas.

Tradicionalmente o mercado agrícola operava oscilando com períodos de preços altos e baixos. O momento de baixa era logo após a colheita quando o mercado estava relativamente saturado pela oferta. O momento de alta por sua vez ocorria na entressafra quando a oferta era menor. Quando o produtor agrícola dispunha de uma produção abaixo de um determinado nível, ele não conseguia esperar o momento de alta no preço dos alimentos para vender, pois precisava garantir sua subsistência imediata. Esse produtor era então obrigado a vender assim que realizava a colheita no período de baixa dos preços agrícolas. O pequeno produtor também precisa comprar alimentos quando o preço estivesse em alta, muitas vezes sendo obrigado a se endividar. Isso diminuía as chances do pequeno agricultor viver somente da terra tendo que se voltar para a protoindústria para sobreviver. (GULLICKSON 1983)

Alguns fenômenos facilitavam a existência de pequenas propriedades de terra como aconteceu no caso da Bélgica. Mendels (1975), em seu estudo sobre Flanders no século XVIII, aponta que a maior parte da terra era arrendada. O aumento do preço da propriedade fundiária teria incentivado os senhores de terra a subdividi-las em áreas menores para ganhar mais com a renda da terra. Propriedades menores por sua vez reduziam a capacidade de sobrevivência das famílias que dependiam exclusivamente da agricultura. O crescimento populacional seria em parte responsável pelo aumento do preço das terras nessa região pelo lado da demanda, mas, para Mendels, o aumento de investimento no mercado de hipotecas por classes urbanas, como magistrados e comerciantes, seria a principal causa do encarecimento das terras em Flanders e da consequente fragmentação da propriedade. Nesse caso, o encarecimento da terra facilitou a protoindustrialização da região.

Terras pouco férteis também podiam incentivar o crescimento protoindustrial, pois tinham um reduzido retorno marginal do trabalho na agricultura. De fato, KMS (1981) e Thirsk (1961) defenderam que a protoindústria se concentrava em terras impróprias para agricultura. “*It was no coincidence that the rural industries of Europe concentrated in barren mountain regions*”.⁴⁶ (KMS 1981, p. 14) Isso não quer dizer que regiões férteis em condições específicas não pudessem ser propícias à protoindústria. O Pays de Caux localizado na Normandia no Norte da França tinha uma terra bastante fértil, mas seu solo era difícil de ser arado necessitando de equipamentos que os camponeses mais pobres não tinham condições de comprar ou alugar. Sem condições de arar a terra ou alugar os equipamentos os camponeses se dedicavam a protoindústria. Isso levou a um florescimento da produção protoindustrial apesar de a região ter também uma significativa produção agrícola comercial em virtude da

⁴⁶ “Não é uma coincidência que as industriais rurais da Europa se concentraram em regiões montanhosas estéreis.” (KMS 1981)

fertilidade do solo e da sua condição especial. (GULLICKSON 1983)

Terras menos férteis muitas vezes eram usadas para a criação de gado e simultânea produção protoindustrial. Segundo Clarkson (1985) e Thirsk (1961) essa correlação ocorria, pois o pastoreio era menos trabalho intensivo do que o cultivo de cereais e dava mais tempo para o trabalhador se dedicar a protoindústria.

Fatores políticos também podiam influenciar no surgimento da protoindústria. David Levine aponta como em Bottesford, uma vila de Leicestershire⁴⁷ na Inglaterra, o duque local que dominava a terra simplesmente proibiu a produção doméstica de rendado o que freou o desenvolvimento da protoindústria na região por fatores meramente políticos e não geográficos ou demográficos. Aqui temos um claro exemplo de como instituições medievais podiam limitar a expansão da protoindústria. Por outro lado nas regiões de Leicestershire com pastos abertos e terra mais distribuída a protoindústria se desenvolveu. (LEVINE 1977, p 15; CLARKSON 1985)

Num caminho diverso, Eric Jones (1968) argumentou que a queda do crescimento populacional entre 1650 e 1750 na Europa Ocidental teria reduzido a demanda. Essa redução da demanda junto com o aumento da produtividade agrícola, graças a inovações como cercamento dos campos, culturas forrageiras e pastos artificiais⁴⁸, teria levado a captura dos mercados urbanos por áreas mais produtivas deixando os pequenos agricultores menos produtivos sem mercado para vender seus produtos agrícolas e os obrigando a se voltarem para a protoindústria e/ou pecuária. A expansão da demanda de produtos têxteis de baixa qualidade pelas colônias também teria incentivado a produção protoindustrial.

A presença de desemprego agrícola também foi um dos fatores mais extensivamente tratados como causa de desenvolvimento protoindustrial. Esse desemprego podia ter duas fontes: Podia ser fruto do crescimento populacional ou da sazonalidade do trabalho agrícola. Nesse último caso, os desempregados apareciam em grande número onde havia intensa demanda sazonal por trabalho, característica presente em algumas regiões de agricultura comercial. Os períodos de plantio e colheita exigem muitas horas de esforço, mas no resto do ano há pouca necessidade de trabalho. Era justamente nesse período de baixa demanda de trabalho agrícola que o trabalhador rural se dedicava a produção industrial. Certas colheitas eram particularmente dependentes de alta disponibilidade temporária de trabalho, como era o caso da plantação de batatas trazidas das Américas. Tal característica potencializava o fenômeno da sazonalidade agrícola e conseqüentemente da protoindustrialização. No caso de

⁴⁷ A protoindústria de Leicestershire se desenvolveu no final do século XVII ao XVIII. Nunca foi um polo central de protoindústria. (CLARKSON 1985)

⁴⁸ Pastos artificiais são pastos criados pelo homem que utilizam plantas próprias para o consumo de animais aumentando a produtividade pecuária.

Flandres, na Bélgica, o surgimento de plantações com maior demanda sazonal por trabalho como batata e linhaça facilitaram o desenvolvimento da protoindústria. Um fato interessante é que quando o desemprego sazonal era o responsável pelo aumento da protoindústria não havia necessidade da agricultura de subsistência ser predominante na região para que a protoindústria se desenvolvesse. (MENDELS 1972; GULLICKSON 1983)

Inicialmente os grandes agricultores de algumas regiões temeram que a protoindústria gerasse competição pelo emprego rural. Gullickson (1983) relata como agricultores ricos da região do Caux na Alta Normandia, onde a protoindústria estava bem desenvolvida, incentivaram decretos parlamentares contra o sistema *putting-out* têxtil na época das colheitas na primeira metade do século XVIII⁴⁹. No entanto, o que se percebeu foi que a protoindústria aumentava a oferta de trabalho para as colheitas. Sem a protoindústria muitos trabalhadores tendiam a migrar no período entressafras para outras regiões em busca de sustento. Com a protoindústria uma parte dessa massa de trabalhadores permanecia na região se sustentando da venda de manufaturas no período entressafras. Como o trabalho para grandes agricultores gerava mais renda que a pequena produção industrial a oferta de trabalho era maior do que com a ausência da produção manufatureira. Quando a competição com a indústria moderna se intensificou no Caux as famílias começaram a migrar para fora da região criando escassez de mão de obra para a agricultura conforme a protoindústria, que provia um trabalho alternativo, deixava de existir.

Em síntese, a protoindústria dependia de capital mercantil, custos produtivos reduzidos, como acesso a transporte, e dispersão produtiva não muito alta. Além disso, era necessário que a taxa de remuneração da produtividade marginal industrial fosse maior do que a produtividade marginal do trabalho agrícola. As seis maneiras citadas pelas quais o retorno marginal agrícola seria menor que o retorno marginal industrial são as seguintes:

(I) Desemprego fruto de alta sazonalidade agrícola ou do crescimento populacional.

(II) Baixa demanda agrícola ou alta competitividade pelo mercado agrícola. Apontado por Jones (1968).

(III) Fatores políticos como em Bottesford, uma vila de Leicestershire na Inglaterra. Apontado originalmente por Levine (1977).

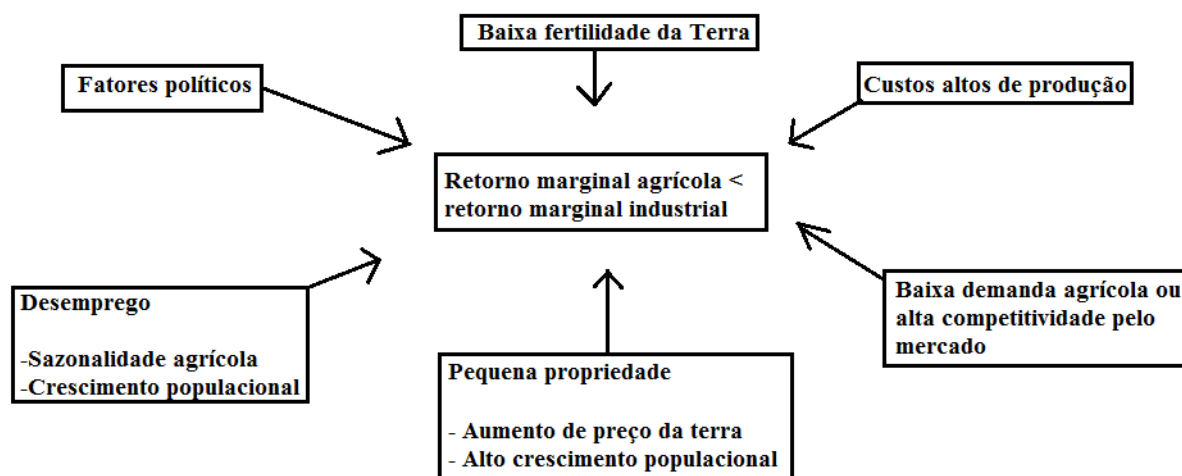
(IV) Altos custos produtivos como no caso do Pays de Caux.

(V) Baixa fertilidade do solo

(VI) Existência de pequenas propriedades graças ao aumento do preço da terra como apontado por Mendels (1975) ou graças ao crescimento populacional.

⁴⁹ Gullickson (1983) fala que 188 mil pessoas trabalhavam no sistema *putting-out* na região da Alta Normandia perfazendo 1/3 da população.

Figura 2– Influências sobre o retorno agrícola



Fonte: Elaboração própria

Embora tenha-se apresentado somente seis motivos é de se imaginar que novas causas para o desenvolvimento protoindustrial possam ser apresentadas futuramente já que qualquer fenômeno que fizesse a produtividade marginal da indústria superar a produtividade marginal da agricultura pode ter incentivado a produção protoindustrial.

Vale comentar que numa visão centrada em Chayanov (1966 [1925]) os pequenos produtores rurais não calculam a produtividade marginal por não terem um pensamento capitalista. Nessa visão os produtores se concentrariam na produção que gerasse um produto final maior independente dos retornos marginais. Apesar disso a importância dos fatores aqui apontados permaneceria.

Na seção 2.3 se abordou os principais fatores que incentivavam o crescimento protoindustrial no contexto europeu. Posteriormente a tese abordará sobre como esses fatores influenciaram a protoindústria na China. Na seção 2.4, se falará sobre a conexão entre protoindústria e aumento populacional, um fenômeno bastante importante no século XVIII que influenciou a dinâmica da protoindústria e da sociedade. Como será visto o aumento populacional também pode levar a protoindustrialização, mas como essa é uma dinâmica complexa e trabalhada com profundidade na literatura optou-se por debater-la numa seção a parte.

2.4 Crescimento demográfico e protoindústria

Um ponto nevrálgico da teoria da protoindústria é a conexão da protoindústria com o crescimento demográfico. Para os defensores da tese da protoindústria, como Mendels e KMS, o crescimento populacional não apenas propiciava o desenvolvimento da protoindústria como era acelerado por ela em um processo auto catalisador. Nesta seção discutiremos os mecanismos que atuavam nesse sentido.

O crescimento populacional levava a divisão da propriedade, caso a herança fosse repartida entre os descendentes. Com terrenos cada vez menores se reduzia a capacidade das famílias sobreviverem apenas da produção agrícola. Como visto, propriedades pequenas tinham menos capacidade de sustentar uma família sem a protoindústria. Por outro lado, mesmo que a propriedade não fosse dividida, graças a uma cultura de herança por primogenitura, o crescimento populacional levava a um uso mais intensivo da terra, o que, num ambiente de pouca inovação técnica ou tecnológica, gerava ganhos marginais decrescentes da terra aumentando o ganho relativo do trabalho industrial. Ou seja, mesmo sem divisão de terras entre os herdeiros a protoindústria era incentivada pelo aumento populacional e o conseqüente aumento de exploração da terra.

O aumento populacional, sem divisão de terras, também podia resultar em uma massa de desempregados sem terra disposta a servir de força de trabalho para a produção protoindustrial como último recurso para sobrevivência. Segundo Levine (1977) a agricultura tinha pouca capacidade de absorver mão de obra e, fora a protoindústria, poucas opções sobravam entre elas a migração, a mendicância e a bandidagem. Assim, o aumento populacional sem aumento de produtividade agrícola ou abertura de novas terras aumentava a oferta de mão de obra para a protoindústria independente da forma de herança.⁵⁰

A protoindústria também incentivava o aumento populacional ao fornecer uma fonte de renda que independia do aumento da produção agrícola. Mendels (1975) encontrou uma relação positiva entre o aumento do preço dos tecidos de linho com aumento da população para a região de Flanders reforçando essa hipótese. KMS (1981) desenvolveram esse ponto argumentando que, com a produção industrial rural, a sustentação da família não dependia mais da reprodução de uma propriedade rural cuja produção era pouco flexível. Com isso a geração mais jovem começou a romper uma série de controles sociais que atuavam sobre o

⁵⁰ Ver Mendels, 1972. Sobre esse ponto, Joan Thirsk (1961) argumentou que a herança partilhada também incentivava o aumento populacional já que os filhos sabiam que herdariam uma parte da terra e teriam assim sua subsistência garantida. Nesse sentido Thirsk acredita que o aumento populacional catalisaria de maneira mais significativa a produção protoindustrial caso esse aumento ocorresse sobre o regime de herança partilhada.

aumento populacional. Entre esses controles sociais, KMS apontaram o costume de trabalhar como servo por vários anos na juventude, impedindo a formação de famílias muito cedo, costume que foi abandonado com a protoindústria.

Hans Medick (1976) defendeu que antes da protoindústria o costume era que o pai escolhesse tanto os parceiros quanto o momento do casamento dos filhos que normalmente era atrasado até o pai morrer ou desistir de cuidar da fazenda. Isso tendia a manter a casa habitada somente com descendentes diretos, especialmente filhos solteiros. A única exceção era o filho mais velho que herdaria a fazenda. Dos filhos mais novos se esperava que se mudassem antes de se casar.

Uma referência para o estudo da correlação entre protoindústria e aumento populacional foi a obra de David Levine (1977). Este autor estudou um grupo de pequenas vilas na Inglaterra e concluiu que o principal mecanismo pelo qual a protoindústria afetava o crescimento populacional era através da redução da idade de casamento e não de uma queda na mortalidade em função de um aumento de renda. Os filhos dos pequenos produtores rurais se casavam mais cedo e ficavam mais tempo na casa dos pais em relação às famílias que viviam exclusivamente da agricultura. Isso ocorria, pois a capacidade dos filhos de gerarem renda através da produção manufatureira reduzia o controle patriarcal sobre o matrimônio. O casamento mais cedo não somente aumentava o período de fertilidade dos casais como antecipava o período reprodutivo, tendo duplo efeito sobre o crescimento populacional.

KMS (1981) argumentam também que o avanço da protoindústria levava a uma redução da sazonalidade no nascimento de filhos e casamentos resultando em aumentos demográficos. Antes da protoindústria a vida dos trabalhadores era regida pela agricultura e sua intrínseca dependência do tempo e das estações. Quando a demanda por trabalho era menor a quantidade de casamentos era maior e também a geração de filhos. Em toda a Inglaterra entre 1550 e 1600, com exceção da região sudeste, era mais comum os casamentos no fim do outono. Na região sudeste a criação de animais influenciou para mais casamentos no verão. Entre 1680 e 1720 já é possível perceber uma significativa mudança nos períodos de nascimento. Como a renda e o trabalho passaram a depender menos da agricultura os filhos passaram a nascer em frequência alta e equalizada durante todo o ano. Esse foi um fenômeno comum também em grandes cidades desde o século XVII como colocado por Smith (1990), mas que teria se acelerado no interior graças à protoindústria.

David Levine (1977) defendeu que com a protoindústria havia maior independência da herança para a formação da família e mais oportunidade de emprego. Isso teria aumentado a liberdade sexual ao reduzir o controle e as especificações para o casamento dos homens e especialmente das mulheres, pois os dotes e propriedades adquiridas através do casamento

passaram a ser menos relevantes na sustentação familiar. O resultado seria mais filhos bastardos e aumento populacional.

KMS defenderam também que o trabalho protoindustrial era favorecido pelo máximo número possível de familiares trabalhando. Seria difícil garantir a subsistência com apenas um homem e uma mulher trabalhando na protoindústria, assim a vinda de um filho que pudesse ser usado como mão de obra era muito bem-vinda. A família teria que passar por um momento de extrema dificuldade até que esse primeiro filho atingisse a idade de trabalhar, período que KMS chamaram de “miséria primária”. Nesse regime as Crianças eram ao mesmo tempo força de trabalho, meio de produção e capital vivo que sustentaria a família na velhice. O casal alcançava a capacidade máxima de trabalho numa idade jovem, quando seria mais fácil enfrentar a “miséria primária”, o que contribuía para que o matrimônio ocorresse o quanto antes. KMS (1981) defenderam ainda que para sustentar a família no período de “miséria primária” eram colocados novos inquilinos no ciclo familiar. Viúvas, irmãs que não casaram, sobrinhos e outros aumentavam o tamanho da família. No entanto, essa última afirmação é difícil saber com certeza, pela ausência de dados e estudos empíricos que a corroborem.

Interessantemente KMS (1981) e Levine (1977) também sustentaram que o alastramento da protoindústria trazia outras mudanças sociais na divisão de tarefas domésticas, na escolha de parceiras e até mesmo no comportamento sexual. Como a necessidade de trabalhar era intensa a cooperação nas famílias tinha que aumentar e a divisão de trabalhos por gêneros passava a ser mais difusa com as mulheres negligenciando serviços domésticos e se concentrando na produção protoindustrial. O homem por sua vez tendia a passar mais tempo dentro de casa ajudando nas tarefas domésticas. Outra mudança cultural seria na escolha de parceiros. Antes a herança era fundamental na escolha do casal, mulheres mais velhas com um menor período fértil e maiores habilidades domésticas eram preferíveis. Com a protoindústria, habilidades manuais e a juventude, quando a capacidade de trabalhar é maior, passaram a ser mais importantes na escolha da parceira, assim se abriu mais espaço para escolhas individuais que não tinham a herança como foco. Por último, o maior tempo do casal sobre um mesmo teto deixou mais espaço para luxúria, para se ter uma relação sexual mais cedo e maior similaridade no comportamento sexual entre homens e mulheres, o que era muito mal visto por observadores de fora.

Finalmente, a alta mortalidade infantil e o custo marginal menor de ter vários filhos, uma vez que os filhos posteriores reaproveitavam roupas, quartos, brinquedos e outros bens de seus irmãos mais velhos, também contribuía para que as famílias protoindustriais procurassem ter o máximo de filhos possíveis para maximizar a produção. Isso implicaria em maior densidade populacional e famílias maiores dentro da mesma casa em regiões

protoindustriais vis-à-vis regiões agricultoras. A produção protoindustrial era assim conduzida por pai, mãe e muitos filhos. (KMS 1981, HOUSTON & SNELL 1984)

A protoindústria colocava então novos padrões de fertilidade nas sociedades onde se tornava predominantes sendo esses padrões determinados por condições de mercado (maior liberdade para formar famílias) e pela pobreza dos produtores (necessidade de mais membros trabalhando).

Nesse capítulo se procurou mostrar a cerne da teoria protoindustrial. A importância que esse tipo de produção tinha nos séculos XV ao XVIII, e seus impactos na organização produtiva (como as guildas), suas possibilidades de aumento do lucro, flexibilização de oferta, ganho de conhecimento técnico dos trabalhadores e comercial dos mercadores, especialização regional e enfraquecimento das relações feudais que facilitariam o desenvolvimento da indústria moderna posteriormente. Também foi abordado o impacto demográfico e cultural da expansão da protoindústria e foram discutidos os limites da protoindústria dados por sua baixa capacidade de inovação e sua tendência a dispersão produtiva o que só poderia ser superado com uma mudança na forma de produzir que se direcionou para a indústria moderna.

Caso a teoria protoindustrial esteja correta parece ainda possível que a protoindústria na China pudesse desempenhar papel parecido com o que se desenrolou na Europa gerando acúmulo de capital físico e técnico, facilitando o comércio e criando novas redes de distribuição até culminar com sua autossuperação. Essa possibilidade fica ainda mais provável se levarmos em consideração a revisão histórica proposta pela Escola da Califórnia que coloca a China em um patamar de desenvolvimento mais alto do que o antes retratado pela historiografia.

Antes de entrarmos propriamente nesse debate é preciso entender mais a fundo o que era a China Qing, como ela se formou a partir da invasão manchu e qual o papel das transformações sociais na China e em especial nas suas partes mais desenvolvidas como o Baixo Yangtzé. Por isso o próximo capítulo vai se focar nos governantes manchus e suas políticas públicas na China focando no período de 1644, o estabelecimento do governo manchu, até o fim do século XVIII quando os Qing alcançaram seu ápice.

CAPÍTULO 3 – ECONOMIA POLÍTICA QING

Nesse capítulo se discutirá a relação entre o Estado, o mercado e a sociedade na China. A historiografia tradicional defendeu que a China tinha um governo caracterizado por um despotismo oriental em que o governo interfere excessivamente na vida econômica e social extraindo recursos para proveito próprio. Esse capítulo pretende demonstrar que o governo Qing, embora formado por uma minoria étnica manchua instaurada através de uma conquista violenta, tem preocupação com um determinado nível de qualidade de vida fazendo políticas públicas para melhoria na qualidade de vida, projetos de integração étnicos, projetos de expansão agrícola e mantém baixíssimos impostos em comparação a Europa não podendo ser meramente retratado como um governo cuja finalidade é explorar a população. Isso ocorre, pois os Qing estão cientes que a estabilidade é necessária para que possa ocorrer a manutenção do poder pela minoria manchua. Paralelamente, a concentração de poder nas mãos do imperador tem consequências perversas para o crescimento como será demonstrado. Esse capítulo ainda coloca que o governo Qing mantém objetivos próprios que implicam em expansão territorial, mas com finalidade diversa do imperialismo europeu o que resulta numa menor integração econômica com as áreas conquistadas. O objetivo do capítulo é entender a complexidade da relação do governo Qing com a sociedade.

3.1 Os Qing eram um governo tirânico?

A China é um império milenar com população e território comparáveis ou mesmo maiores que a Europa como um todo. A etnia Han e a cultura chinesa são muito homogeneizadas especialmente em relação a Europa caracterizada por uma pluralidade de línguas e etnias. Embora alguns autores Goldstone (2002) enfatizem a pluralidade étnica da China chegando a comparar com a pluralidade do Império Austro-húngaro isso parece no mínimo um exagero. Goldstone menciona a participação dos manchus, mongóis, tibetanos e hans no império Qing para enfatizar o seu ponto, mas a etnia han constituiu mais de 90% da população chinesa durante o período Qing o que não pode ser comparado de maneira alguma com o Império Austro-húngaro.

Assim, a China é incrivelmente mais homogênea étnica ou culturalmente que a Europa ou a Índia e, ao contrário desses dois, foi unificada em 221 AC no governo Qin. A unificação da China e o baixo nível de ameaça externa, uma vez que os nômades do norte são

controlados, parece ter influenciado fortemente a política relativamente isolacionista da China em relação a Europa.

O ano de fundação da China imperial é de 221 AC quando a China é unificada por um governante pela primeira vez sob o comando de Qin Shi Huang⁵¹. Nos séculos seguintes períodos longos de fragmentação política ocorreram devido a invasões externas e revoltas camponesas que desempenham um papel central na história chinesa tendo derrubado várias dinastias, mas a China sempre voltou a se unificar. Em 960 DC a dinastia Song unifica mais uma vez a China que começa um período prosperidade em que diversos comentadores como Deng (2003) e Needham (1969a, 1969b) defendem que a China estava a frente da Europa. Isso ocorreu independente de ter sido um período de guerra intermitente com a dinastia Jin fundada pelos Jurchen da Manchúria. Em 1279 os mongóis conquistam os Jin e os Song reunificando definitivamente a China sob o comando de Kublai Khan⁵². Os mongóis fundaram então a dinastia Yuan que durou até o século XIV quando levantes populares colocaram a dinastia Ming no poder. (DENG 2003; WOOLF 2014)

O período Ming (1368-1640) foi inicialmente de rápido crescimento comercial e populacional. O comércio com os portugueses, espanhóis e holandeses, em expansão no século XVI, mesmo que limitado a regiões próximas a Guangzhou, romanizada para Cantão⁵³, aumentou a demanda por produtos chineses e a entrada de prata no país que fomentou uma expansão comercial. Ao mesmo tempo, novos cultivos foram absorvidos graças a esse comércio, como pimenta, milho e batata com alta produtividade.

O período Ming foi de grande estabilidade, mas no início do XVII uma série de crises atingiu o país levando a uma violenta troca de dinastia. Primeiro, o evento climático conhecido como Pequena Era do Gelo, em que a temperatura da Terra esfriou levando a um mínimo por volta de 1650, prejudicou gravemente a agricultura já no início do século XVII levando muitos a situação de fome. Segundo, o recém instaurado governo Tokugawa no Japão restringiu muito o comércio internacional do país o que inviabilizou o comércio triangular Europa, Japão, China. Nesse comércio países europeus trocavam produtos por prata japonesa e depois trocavam prata por produtos chineses que seriam revendidos na Europa. Com a restrição do comércio japonês esse ciclo foi quebrado e menos prata passou a entrar na China reduzindo o comércio. Além disso, Filipe IV da Espanha (1621-1655)⁵⁴ começou a reprimir os contrabandos de prata da Nova Espanha e do Peru para a China reduzindo outra fonte de

⁵¹ Essa unificação foi tão marcante que a palavra “China” deriva da palavra “Qin”. (WOOLF 2014) Curiosamente foi Qin que iniciou a construção da Grande Muralha da China. (KISSINGER 2014)

⁵² Kublai Khan neto de Gengis Khan

⁵³ Capital da província Guangdong no Sul da China.

⁵⁴ O ano entre parenteses se refere ao reinado do soberano e não a seu período de vida, o mesmo se aplicará para outros governantes

prata. Isso levou a uma valorização da prata na China que dificultava o pagamento de impostos. Terceiro, catástrofes naturais como enchentes e pestes também ocorreram e o governo foi incapaz de fornecer alívio a população. O governo chinês tinha tradicionalmente o dever de fazer obras públicas para aliviar esse tipo de calamidade o que abalou a legitimidade dos Ming como governantes. Finalmente a conjunção desses fatores levou a uma grande revolta popular de camponeses famintos e incapazes de pagar os impostos.

Por esses motivos a dinastia Ming que havia governado a China desde 1368 chega ao fim. É difícil estabelecer uma data específica para a queda dos Ming dado que uma mudança de dinastia que perdurou por quase 300 anos num império de aproximadamente 150 milhões de pessoas não ocorre de um ano para o outro. Normalmente se considera 1644 como o ano da queda definitiva dos Ming, pois foi quando Pequim foi tomada, ainda que a resistência Ming no Sul do país tenha durado até 1680 aproximadamente.

Os Ming eram da etnia Han que, como já afirmado, formavam a maior parte da população chinesa, eles seriam substituídos pelos Qing que são da etnia Manchu e originalmente não eram da China. Alguns historiadores veem os Qing como estrangeiros dominadores que oprimiam os Han, outros defendem que essa divisão é incorreta, pois os Manchu teriam sido rapidamente absorvidos pela cultura chinesa assim como vários outros conquistadores do passado (como os mongóis, por exemplo). O objetivo dessa seção é demonstrar que os Qing tinham uma preocupação social e ativamente agiram para integrar a maioria Han no governo a despeito de serem estrangeiros e praticaram importantes políticas públicas para benefício da população como poucos países do mundo na época. Essas políticas foram criadas por dinastias anteriores e foram absorvidas e aprofundadas pelo governo Qing, pois eram vistas como necessárias para assegurar a legitimidade do governo Qing e a estabilidade do Império. Antes se discutirá brevemente a ascensão da dinastia Qing na Manchúria e da Manchúria para a China.

No fim do século XVI a Manchúria era mais um dos reinos submetidos ao poder imperial chinês junto com Tibete, Coreia e parte da Mongólia. Em troca de subserviência política e cerimonial os Ming ofereciam trocas vantajosas e uma política bastante liberal em relação aos seus vassalos⁵⁵. Esse posicionamento não agressivo dos Ming, e até vantajoso em muitos aspectos para os reinos tributários, não impedia que revoltas de independência ocorressem nessas relações centenárias.

A Manchúria, localizada no nordeste da China, era ocupada por várias etnias assemelhadas nos costumes aos mongóis, mas com muitas idiossincrasias assim como os Coreanos o eram dos chineses. Essas semelhanças e diferenças foram historicamente

⁵⁵ Os jurchen da manchúria precisavam visitar a capital Ming e oferecer "presentes", mas em troca recebiam "presentes" maiores que os ofertados. (LI 2008)

ressaltadas ou reduzidas de acordo com o clima da relação política entre os dois povos. No início do século XVI a Manchúria era dividida em três tribos que não se reconheciam como um só povo. Até então os habitantes da região eram chamados de Jurchen (homens livres) e reconhecidos pela região que ocupavam na Manchúria. Isso mudaria drasticamente sob o comando de Nurhaci (1559-1626). (CROSSLEY 2008; LI 2008)

Nurhaci era filho e neto de revoltosos manchus que foram combatidos, derrotados e mortos pelos Ming em duas revoltas diferentes. Sua mãe morreu jovem e Nurhaci foi criado na casa de um general Ming tendo bastante contato e conhecimento da cultura chinesa para um jurchen. Nurhaci inclusive sabia escrever e ler em chinês. A busca por vingança pelos familiares levou Nurhaci a se revoltar contra o domínio Ming e outros Jurchen que haviam traído sua família. Nurhaci foi o fundador da organização militar e posteriormente administrativa conhecida como "oito estandartes" que dividia o exército em oito divisões cada um com um estandarte de uma cor diferente controlada por um general (*beile*). Essa organização foi tão eficiente que foi usada pela dinastia Qing até meados do século XIX, mas não se mostrou eficiente contra agressão europeia. (WAKEMAN 1986)

No meio de sua cruzada de unificação Nurhaci cunhou o termo manchu, para designar todo o povo da região e dar um senso de unidade. Passou a existir então os manchus e não mais vários jurchen, o termo manchu seria formalmente adotado em 1635, não muito depois da morte de Nurhaci. Assim que a Manchuria estava unificada e os principais inimigos derrotados e submetidos, Nurhaci começou a procurar o apoio dos mongóis para invadir a China. Algumas tribos mongóis concordaram em se juntar a Nurhaci que declarou a Manchuria independente em 1616 se autodeclarando imperador, Nurhaci é considerado o primeiro imperador da dinastia Qing, embora ela só tenha sido oficialmente fundada pelo seu filho. Huang Taiji, oitavo filho de Nurhaci, foi o primeiro a fundar oficialmente a dinastia Qing em 1636 que dominaria todo o Império chinês e governar por quase 300 anos, como os Ming fizeram antes deles.⁵⁶ (LI 2008)

Segundo a tradição chinesa o imperador precisava ter o “Mandato do Céu” para governar. O Mandato do Céu foi um preceito estabelecido pela dinastia Zhou (1046-256 AC) no fim do século XII AC para garantir sua legitimidade como governante após a derrubada da duradoura dinastia Shang (1600-1046 AC). Segundo a tradição o Mandato garantia que o imperador tinha o direito divino de governar contanto que fosse justo. Quando o governante fosse injusto o "Céu" lhe mandaria um aviso que, caso não fosse percebido e o governante emendado, o direito de governar seria perdido e o Mandato passaria para outro governante⁵⁷.

⁵⁶ A imensa duração das duas dinastias Ming e Qing indicam uma impressionante estabilidade dinástica na China. No mesmo período Portugal passou por quatro dinastias, Inglaterra por seis dinastias, França por somente duas dinastias, mas houve sucessivas trocas da organização estatal na França como não houve na China.

⁵⁷ Céu está sendo usado aqui no sentido de um poder maior, uma entidade transcendente.

Essa passou a ser uma justificativa essencial para legitimar um governante chinês embora nunca tenha se precisado o que é “ser justo” ou o que seria ou não seria um sinal do Céu. No caso dos Qing uma série de luzes no céu no início do século XVII foram apontadas como um sinal de transferência do Mandato do Céu para a nova dinastia.⁵⁸ (WOOLF 2014)

Na China, a tradição do “Mandato do Céu” era uma justificativa legal e moral para rebeliões bem-sucedidas contra governos injustos. Rebeliões eram violentamente combatidas, mas uma vez vitoriosas podiam clamar o Mandato do Céu como forma de se justificar fazendo uma espécie de justiça formal do vencedor. O Mandato era clamado mesmo por líderes que não tinham um histórico de nobreza como na fundação das dinastias Han e Ming ou mesmo por estrangeiros como seria o caso dos Qing. Assim as fortes rebeliões camponesas comuns na história chinesa tinham uma “justificativa legal” que ultrapassava a figura do imperador. O confucionismo, na mesma linha, também apoiava a rebeldia contra maus governos.

Em 1644, antes dos manchus chegarem a capital do império, Li Tzu-ch’eng, líder dos camponeses rebelados contra o governo Ming, invadiu e tomou Pequim. Com a perda da cidade o último imperador de fato da China Ming, Chongzhen (1627-1644), cometeu suicídio se enforcando no jardim do palácio. Li venceu a luta militar, mas não soube administrar a vitória torturando oficiais Ming que haviam se entregado e deixando suas tropas roubar, matar e estuprar na capital do império. Além disso, Li não tinha a supremacia como líder dos rebeldes tudo isso gerou um breve governo caótico.⁵⁹ (LI 2008, DENNERLINE 2008)

A rebelião foi ótima para as pretensões Qing, pois os manchus passaram a ser vistos como salvadores da ordem na China e vingadores dos Ming, embora estivessem em guerra aberta com esses. A interpretação dos Qing como salvadores foi fortemente propagada e divulgada pela nova dinastia como forma de obter legitimidade. (LI 2008, DENNERLINE 2008)

Embora Pequim estivesse tomada o império chinês tinha se fragmentado numa miríade de reinos cada um sendo dominado por um grupo local diferente, entre eles: ex-generais Mings, separatistas, rebeldes, literatis privilegiados, aldeões armados entre outros e o Sul do país continuou na mão dos Ming.⁶⁰ O vale do Yangtzé, onde se concentrará essa tese, estava ainda fora do controle Qing e foi uma das regiões que mais impôs resistência a conquista. (DENNERLINE 2008, CROSSLEY 2008)

⁵⁸ Conceitos parecidos também foram usados em países vizinhos como Coreia e Vietnã. (JERKINS 1972)

⁵⁹ Mesmo com todas essas arbitrariedades Li Tzu-ch’eng clamou para si o mandato do Céu em seu breve governo.

⁶⁰ Literati é o nome dado aos candidatos aprovados pelos famosos exames de graduação chineses. A tese irá falar com mais profundidade sobre eles mais a frente.

Dorgon, regente do terceiro imperador Qing Shunzi (1643-1651), era um líder hábil e além da guerra contou com astúcia para dominar a situação. Primeiro acabou com os impostos Ming que tinham provocado a grande rebelião; segundo, garantiu que os chineses que se rendessem manteriam seus postos e títulos e seriam bem tratados; terceiro, proibiu o antigo costume da escravidão entre os manchus que há muito tinha sido abolido da China; quarto, garantiu que as regiões que se rendessem pagariam menos impostos; quinto, proibiu todos os saques pelos seus soldados. A situação de instabilidade também foi aproveitada pelos Qing que se proclamavam defensores dos proprietários contra saqueadores, garantindo assim apoio para seu governo. Essas medidas, somadas a uma excelente capacidade militar levaram a uma rápida conquista da China pelos Qing se for considerado o tamanho do império. A conquista demoraria 35 anos sendo concretizada em 1680. (DENNERLINE 2008)

Para garantir a lealdade dos conquistados, Dorgon exigiu que todos os súditos submetidos fizessem o corte de cabelo ao estilo manchu para demonstrar subserviência aos Qing.⁶¹ Essa medida causou uma grande revolta de curta duração que acabou em uma série de massacres plantando sentimentos anti-Qing de longa duração. (DENNERLINE 2008)

Em 1651, o imperador Shunzhi começou uma campanha contra a corrupção especialmente por estar ciente de que muitos beiles, inclusive Dorgon, tinham se aproveitado da situação caótica da conquista para taxar e desviar verbas a revelia do poder central o que, além de reduzir os recursos disponíveis, podia incitar revoltas. Shunzhi estava ciente que a grande revolta contra os Ming, que tanto facilitou a conquista Qing, culminou por conta de taxaço.⁶² Ao concentrar os impostos através do governo central Shunzhi deu outro passo na marcante centralização do poder na China.

Ao contrário dos Ming os Qing eram mais centralizadores nas decisões estatais, enquanto os Ming eram mais dependentes da burocracia para escolher e adotar políticas. No final da dinastia Ming a burocracia civil chefiada pelos Grandes Secretários controlavam muitos aspectos do governo e mesmo os eunucos, quando conseguiam exercer poder sobre o imperador, operavam através da burocracia. Diferentemente, os Qing costumavam a nomear diretamente os assessores de famílias nobres afastando a burocracia de certas decisões. A tradição Han de preencher cargos por indicação onde o indicador se responsabilizava pelos atos do indicado foi reestabelecida pelo novo governo Qing. (DENNERLINE 2008)

Ainda assim, a burocracia continuou desempenhando um importante papel na

⁶¹ Esse corte acabou por se tornar o tradicional corte chinês caracterizado pelo cabelo raspado na frente e uma longa trança atrás.

⁶² Vale mencionar que a importância e a influência das revoltas na história chinesa é muito grande. Para Deng (2000, 2003) elas teriam determinado o padrão de crescimento da China no longo prazo. Deng defende que as revoltas mantiam o governo em cheque impedindo que medidas muito arbitrarias fossem tomadas o que também descaracterizaria a teoria do “despotismo oriental” na China.

sociedade chinesa. Os exames imperiais chineses, que foram estabelecidos na sua maneira clássica no período Sui, aproximadamente no ano 605, continuaram a ser uma importante forma de ascensão social durante a dinastia Qing. Os exames imperiais consistiam de uma importante diferença institucional do Estado chinês, pois era muito comum que os cargos fossem ocupados não por mérito, mas por indicação ou compra na maioria dos outros Estados. Em 1784, 80% dos cargos franceses eram possuídos pelo ocupante no sentido do cargo ter sido comprado ou herdado segundo Vries (2015).

Entretanto, o número de diplomas oferecidos pelo governo imperial se manteve constante durante todo o período Qing enquanto a população aumentava rapidamente no período de paz. Isso significou na prática uma grande escassez relativa de concursos o que os tornou mais competitivos. Ao mesmo tempo o número de cargos públicos disponíveis para os diplomas se manteve estável reduzindo a chance de ascensão social por meio do concurso. Enquanto em 1600 havia um diploma para cada 300 pessoas, em meados do século XIX havia um diploma para cada 1000 pessoas. (PETERSON 2008; ELMAN 2009) O baixo número de literatis durante o governo Qing e sua pequena participação direta no governo é um dos indícios de que o Estado chinês era muito menos onipresente do que tradicionalmente retratado.

Kangxi foi o quarto imperador ocupando a trono do império pelo longo período de 1661 a 1722. Kangxi finalmente completa a unificação da China e fará importantes mudanças no seu longo reinado, mas antes essa tese abordará a questão das etnias na China com a ascensão dos Manchu. (DENNERLINE 2008; SPENCE 2008)

Desde Nurhaci os governantes manchus perceberam que não poderiam conquistar a China excluindo os Hans completamente do poder. Os manchus eram poucos e os hans muitos e, embora estivessem em conflito aberto e o preconceito mútuo fosse grande, os governantes foram procurando maneiras de gradualmente aliciar os Hans para integrar o governo Qing. Talvez o fato de os manchus serem de várias etnias, lembremos que termo manchu surgiu da união de vários jurchen, tenha facilitado essa percepção e a aceitação de que o poder deveria ser partilhado com os hans. Todavia, se assim não o fizessem os manchus não teriam conseguido se manter no poder dado a força das revoltas camponesas que tinham acabado de derrubar governo Ming assim como o fizeram com outras dinastias como a dinastia Qin (221-207 AC), a dinastia Han (206-220 DC), a dinastia Jin (265-420 DC), a Sui (581-618 DC) e a dinastia Yuan (1271-1368). Huang Taiji (1626-1644) assim como Nurhaci (1616-1626) proclamaram a igualdade entre chineses e manchus, mas no caso de Nurhaci a discriminação étnica envolvida na conquista, assim como o assassinato em massa decorrente do estado caótico do governo nos anos de guerra, não foi evitada. Posteriormente Huang Taiji procurou

transferir toda a culpa da discriminação para o pai atribuindo a uma inexperiência em governar que ele próprio já tinha superado.

Isso não quer dizer que Nurhaci não tenha tentado agregar os Hans de várias maneiras. Por exemplo, Nurhaci começou a integrar Hans no seu exército e procurou limitar os saques de guerra somente aos que resistiam. Aos Hans que se entregavam sem luta era garantido que seriam bem tratados e teriam direitos e acesso às terras, os que resistiam eram tratados duramente sendo inicialmente escravizados como era comum na cultura manchu. A escravidão só seria abolida por Dorgon durante a minoridade do terceiro imperador Shunzhi.

Huang Taiji continuou esse processo colocando vários Hans em altas patentes militares e adaptando leis administrativas e civis Ming para dar ao seu governo um ar de continuidade ao governo Ming, assim também se afastando da sociedade tradicional mais tribal e menos controlada dos manchus. Na época de Huang Taiji havia dez vezes mais Hans que manchus dentro do território Qing. Huang Taiji também foi obrigado a afastar e prender oficiais manchus de alta patente inclusive *beiles* que não respeitavam sua ordem de tratar os chineses como iguais. O segundo imperador Qing ainda transformou o roubo ou morte de chineses em crimes capitais, além disso mudou ou tentou mudar uma série de hábitos estabelecidos na cultura manchu que ofendiam a tradição chinesa como a de se casar com viúvas de parentes próximos e a obrigação de denunciar familiares, que ia de encontro a cultura confuciana dos chineses de respeito máximo aos pais. O casamento entre etnias também foi bastante incentivado. Tanto Huang Taiji quanto Nurhaci adotaram rapidamente os famosos exames chineses como forma de integrar a burocracia colocando critérios de mérito para a nomeação, mais do que isso, os exames puderam ser realizados não somente em chinês, mas também na língua mongol e manchu abrindo espaço para novas etnias na burocracia estatal. A “chineização” dos manchus começou antes mesmo da China ser inteiramente conquistada em 1680.

Isso não quer dizer que esse assunto não tenha levantado muitas tensões e preconceitos entre conquistadores e conquistados. Muitos manchus estavam ressentidos de ver chineses em posição hierárquica maior que a deles. Leis contra o ingresso de ex-escravos na burocracia foram colocadas, o que impedia todos os Hans que foram inicialmente escravizados de exercer algum poder. Os Hans escravizados tinham originalmente se oposto aos Qing e eram vistos com desconfiança.

Independente disso a integração dos Manchu a cultura Han e dos Han ao governo Manchu foi relativamente rápida e vista como prioridade desde o começo o que certamente facilitou a ascensão e o reconhecimento da dinastia Qing. Já nas vésperas da conquista de

Pequim, em 1644, 3/4 do exército Qing era composto pela etnia Han.⁶³ (DENNERLINE 2008; CROSSLEY 2008)

Embora Hans e Manchus sejam as etnias mais importantes para entender o período Qing várias outras etnias foram incorporadas ao império. Os Qing dobraram o território chinês em relação a dinastia Ming, especialmente por conta das conquistas do sexto imperador Qing, Qianlong (1735-1796), que será tratado em breve. As maiores conquistas foram em torno da Manchúria no Nordeste, a Mongólia no norte, o Tibet e Xinjiang no oeste e Taiwan no Sul. Todos esses territórios tinham etnias diferentes e não eram controlados pelos Hans sendo administrativamente separado pelos Qing das 18 provinciais Ming originais. Essas etnias foram incorporadas no governo Manchu e normalmente assumiam postos de comando nessas regiões conquistadas e colonizadas. O fato dos Manchus serem uma minoria deve ter contribuído para uma visão mais abrangente dos Qing sobre a participação no governo de outras minorias. Em especial os mongóis, que ajudaram na conquista da China, foram incorporados ao exército logo no começo.

Os Ming já haviam incorporado não Hans ao seu governo, mas não com a variedade e quantidade que os Qing vieram a fazer o que levou a criação e aprimoramento de instituições desconhecidas pelos Ming. (PETERSON 2008) Kangxi chega a estabelecer cotas nos exames de qualificação para as diferentes etnias em 1712 de maneira que houvesse uma incorporação multiétnica no Estado que eram centrais para a ascensão na burocracia chinesa há séculos. (DENNERLINE 2008) Todo esse esforço de integração mostra que os Qing não podem ser vistos apenas como ditadores, além das diversas políticas de integração o governo Qing também se organizou para fazer obras públicas que atendessem a população em especial com a expansão do sistema de celeiros públicos para garantir grãos aos famintos e estabilidade ao preço do principal alimento do império.

A estratificação legal da sociedade se manteve no governo Qing havendo de modo geral cinco grupos: a aristocracia (kuei-tsu), os oficiais (kuan-li), os literati diplomados em concursos públicos (shen-shih), os comuns (liang-min) e os degradados (chien-min). Para cada um desses grupos havia legislações de vestimenta, códigos de deferência e tratamento. (ROWE 2008)

Os degradados eram a classe mais baixa sendo normalmente, porém não sempre, miseráveis, não podiam fazer os exames para obter títulos de graduação e nem comprá-los. Motivos diversos poderiam colocar um chinês na classe dos degradados como criminalidade (os criminosos degradados eram tatuados e muitas vezes nem chegavam a ser encarcerados); ocupação, havia grande variação regional sobre o tipo de emprego que seria considerado da

⁶³ Entre 110 e 140 mil soldados manchus e 340 mil soldados Han.

classe chien-mim como carcerários, músicos na província de Shanxi, mendigos no caso da cidade de Suzhou⁶⁴ em Jiangsu e até pescadores na cidade de Shaoxing em Zhejiang no delta do Yangtzé. Nessas regiões esses empregos eram considerados hereditários e o casamento com outras classes era proibido. Além disso, o grupo étnico, o comportamento sexual (mulheres adúlteras e homossexualismo em alguns casos) ou o trabalho na condição de servo (nesse caso se incluí escravos domésticos e servos que podiam ser vendidos, embora com bastante restrição) também podiam colocar alguém no grupo dos chien-min. (ROWE 2008)

O imperador Yongzeng (1722-1735) tentou emancipar os *Chien min*, grupo social cujos direitos sociopolíticos estavam tosados por gerações por motivos diversos como servidão, profissões mal vistas, entre outros motivos. O objetivo seria reduzir as fontes de descontentamento no império e o poder dos literati sobre esses grupos. As medidas tiveram apenas sucesso parcial, o costume estava muito entranhado na sociedade e os chien min eram grupos dispersos o que dificultava a ação estatal. Ainda assim essas medidas demonstram uma mudança de perspectiva do governo central na busca de maior igualdade dos súditos perante a lei. (ZELIN 2008)

Registros de casos legais da época também indicam que leis do início do período Qing teriam reduzido o estigma dos trabalhadores de longo prazo que eram vistos como servos até então. Cozinheiros, carregadores e outras profissões passaram a ser mais respeitados, embora não seja claro que isso tenha beneficiado todas as profissões de mais longo prazo como o caso de mineiros e soldados. (MANN 2008)

Em relação a servidão, a redução da corveia por parte do Estado com o aumento das oportunidades no mercado não rural, graças ao aumento da comercialização e o aumento do mercado de trabalho, fizeram com que os contratos temporários fossem cada vez mais preferíveis a servidão. Ainda assim a servidão na China continuou sendo oficialmente aceitável até o século XX. (ROWE 2008)

Essa distinção de classes era entendida como a correta interpretação dos textos de Confúcio que pregavam "um universo e uma sociedade ordenada". Entretanto, alguns fatores atuaram para diluir essa distinção. Um desses fatores foi a livre alienação da terra permitindo que literatis, aldeões e mesmo pessoas da classe mais baixa pudessem ter e acumular propriedade da terra. O governo Qing foi muito mais flexível em relação a venda da terra do que os Ming, provavelmente por conta da política de expansão agrícola. A comparação de enciclopédias do período com enciclopédias do período anterior indicam também que a

⁶⁴ Também escrita como Soochow e aportuguesada para Sucheu. Curiosamente Suzhou é oficialmente uma cidade irmã de Porto Alegre desde 2004.

riqueza passou a ser um maior determinante da posição social no governo Qing, que apresenta maior fluidez de classes e maior comercialização que períodos anteriores. (ROWE 2008)

A expansão de políticas públicas e privadas para a educação aumentou a taxa de alfabetização da população. Isso fez uma expansão significativa no mercado literário, tendência já estabelecida desde o governo Ming tardio. Em consequência o poder dos literati de monopolizar os textos escritos se reduziu e se propagou todo o tipo de textos pela população como romances, livros sobre como plantar, medicar, sobre orientação sexual, moralidade, sutras, guias de viagem entre outros. (ROWE 2008).

Os literati podiam ser divididos em dois grupos. Os portadores de alta graduação que tinham títulos de nível metropolitano ou provincial e os de baixa graduação que tinham títulos de nível de prefeituras ou tinham comprado seus títulos. A compra de títulos passou a existir no governo Qing e podia ser feita em dinheiro ou grãos, diretamente em Pequim ou nas próprias províncias. A política da compra de diplomas é apontada por alguns estudiosos como indício de aumento do poder do dinheiro e do comércio na sociedade chinesa durante o período Qing.⁶⁵ A venda de exames virou uma prática comum e, curiosamente, não era mal vista, pelo contrário, era entendida como uma atitude própria de um governo benevolente. (ROWE 2008)

Cerca de metade dos graduados eram filhos de pais não graduados o que indica uma certa mobilidade no grupo dos literati. Enquanto os diplomas mais baixos eram vendidos os diplomas mais altos se tornaram cada vez mais raros conforme a população aumentava e o número de concursos se mantinha constante.⁶⁶ Em 1800, em todo o império chinês, somente 1 milhão de pessoas detinham algum título de literati e somente 1/10 desse número tinha um título de alto escalão. Desses literati, poucos trabalhavam num escritório governamental. Em 1800 havia somente 20.000 vagas para altos diplomas contemplando menos de 1 em 50 graduados. Os graduados que não trabalhavam diretamente para o governo podiam trabalhar com educação, ou em escritórios privados, alguns ainda eram grandes proprietários de terra, mas a maioria trabalhava com a elite local representando sua comunidade frente ao governo e cuidando dos interesses locais, da elite e deles mesmos. (ROWE 2008)

Outra importante questão na China foram as políticas de combate a pobreza. Durante o governo Qing a pobreza não era naturalizada ou encarada como necessária como em outras partes do mundo e nem a fome era interpretada como um motivo natural para o trabalho, como a Lei dos Pobres inglesa defendia. Isso incentivou uma ativa política social estatal que,

⁶⁵ Em 1800 cerca de 350 mil exames de baixa graduação teriam sido obtidos através de compra, cerca de 39% dos de todos os exames de baixa graduação no período. (ROWE 2008)

⁶⁶ Entre o XVII e o XVIII a população triplicou, mas o número de exames não se alterou. Isso levou a algumas famílias a se mudar em busca de exames mais fáceis especialmente no Sudeste do país. (ROWE 2008)

embora precedesse os Qing, alcançaria um novo patamar no século XVIII.

Além da questão cultural, dois outros fatores levaram a política social a ser extremamente valorizada no período Qing especialmente durante o reinado de Qianlong (1735-1796). Primeiro, uma grande pobreza que se disseminou entre os manchus. Durante o governo Qianlong, um quinto dos homens da principal linhagem da casa imperial estava em situação de miséria e metade das terras em Pequim que pertenciam aos militares manchus tinham sido vendidas a grandes donos de terra por conta de juros de empréstimos.⁶⁷ O segundo fator foi o enorme aumento do preço do arroz que estava relativamente estável no reinado dos imperadores antecedentes, Kangxi e Yongzheng. O aumento da produção não tinha acompanhado o crescimento populacional e o preço chegou a quadruplicar em alguns locais do império no século XVIII. Isso levou a várias formas de violência em massa como ataques a mercados.

A preocupação com a pobreza levou Qianlong a pedir aos governadores provinciais que investigassem o tema. Os registros apontam que o debate era se a pobreza vinha de um problema de escassez ou de má distribuição dos recursos e diversas ações políticas foram apontadas dependendo de como essa causa era diagnosticada. Um importante texto escrito em 1768, de um pensador da província de Hunan chamado Yang Hsi-fu, dá uma ideia do funcionamento teórico da economia chinesa na época. Para Yang as causas para o aumento de preços seriam aumento da população, concentração de terras, excesso de compras governamentais de arroz (justamente para fazer estoques contra a pobreza) e aumento do consumo por conta de mudanças nos hábitos sociais. Para Yang Hsi-fu a população estava se endividando para manter um padrão de consumo que superava a própria renda e esse seria somente um consumo conspícuo. Muitos autores da época concordavam com algumas das teorias propostas por Yang Hsi-fu. Muito pouco sobre política monetária era discutido como causa de inflação, mas a desvalorização da moeda como forma de honrar os gastos do governo não era tida como opção na China como o foi na Europa, que com poucas exceções, a praticou amplamente. (WOODSIDE 2008)

Qianlong aumentou a ajuda governamental aos pobres estendendo a ajuda de viúvas e órfãos para os velhos e doentes também. A escala dessa política de bem-estar social na China não tem nenhum paralelo na Europa no século XVIII. Qianlong também aumentou a liberdade para que os famintos fossem para onde desejassem (preferencialmente onde tivesse abundância de colheitas) e não fossem barrados pelos oficiais locais o que contrariava o desejo de muito burocratas. (WOODSIDE 2008)

⁶⁷ Especificamente sobre a questão da má distribuição de terras em Pequim, as políticas adotadas por Qianlong tiveram pouco efeito. De modo geral as políticas adotadas fizeram com que terras passassem de ricos donos de terra Hans para ricos donos de terra manchu sem beneficiar os manchus pobres.

O setor privado também tinha iniciativas voluntárias contra a pobreza como orfanatos e casas de apoio (*poorhouses*). Essas instituições privadas são fruto da cooperação entre governo e elite na criação de bem-estar social. O primeiro orfanato foi aberto em 1655 pela indústria do sal em Yangzhou no Vale do Yangtzé. Com o passar do tempo instituições semelhantes proliferaram em Xangai e Jiangnan, todas no Baixo Yangtzé. Kangxi e Yangzhou reconheceram a importância dessas instituições estabelecendo exigências estatutárias em várias cidades, mas o governo não ajudava na manutenção das instituições e nem legislava a respeito com exceção de Pequim e algumas outras capitais provinciais. O setor privado também passou a contribuir com o bem-estar através de sociedades de salvadas (*chiu-sheng hui*) em cidades costeiras e sociedades fúnebres que tinham por objetivo recolher corpos não reclamados nas cidades e providenciar enterros provendo uma importante forma de higiene nas cidades. (ROWE 2008)

A parte 3.1 discutiu brevemente a divisão da sociedade chinesa e como a elite manchu do novo governo Qing procurou lidar com ela assim como as políticas sociais do período. As rebeliões camponesas foram muito comuns durante a história da China e derrubaram ou enfraqueceram muito as dinastias mais famosas. Os Qing certamente perceberam o potencial da revolta aldeã uma vez que sua conquista da China dificilmente seria possível sem a concomitante rebelião que se propagou no mesmo período. Por isso as políticas de integração dos Hans no governo era tão importante assim como as políticas sociais. Não é possível então classificar de maneira maniqueista os Qing como “déspotas orientais” uma vez que as políticas sociais eram maiores que as européias e havia uma preocupação em integrar outras etnias no governo ainda que a política tenha sido de cima para baixo.

A decadência Qing coincide com a explosão de revoltas no fim do século XVIII iniciada pela rebelião da Lótus Branca que quebrou o mito de invencibilidade do exército Qing⁶⁸. Deng (2003) acredita até que essas rebeliões tenham definido o desenvolvimento de longo prazo da China. O crescimento da protoindústria e do comércio nos moldes Qing manteve o império em relativa paz interna por mais de 150 anos, mas até essa se esgotou no fim do século XVIII. Embora preocupado com políticas sociais o poder estava excessivamente concentrado nas mãos do Imperador o que gerava consequências discutidas na seção 3.2.

⁶⁸ Lótus Branca foi um movimento político-religioso que queria o fim do governo Qing e o retorno do governo Ming. Embora conhecida como “Rebelião da Lótus Branca” na verdade houve uma série de revoltas, a primeira em 1774, que foram todas categorizadas como Rebelião da Lótus Branca, embora fossem desconectadas entre si. (TER HAAR 1992)

3.2 O primado do imperador

Os imperadores chineses não estabeleceram um governo absolutamente tirânico e não expropriavam arbitrariamente a população tanto por questões políticas, como se apontará a população rural chinesa pegou muitas vezes em armas contra seus governantes durante a história derrubando várias dinastias, quanto por questões culturais como a forte influência confuciana que era contra esse tipo de medida e incentivava a população a se revoltar contra maus governos.

Ainda assim, a concentração de poder na mão do imperador era grande. Não havia nenhum primado da lei que pudesse frear as decisões do imperador. Segundo Fukuyama (2011). p.274: “Pode-se dizer que o primado da lei existe somente onde o corpo de leis anteriormente existente é soberano sobre a legislação, o que significa que o detentor de poder político sente-se limitado pelas leis.” Isso muitas vezes levou a conflitos de interesse que atrapalharam o desenvolvimento chinês. Pretende-se mostrar isso com três importantes medidas históricas provocadas pela concentração de poder. Duas dessas medidas foram tomadas pelo imperador Kangxi.

Kangxi reinou de 1661 a 1722, mas somente em 1673, com 15 anos de idade assumiu definitivamente o poder que era controlado pelos regentes. O quarto imperador Qing, vai completar a conquista da China derrotando definitivamente os Ming no sul do país em 1683 quando Taiwan (mais conhecida em português como Formosa), o último reduto Ming, foi conquistada. Kangxi também venceu a guerra civil dos três feudatários (*San-Fan*), causada por nobres poderosos que se recusaram a seguir as ordens do governo central, essa guerra durou de 1673 a 1681⁶⁹. O imperador também resolveu problemas de fronteiras com os russos estabelecendo o limite dos dois reinos por meios diplomáticos com a ajuda dos jesuítas em 1689 e freou as políticas independentes do Tibete garantindo o caráter continental da China. Kangxi também conseguiu acumular reservas de prata no tesouro central.

Kangxi foi responsável por dois importantes episódios em que o poder absoluto do imperador levou a impactos de longo prazo. O primeiro foi a cisma entre o Papa Clemente XI e o Imperador Kangxi. Desde 1660 o catolicismo vinha crescendo na China o que não incomodava o imperador até então. Inclusive, em 1692 foi proclamado o Edito de Tolerância permitindo mais abertamente a pregação e mesmo a construção de igrejas em algumas cidades chinesas mostrando tolerância do imperador para com a nova religião.

O padre francês Joaquim Bouvet que esteve em Pequim tinha esperanças mesmo de

⁶⁹ A maior revolta no governo Qing até a Revolta de Taiping em 1853.

converter o imperador chinês ao catolicismo demonstrando avanços técnicos do Ocidente, opinião que relatou a Luís XIV (1643-1715), o Rei Sol, em correspondência. De fato os jesuítas já tinham demonstrado técnicas matemáticas, astronômicas e medicinais que interessaram o imperador chinês tendo inclusive tratado e curado Kangxi de malária em 1693. Depois da cura o imperador passou a ser patrono de muitas técnicas européias em território chinês. Inclusive a produção de canhões melhores e relógios de alta qualidade foram possíveis graças a essa integração técnica. (DENNERLINE 2008)

No entanto, todo esse avanço ruiu quando o Papa Clemente XI descobriu que os jesuítas estavam agregando ritos chineses as práticas cristãs. O Papa resolveu enviar uma missão especial liderada pelo Bispo Mailard de Tournon para averiguar e impedir tais práticas em 1701. A missão chegou a China no final de 1705 e provocou uma crise com o imperador Kangxi que queria que os rituais na China fossem executados a sua maneira. As negociações não foram boas e no final sobraram aos jesuítas duas opções: aceitar os pronunciamentos do imperador sobre os ritos e serem excomungados da igreja pelo Papa ou não aceitarem e serem banidos da China. Isso levou a uma grande redução do intercâmbio cultural e da expansão cristã na China. Mais que isso, o imperador passou a ver com desconfiança outros estrangeiros e passou a controlar mais o acesso de portugueses e holandeses a China assim como o comércio com estrangeiros. (SPENCE 2008)

A segunda política de Kangxi com grandes impactos econômicos foi o esvaziamento da área costeira da província Zhejiang até a fronteira com o Vietnã em 1661, uma vasta região e um importante polo econômico. Essa medida proibiu a residência e tirou todos os antigos moradores da região costeira até 50 *li* de distância da costa (aproximadamente 25 quilômetros)⁷⁰. Postos de guarda foram estabelecidos para que a população fosse efetivamente evacuada, os impactos econômicos foram gravíssimos inclusive gerando incertezas duradouras sobre um possível comércio marítimo futuro. Com a retomada de Taiwan a política perdeu sua razão de ser, mas até 1685 poucos se aventuraram no comércio costeiro internacional a não ser por contrabando. (ROWE 2008)

A restrição ao comércio marítimo foi comum na China. O que pode ser atribuído a desconfiança que os comerciantes sofriam na China Qing como colocado por Dustan (2006, p.15): “(...) *it was common knowledge of the age that merchants, if not all literally “wicked” (jian), were at best suspect.*” O comércio marítimo esteve proibido durante a maior parte do reinado Ming entre os anos 1371 e 1567 (196 anos). O maior período de comércio com pouca restrição se seguiu a esse entre 1567 e 1647 (80 anos), mas essa liberação esteve mais atrelada

⁷⁰ O *li* também é conhecido como milha chinesa e variou seu tamanho através do tempo. Na época dos Qing equivalia entre 537 e 645 metros. Hoje é estabelecida como 500 metros. Não é claro em que sentido Rowe usou a medida.

ao enfraquecimento da dinastia Ming e sua incapacidade de restringir o comércio do que a uma mudança de perspectiva sobre essa atividade. Os Qing rapidamente proibiram o comércio entre 1647 e 1684 (37 anos). Após Kangxi liberar o comércio ele ficou livre entre 1684 e 1717 (34 anos) e apesar da medida drástica de Kangxi sobre o afastamento da costa o comércio marítimo voltou a crescer no seu reinado. Houve nova proibição entre 1717 e 1727 (10 anos). Finalmente o comércio foi liberado entre 1727 e 1757 (30 anos). Entretanto, em 1745 já começam a surgir uma série de restrições que culminam com o sistema de Cantão que vai durar até o ataque britânico a China. Segundo o sistema de Cantão todas as mercadorias européias deviam entrar pelo porto de Cantão e o comércio marítimo total estava todo restrito a uma pequena quantidade de portos além de outras proibições.⁷¹ (DENNERLINE 2008; ZHAO 2013)

Outra notável medida histórica que aponta os malefícios do poder concentrado foi a política cultural do imperador Qialong (1735-1796). O imperador Qianlong se decidiu a fazer uma enciclopédia que se chamaria “quatro tesouros” (*Siku Quanshu*) com textos de todo o império. Os quatro tesouros são compêndios de textos clássicos, história, filosofia e literatura desde a dinastia Zhou até a dinastia Qing e tinham por objetivo superar a maior enciclopédia até então, feita pela dinastia Ming em 1403, sendo uma espécie de propagando do governo. Na enciclopédia foram adicionados textos que legitimavam e louvavam o governo Qing e sua ascendência manchu, muitos deles eram propagandas sem veracidade histórica. (CROSSLEY 2008; SPENCE 2008)

A busca pelos textos a serem adicionados na enciclopédia levou a uma grande censura literária com todos os textos considerados “maléficos” sendo queimados. Mais de 3000 títulos foram queimados por serem hostis ou desrespeitosos a dinastia Qing, outros textos foram censurados por usarem linguagem vulgar entre outros critérios. Embora a censura fosse comum a sociedades da época a escala na China foi surpreendente. Até textos muito antigos, escritos em pedra, foram destruídos e substituídos. O conquistador Qianlong também ficou conhecido como o incinerador de livros por conta desses eventos. A forte centralização do poder na China tinha perversas consequências no desenvolvimento cultural especialmente se houvesse qualquer sombra de contestação ao governo. (WOODSIDE 2008)

Curiosamente os quatro tesouros tinham também o objetivo de demonstrar que o império Qing não se afastava de um suposto “Plano Central” estabelecido por dinastias anteriores e que haveria uma continuidade desde eras passadas até o presente. Essa propaganda tinha por objetivo fazer frente a pensadores da época que defendiam que o

⁷¹ Embora todo o comércio devesse passar por Cantão havia outras alternativas. Portugueses e espanhóis comerciavam via Macao e Xiamen diretamente com mercadores chineses e Manila e Batavia como apontado por Vries (2015).

governo Han anterior era melhor, menor e mais perto do povo do que o atual governo Qing da minoria manchu. Claramente não era esse o caso dado as modificações sociais que haviam ocorrido na transição dinástica. (WOODSIDE 2008)

Claramente os quatro tesouros exageravam na ideia de continuidade, várias instituições criadas pelos Qing foram interpretadas como continuidades de instituições passadas mesmo sendo completamente distintas. Por exemplo, a corte dos assuntos coloniais (li-fan yüan), criada pelos Qing no século XVII para governar mongóis, tibetanos e turcos foi reinterpretada como continuidade dos oficiais aristocratas da dinastia Zhou (1046-256 AC), instituída para receber lordes feudais na corte.⁷² A organização militar dos oito estandartes criada por Nurhaci na conquista Qing também seria uma continuidade de uma anciã organização militar chinesa. Curiosamente, essa interpretação estática da sociedade chinesa se aproxima da visão Orientalista Ocidental sobre o império chinês que vê a sociedade chinesa como imutável através dos séculos. Embora nem os Orientalistas nem a visão de Qianlong sejam precisos sobre a sociedade chinesa que passava por contínuas transformações institucionais como modificações nas políticas de terras de impostos entre outras, é interessante notar no orgulho chinês, ao menos na época, em mostrar que sua sociedade não havia mudado e ainda seguia um “plano ancestral”. (WOODSIDE 2008)

Foi descrito aqui nessa seção três medidas históricas em que o poder concentrado na mão dos imperadores prejudicou o desenvolvimento de longo prazo do império Qing. A cisma de Kangxi com o Papa Clemente XI que diminuiu o intercâmbio cultural da China, o esvaziamento da costa de Kangxi em 1661 que prejudicou enormemente o comércio marítimo, embora não tenha sido a única medida que prejudicou o comércio marítimo chinês e a política cultural de Qialong que literalmente apagou uma parte da história do país. Isso prejudicou o intercâmbio cultural, o desenvolvimento cultural e do comércio internacional que seriam importantes na transposição da protoindústria para uma fase posterior do desenvolvimento industrial.

3.3 A Questão fiscal na China Qing

Importantes modificações na forma de cobrar o impostos ocorreram na dinastia Qing. Kangxi iniciou uma importante reforma nos impostos que começaram a deixar de ser

⁷²- A origem da corte de assuntos coloniais data de 1636, mas sua função e nome foram se alterando com o tempo. Originalmente tinha por objetivo supervisionar as regiões mongóis e seus membros absorvidos no império chinês quando era chamada de “departamento mongol”. Esse órgão passou a controlar todas as zonas fora da China propriamente dita em 1648 durante o período de regencial de Shunzhi (CROSSLEY 2008)

cobrados em trabalho e passaram a ser cobrados na forma monetária de acordo com o número de adultos do sexo masculino em cada propriedade. Essa reforma começou em 1713 e foi gradualmente se propagando pelo Império chinês tendo sido completada somente em 1750 sob o governo do imperador Qianlong. Além disso, o governo passou a contratar trabalhadores para fazer obras públicas em vez de usar trabalhadores sob o regime de corveia o que leva a maior monetização da economia. (MYERS & WANG 2008)

Vale lembrar que a teoria protoindustrial segundo Kriedt, Medick e Schlumbohm (1981) defende que foi a cobrança de impostos na forma monetária uma das forças responsáveis pela expansão da protoindústria na Europa. A comercialização de produtos industriais seria uma fonte de moedas para os pequenos trabalhadores rurais que podiam com isso pagar os impostos. De fato essas reformas são acompanhadas pela expansão da indústria rural caseira na China. Não pode-se deixar de ressaltar que esse processo de monetização dos impostos já se encontrava em andamento na Europa Ocidental com o fim do feudalismo no século XV enquanto o regime servil no mais atrasado leste Europeu perdurou até o século XIX.

Quando Kangxi faleceu, Yongzheng (1722-1735), o décimo primeiro filho de Kangxi, assumiu como imperador.⁷³ Nesse período, o Ministério da Receita, onde ficava a maior parte do tesouro imperial Qing, tinha apenas 8 milhões de taéis de prata, o equivalente a 27% do imposto anual. Apesar de 20 anos de paz os Qing não tinham acumulado um valor significativo de reservas. Para Yongzheng o problema era a maneira oficial de taxar e não os sonegadores como pensara seu pai Kangxi. Yongzheng deu três anos para os governos locais do império resolvessem o problema, o que foi considerado um tempo impossível. (ZELIN 2008)

A pressão sobre os governadores locais revelou em vários relatórios o precário funcionamento das finanças Qing. Claramente o sistema fiscal Qing não fornecia fundos para que o governo provincial ou o local conseguisse executar o que era esperado deles. A maior parte do imposto Qing era concentrado em terras e no trabalho. Uma segunda fonte importante de renda era o sal que era monopólio estatal e a terceira fonte eram impostos sobre uma série de produtos que variavam de lugar para lugar. De todos esses impostos somente o sobre terras tinha uma parte destinada ao governo local sendo em torno de 21% em 1685.

Os principais gastos correntes dos governos locais eram salários, gastos cerimoniais,

⁷³ Há vários boatos de que o Yongzheng teria falsificado o testamento do pai Kangxi para assumir o trono e não seria digno de ser o imperador. De fato Yongzheng não era um dos principais pretendentes ao trono e nem o favorito em muitos ciclos da corte o que levou a uma disputa entre os irmãos resultando no afastamento dos outros pretendentes para cargos cerimoniais ou distantes em que não poderiam influenciar no governo, alguns pretendentes foram condenados a cadeia onde morreram em um breve período de tempo. Esse tipo de conflito foi comum durante o período de sucessão especialmente no começo do governo Qing.(ZELIN 2008)

soldo de estudantes e bem-estar social para órfãos, viúvas e pobres. Para construir ou reparar muralhas, estradas, diques, aterros, pontes, travessias de barcos e outros tipos de obras públicas eram necessários mais recursos. Em alguns casos de emergência o governo central ajudava no financiamento contra enchentes e ajuda aos famintos, mas a maior parte da responsabilidade recaía sobre os governos locais.

Para executar obras os oficiais locais contavam com desvio de dinheiro do governo central para outros fins ou extorquir a população no momento da cobrança de impostos. Ambos os métodos eram ampla e regularmente utilizados. O que se descobriu foi que todo um sistema de impostos, em sua grande parte ilegal, funcionava em paralelo com o regime fiscal regular. É claro que esse sistema tinha impacto sobre a disciplina e a moral dos oficiais.

A pressão sobre os governos locais mais a promessa do governo central de não punir as denúncias levou a revelação de todo o esquema que foi escancarado em 1723. A primeira e principal forma dos governos locais cobrarem a sobre taxa era através dos chamados "subsídios ao desperdício". Em chinês a taxa era chamada *hao mi* para grãos e *hao hsien* ou *huo hao* para impostos sobre fundição. (ZELIN 2008)

Originalmente era comum que os governos locais pudessem cobrar uma pequena taxa a mais sobre os grãos para cobrir as perdas no transporte e uma pequena taxa a mais sobre a prata para compensar as perdas de fundição em barras maiores para transporte. Essa pequena quantia tinha crescido até corresponder a até 50% ou mais do imposto oficial. Uma outra maneira de conseguir recursos era a imposição de custos de pesagem, avaliação dos tributos e mesmo a cobrança de honorários pela cobrança de impostos, ou seja, o súdito era cobrado por ser cobrado. O desvio de recursos do governo central seria uma terceira alternativa, através de envios parciais dos recursos arrecadados, desvios em obras públicas e falsificação de atrasos nos envios ao governo central.

O sistema era tão bem estabelecido que muitos funcionários eram contratados sem salário algum e apenas ganhavam o direito de taxar alguns grupos como achassem conveniente. Havia inclusive um fluxo das sobretaxas de oficiais de menor patente para os de maior patente, todo ilegal, para financiar escritórios oficiais, sustentar familiares dos oficiais e prover diversos serviços públicos.

O imperador chegou a cogitar a proibição de que oficiais de alta patente extorquissem seus funcionários, mas logo percebeu que isso quebraria todo o sistema de financiamento que deixava o império funcionando. Acabou se optando por incorporar tanto quanto possível os impostos não oficiais aos oficiais. As "taxas de desperdício" seriam mantidas e oficializadas,

os impostos subiram e uma série de outros impostos oficiais foram criados inclusive taxas emergenciais para o caso de catástrofes naturais. O Imperador Yongzheng ainda abriu grande espaço para discricionariedade local entendendo que uma regra única para todas as províncias seria pouco eficiente mesmo que a simplicidade da cobrança fosse prejudicada

Yongzheng ainda será responsável por outra importante reforma fiscal. O imposto sobre o trabalho (*ting*) seria gradualmente abolido e agregado ao imposto sobre terras (*ti*). Essa é uma ideia antiga que vinha desde os Ming, mas nunca chegou a ser aplicada. Conforme o imposto foi se monetizando e deixando de ser cobrado em trabalho passou a ser impraticável taxar famílias muito pobres que não tinham terras. Claro que os donos de terra resistiram a essa reforma que aumentavam seus encargos, mas a reforma avançou independente disso.

Outra questão que afetava a capacidade de arrecadação do Estado eram as isenções aos literati, nome dado a classe que passava nos exames de graduação na China. Os literati tinham uma forte influência política e sua isenção de impostos já era concedida há séculos. Inicialmente o argumento é que essa classe estaria acima do trabalho manual e por isso não devia pagar impostos relacionados ao trabalho uma vez que esses eram pagos com trabalho. Esse argumento deixou de fazer sentido uma vez que os impostos foram monetizados. No final da dinastia Ming com o enfraquecimento do governo central os literati conseguiram ainda o direito de isenção de impostos sobre o trabalho para todos os familiares que trabalhassem em suas terras. Essa política incentivou muitos parentes a "doar" as terras para os literati para que pudessem ficar isentos dos impostos. Além disso, os literati pagavam menos impostos sobre a terra. Yongzheng atacou essas duas práticas eliminando a diferenciação por classes nos impostos de terras, que beneficiava os literati, e estabelecendo que somente os literati em pessoa estariam isentos das taxas sobre o trabalho e não seus familiares. Punições severas aos literati sonegadores e aos cobradores de impostos que contribuíssem com a sonegação foram estabelecidos. O conflito de interesses entre literati e governo central se manteve durante todo o período Yongzheng só sendo suavizado pelo seu sucessor, Qianlong, que reestabeleceu muitas das isenções.

O aumento da relação do Estado com os mercadores também foi importante no período e demonstra o crescimento da importância dessa profissão na sociedade chinesa. O aumento no volume e valor dos bens negociados em geral foi importante. Segundo Woodside (2008), entre 1735 e 1795 os impostos da alfândega quadruplicaram. O aumento da arrecadação não agrícola foi tão surpreendente que chamou a atenção de governantes vizinhos como os vietnamitas que procuraram aprender como proporcionar tal desenvolvimento.

A participação de impostos não agrários passou de 9% no século XVII para perto de 17% em 1753 segundo Deng (2003). A maior parte do imposto comercial estava relacionada a monopólios estatais especialmente sobre o sal como pode ser visto no gráfico abaixo. A arrecadação com esse produto dobrou entre 1734 e 1753. O monopólio do sal gerava fortunas para as famílias autorizadas a negociá-lo. Um dos principais monopólios na produção do sal se localizava na cidade de Yangzhou na província de Jiangsu localizado no vale do Yangtzé. Entre 1750 e 1800 o monopólio do sal produzia em média cinco milhões de taéis de prata por ano somente nessa cidade.

Tabela 3 – Impostos na dinastia Qing

Ano	Agrários*	não agrário	sobre o sal
1652	90,6%	9,4%	6,4%
1682	88,4%	11,6%	6,7%
1766	74,6%	25,4%	9,3%

Fonte: Deng (2003)

*em impostos agrários se considerou também os impostos sobre o comércio de grãos

O financiamento dos mercadores de sal foi muito importante para as campanhas militares de Qianlong (1735-1796), metade dos custos da conquista de Sichuan foi financiada por esses mercadores. Os governantes locais também tinham uma profunda, e muitas vezes ilegal, relação com os monopólios de sal que financiavam de tudo como Soldados, academias e escolas de caridade numa profunda relação entre público e privado.

Apesar de que, em 1736, se tenha permitido que chineses individualmente vendessem sal como forma de alívio a pobreza, o monopólio permaneceu concentrado na mão de poucas pessoas através de várias restrições aos produtores individuais: Só se poderia vender o sal que pudesse ser carregar nos ombros e mais de três pessoas não podiam vender sal juntos. Com o aumento populacional o preço do sal subiu muito nesse período enquanto os impostos sobre o sal não cresciam na mesma proporção. Isso ocorria sob o aval do imperador que estava ciente dessa situação ao proclamar, em 1751, que confiscar o excesso de lucro estava fora do escopo do Estado. Isso não quer dizer que a China fosse pró-livre comércio, pois o comércio do sal era um monopólio. O governo chinês era intervencionista na economia e tinha orgulho disso, mas normalmente não o fazia através de impostos que permaneceram muito baixos se comparados a Europa.

A despeito dos esforços de Yongzheng pra racionalizar, formalizar e aumentar a tributação e o aumento do comércio, os impostos no período Qing se mantiveram baixos em relação aos países europeus no mesmo período. Vries (2015) acredita que os impostos tenham aumentado em 14% de 35 milhões de taéis anuais para 40 milhões com as reformas de Yongzheng.⁷⁴ Isso ainda manteria os impostos na faixa de 2% a 3% do PIB na China enquanto na Inglaterra já beirava 16% do PIB no mesmo período, 9% para a França e entre 10% e 15% para Holanda por exemplo. Na maioria dos países europeus beirava 10% da renda, ou seja, o Estado chinês permaneceu bem exíguo na arrecadação. Além disso, o governo chinês nunca se endividava não tendo uma dívida pública. A ideia de endividar o governo não era sequer cogitada. Com pouca arrecadação e sem endividamento o governo não podia ser uma fonte consistente de demanda para alavancar um crescimento econômico. Isso somado as restrições ao comércio externo prejudicam duas importantes fontes de demanda para o crescimento: as exportações e os gastos do governo.

Na seção 3.3 procurou-se debater o sistema de arrecadação chinês, sua forma e funcionamento e os limites que ele impunha ao gasto público. Na parte 3.4 discutir-se-á a importante política de expansão agrícola que permitiu o crescimento populacional no período.

3.4 Política de expansão agrícola

Na transição dinástica dos Ming para os Qing o abandono de terras para fugir do conflito, a destruição de muitos povoados e a interrupção do controle de terras em meados do século XVII levaram a uma queda da terra registrada para o fisco em quase 200 milhões de mus⁷⁵, equivalente a aproximadamente 12 milhões de hectares, em relação ao ápice de terras dos Ming. Isso levou os Qing a se preocuparem com a recuperação de terras desde o início do seu domínio. Prazos foram colocados para que os oficiais aumentassem terras sob o fisco e recompensas foram oferecidas a quem conseguisse atrair novos colonizadores para as terras abandonadas.

Durante o reino de Kangxi (1661-1722), isenções fiscais foram oferecidas a terras

⁷⁴ As estimativas mais precisas variam entre 30 e 80 milhões de taéis. As estimativas menos precisas apontam para até 200 milhões de taéis. Em média o câmbio era de três taéis para uma libra esterlina. (VRIES 2015)

⁷⁵ “Mu” muitas vezes é traduzido como “mou” do chinês. Segundo a medida chinesa 1 ch’ing vale 100 mus e um mu vale aproximadamente 1/15 hectares. No entanto, nunca houve uma padronização da medida de terras no período dinástico e cada região usava uma medida um pouco diferente que variava com o tempo o que dificulta uma conta precisa. A falta de padronização levou grandes proprietários a se opor a reformas que cobrassem mais baseando-se no tamanho das terras como a reforma que Yongzheng realizou ao abolir o imposto sobre o trabalho e o serviço. (ZELIN 2008; BROADBERRY, GUAM e LI 2017)

recém-ocupadas e oficiais locais foram autorizados a ajudar os novos colonos fornecendo empréstimo para compra de sementes, gado e ferramentas. Inicialmente havia poucos recursos disponíveis aos novos colonos devido a escassez de recursos dos governos locais no início da dinastia Qing por conta das guerras dinásticas. Apesar disso, no início do reinado de Yongzheng (1722-1735) a terra registrada já tinha superado o ápice registrado no período Ming.⁷⁶ A maior parte das terras colonizadas até então estavam localizadas no coração do império, durante o governo Yongzheng houve menos terras novas registradas, mas essas se concentravam em províncias mais distantes do centro do império e traziam contribuição significativa para a receita estatal. Localizadas em áreas com uma relativamente baixa densidade populacional elas ajudavam a alimentar áreas centrais onde mineração, agricultura comercial e indústria rural não geravam alimento para autoconsumo. (ZELIN 2008)

Como terras mais distantes passaram a ser cultivadas, o apoio governamental passou a ser bem mais importante. No século XVIII uma nova preocupação além do aumento de receitas levou o governo a apoiar a expansão agrícola; o receio de que o crescimento populacional fosse gerar uma demanda por alimentos que superasse a capacidade produtiva do império. Assim, o cultivo para autoconsumo também passou a ser incentivado pelo Estado. As políticas de expansão agrícola começadas no governo de Kangxi alcançam um ápice no governo Yongzheng. (ROWE 2008, ZELIN 2008)

As três principais maneiras que Yongzheng usou para incentivar a expansão agrícola já foram utilizadas no século XVII pelos primeiros imperadores Qing, mas ganharam novas proporções. Foram elas: (1) Períodos de isenção fiscal para novas regiões cultivadas. (2) Prêmios para oficiais e membros da elite que promovessem a colonização de grandes áreas (3) Empréstimos para pessoas em dificuldade que migrassem para áreas da fronteira.⁷⁷ (4) Subsídios para parte dos custos de transporte dos novos colonos.⁷⁸ (5) Garantia do direito de propriedade para os novos colonos

A reforma fiscal discutida na seção 3.3 que aumentou os recursos disponíveis para os governos locais também aumentou a capacidade desses de aumentar a fronteira agrícola. Em 1723 as isenções fiscais eram de seis anos para terras úmidas, próprias para o plantio do arroz que era a principal fonte de alimentos do império, e 10 anos para terras secas. O medo de evasão fiscal levou, em 1729, a uma redução das isenções para cinco anos independentemente do tipo de terra, mas o incentivo permaneceu.

⁷⁶ A terra cultivada aumentou em cerca de um milhão de acres durante o reinado Yongzheng. (ROWE 2008)

⁷⁷ Empréstimo que tinham 3 anos para serem pagos. (ZELIN 2008)

⁷⁸ Na prefeitura de Chao-tung em Yunnan o imigrante poderia receber 0,05 tael por dia de viagem (1,75 g de prata aproximadamente). (ZELIN 2008)

Durante o governo Yongzheng, todas as províncias foram obrigadas a fazer um censo sobre suas áreas cultiváveis que não estavam sendo utilizadas e os oficiais locais tinham que ocupar 30% dessas terras anualmente se quisessem se manter no cargo. Algumas terras ocupadas que não estavam sendo usadas para agricultura foram obrigadas a fazê-lo se não quisessem perder a propriedade como foi o caso na província de Gansu no Noroeste; na província de Fujian no sudeste e na província de Hubei na região central da China. Nesse último caso o objetivo era impedir a apropriação de terras sem que elas se tornassem produtivas.

Nas províncias Yunnan, Henan, Liaoning e na ex-província de Zhili, o governo chegou a incentivar que terras para pasto fossem transformadas em áreas produtoras de cereais. O governo inclusive realizou a construção de obras públicas de irrigação e drenagem em alguns desses territórios para incentivar a agricultura. De todas as políticas no período os empréstimos para aquisição de sementes, gado, ferramentas e comida foi o de maior peso, política que tinha sido bastante incipiente durante o século XVII. Quase todas as províncias receberam algum tipo de apoio do gênero no reinado de Yongzheng. Quando a terra era imprópria para o arroz o governo também ajudava fornecendo instruções de como arar e cultivar a terra tanto para os imigrantes Hans quanto para povos nativos, o que foi comum na região de Yunnan, por exemplo. (ZELIN 2008)

Essas políticas de incentivo geraram distorções como relatórios falsos para se aproveitar dos incentivos do governo, cultivo de terras impróprias para o plantio de longo prazo entre outros problemas. Nenhuma dessas foi um impeditivo para o projeto de expansão agrícola como um todo. (ROWE 2008)

Foi no período Qing e graças as políticas agrícolas que a população chinesa, sempre concentrada nos vales e terras baixas, passaram a migrar para terras mais altas. Esse movimento foi facilitado pelo aumento populacional e a disseminação de produtos do novo mundo como a batata-doce e o milho que era mais facilmente cultivável em terras altas ao contrário do arroz. Por motivos de segurança os Ming tinham se colocado contra migrações para as terras altas⁷⁹, mas essa política foi invertida no governo Qing.

O aumento da produção agrícola pelos vários meios aqui apontados foi essencial para sustentar o novo patamar de crescimento populacional que havia sido atingido durante o governo Qing. Embora não exista consenso sobre a população exata da China é reconhecido que a população se recupera da guerra de transição dinástica no fim do século XVII, mas

⁷⁹ Atacar uma região montanhosa é mais difícil do que atacar uma planície. Populações em regiões montanhosas podiam oferecer mais resistência ao governo facilitando revoltas.

dobrou durante o século XVIII. Uma estimativa razoável apontada por McEvey e Jones (1978) indica que a população teria ido de 150 milhões para 320 milhões de pessoas.

3.5 Expansionismo militar chinês

Nessa seção se debaterá a expansão militar e territorial chinesa no governo Qing. A dinastia Qing é muito expansionista e dobra o tamanho do império, mas seus objetivos são muito diferentes dos que guiam o imperialismo europeu. A primeira preocupação foi consolidar o poder dentro do império inicialmente sobre a resistência Ming durante o governo Kangxi e depois sobre outras etnias no governo Yongzheng.

Yongzheng procurou consolidar o controle do sudeste do império sobre povos não hans que não se submetiam diretamente ao controle imperial. Durante o governo Ming esses chefes nativos ganharam grande independência com aval do governo central ocupando grandes áreas nas províncias Hunan, Hubei, Guangdong, Guangxi, Guizhou, Sichuan e Yunnan (localizadas na região centro-sul do império). Kangxi não chegou a enfrentar essa questão diretamente, mas abriu escolas obrigatórias nessas regiões para tentar integrar esses povos à cultura chinesa. Yongzheng, por outro lado, procurou assumir completamente o controle sobre esses territórios o que gerou uma série de revoltas controladas pelo exército imperial. Os revoltosos recebiam anistia se voltassem para suas terras, caso contrário perderiam a terra para novos colonos. Vencidos esses grupos foram obrigados a fazer o corte de cabelo ao estilo Qing, recebiam também sobrenomes chineses caso não tivessem um e seus líderes foram substituídos por escritórios imperiais chamados *yamen*. Com isso a política de expansão agrícola e colonização começou a se radicalizar nessas regiões aumentando a produção e o alinhamento com o governo central. Essas regiões passaram a receber um grande fluxo de imigrantes, pois ficavam relativamente próximas ao centro do império e eram pouco cultivadas tendo disponibilidade de terra.

Políticas semelhantes reduzindo o poder dos povos locais foram aplicadas no nordeste do império e em Taiwan (regiões menos desenvolvidas). No caso do Nordeste, a feroz resistência dos mongóis, em especial os Dzungars, impediram qualquer política bem-sucedida na região e levaram a uma série de derrotas militares. O controle só foi reestabelecido nos anos 1750 no governo do imperador Qianlong (1735-1796) que será abordado em breve. No caso de Taiwan, as populações locais eram abundantes o que gerou uma revolta em 1733 controlada rapidamente, mas o descontentamento com o governo central

permaneceu frente a política de colonização que se expandia ao mesmo tempo em que Taiwan virava uma importante fornecedora de alimentos para as cidades costeiras.⁸⁰

Se o longo reinado de Kangxi (1661-1722) foi responsável por unificar o antigo império chinês sob o comando Qing, o longo reinado de Qianlong (1735-1796), o quarto filho de Yongzheng e seu sucessor, foi o responsável pela expansão territorial do império. (ROWE 2008; WOODSIDE 2008; CROSSLEY 2008) O imperador Qianlong não foi um grande reformador como seus antecessores fazendo uma expansão horizontal do império mais que qualquer mudança vertical. As políticas de migração, por exemplo, foram reduzidas. (WOODSIDE 2008)

A expansão do império no governo Qianlong veio através de conquistas militares. As guerras de Qianlong acabaram definitivamente com o nomadismo independente da Ásia central, que tantas vezes ameaçara o império chinês, ao derrotar a tribo dos mongóis Dzungares. A resistência Dzungar foi tão feroz que Qianlong procurou apagar a história do conflito dos registros, banindo o nome Dzungar e espalhando os sobreviventes para que não pudessem se organizar novamente⁸¹. Com essa vitória Qianlong absorveu o território hoje pertencente a República da Mongólia dentro do império Qing. (ROWE 2008; WOODSIDE 2008; CROSSLEY 2008)

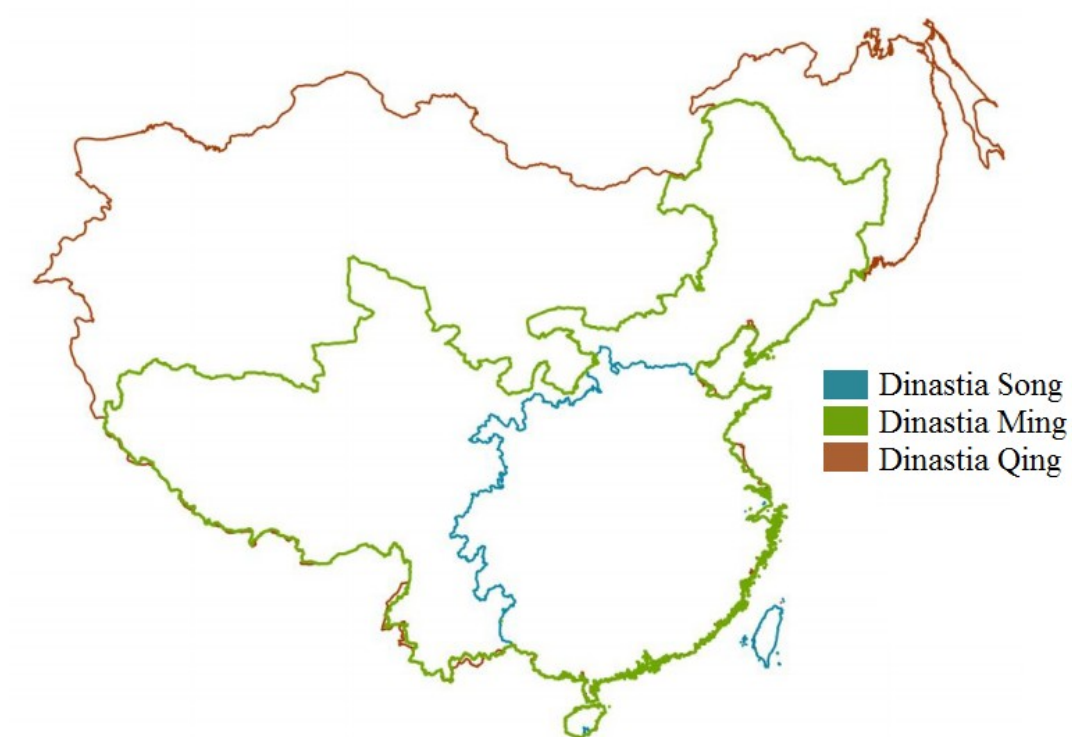
Qianlong tomou também parte da Sibéria e o vale de Ili no Cazaquistão atual. Foi então que o império chinês alcançou sua máxima extensão tendo mais que o dobro do território do império no auge da dinastia Ming. Para essas conquistas foram desenvolvidas novas formas de logística para superar distâncias maiores que as percorridas por Napoleão⁸². Para incentivar os militares Qianlong dava grandes recompensas para os generais vencedores na forma de terras e prestígio enquanto aplicava grandes punições aos derrotados, chegando até a condenar a pena capital por uma derrota particularmente vergonhosa. (ROWE 2008; WOODSIDE 2008; CROSSLEY 2008)

⁸⁰ Vale notar o histórico de resistência de Taiwan contra o governo central. No início do governo Qing foi reduto de resistência contra o governo central tendo abrigado os Míng que resistiram a dominação Manchu. Em meados do governo Qing a população de Taiwan vai se revoltar contra a política de colonização do governo central e após a Revolução Comunista vai abrigar os Nacionalistas Chineses (Kuomintang). Até hoje a situação política de Taiwan gera tensão na comunidade internacional.

⁸¹ Imperadores reescrevendo a história não é novidade na China.

⁸² Embora o número de soldados deslocados tenha sido bem menores (VRIES 2015)

Figura 3 – Ápice da expansão territorial Song, Ming e Qing



Fonte: BROADBERRY, Stephen; GUAN, Hanhui; LI, David Daokui. China, Europe and the great divergence: A study in Historical National Accounting, 980-1850. Discussion Papers in Economic and Social History, n. 155, abril 2017.

Na última década de seu reinado Qianlong adotou o título Shih-ch'uan lao jen que pode ser traduzido para “Ancião Das Dez Grandes Campanhas”. Essas campanhas se referem as guerras que o imperador realizou entre 1747 e 1792. São elas: Três expedições na Ásia central entre 1755 e 1759 contra os Dzungars e os Uigures (turcos muçulmanos); duas guerras, entre 1747 e 1749 e outra entre 1771 e 1776, para suprimir os Chin-ch'uan (correntes de ouro), uma minoria tibetana na província de Sichuan, que foi a guerra mais cara do governo. Uma guerra contra a dinastia Konbaug em Burma (atualmente Myanmar) entre 1765 e 1769 e a invasão do Vietnã em 1788 e 1789 para restaurar uma dinastia aliada que estava sendo deposta. Repressão a uma rebelião em Taiwan entre 1787 e 1788 e duas guerras no Tibete e arredores para solidificar o poder na região entre 1790 e 1792 contra os Gurkas, uma etnia do Nepal.

Essas campanhas, assim como as de Yongzheng antes delas, reduziram o poder das

populações nativas tirando o direito de organizar exércitos e o direito político hereditário de líderes locais. A organização passou a ser feita toda dentro da burocracia Qing padrão, o que foi muito bem-visto pela historiografia chinesa por conta da maior integração nos costumes e nas leis promovidas pelo imperador reduzindo as chances de revolta no império e aumentando a homogeneização do império. (WOODSIDE 2008)

Para integrar essas novas regiões ao império o governo Qing promoveu a construção de estradas, fundação de cidades, o registro da população, a regulação dos impostos e incentivou ou coagiu as populações locais a utilizar os mecanismos de justiça que o império dispunha para resolver disputas locais. (ROWE 2008)

Os três imperadores Kangxi, Yongzheng e Qialong desenvolveram também um notável sistema de educação através de “escolas de caridade” (i-hsueh) pelo império que encorajava os mais talentosos membros de minorias étnicas a passarem pelo sistema de exames Qing com direito a cotas de maneira a absorver essas culturas dentro do império. Esse sistema de educação foi muito bem-sucedido no longo prazo, conseguiu impor a cultura manchu-han aos nativos, mas causou resistência e distorções entre alguns grupos. Havia hans que se declaravam de minorias para ter acesso as cotas e algumas minorias se sentiam aculturadas pelas políticas de educação. De fato o processo de dominação chinesa envolvia a adoção da língua e da escrita chinesa, dos costumes de Confúcio e da agricultura sedentária como forma de vida em oposição ao nomadismo comum na Mongólia. Impunha-se a adoção de vestimenta Han e Manchu como símbolos de civilidade e ainda a aceitação da cultura han patrilinear e patrilocal entre inúmeras outras imposições culturais. (ROWE 2008; WOODSIDE 2008)

Apesar da grande expansão territorial, especialmente no Norte, Nordeste e Oeste com a anexação da Manchúria, da Mongólia e o controle do Tibete, nem todas as batalhas foram bem sucedidas. As guerras em Burma e Vietnã foram grandes desastres disfarçados com propaganda governamental. A guerra com Burma esteve relacionada a disputa sobre a vassalagem de um grupo local de quem ambos os governos consideraram vassalos. O desconhecimento do terreno de Burma levou a três campanhas malfadadas em que a cavalaria chinesa morria por falta de pastos. A guerra com o Vietnã foi perdida também por desconhecimento geográfico, em parte pelo orgulho de Qianlong em não se aliar com tropas vietnamitas. Essas guerras não alcançaram nenhum sucesso duradouro. (ROWE 2008; WOODSIDE 2008)

As guerras com Burma e Vietnã na verdade atrapalharam o desenvolvimento do comércio asiático que estava crescendo. Por exemplo, o sudoeste do império chinês dependia

fortemente da importação de algodão de Burma e os mercadores ignoraram completamente o embargo do imperador quando a guerra foi declarada, isso durou até o imperador tomar medidas mais enérgicas. As expansões territoriais se mostraram difíceis de manter e na maior parte das vezes esses territórios ofereciam poucos ganhos de recursos naturais (exceto o Tibete com importantes minas de ouro), impostos ou complementariedade econômica.

Embora o território chinês tenha experimentado enorme expansão, o objetivo não era conquistar recursos ou dominar mercados como a política europeia. De fato, a maior parte da expansão ocorreu em terras pobres para agricultura, sem produtos estratégicos e inicialmente com nenhuma complementariedade econômica com o império. O objetivo dos Qing nunca foi expandir mercados, mas sim acabar com o nomadismo independente da Ásia central que tantas vezes invadira a China e manter os reinos tributários sob sua influência cultural. Mesmo os reinos vassallos não eram vistos como um foco de exploração pela China e sim como povos bárbaros que precisavam ser civilizados pela cultura superior chinesa.

Os custos das conquistas se mostraram bem altos para o tesouro, mas, mesmo assim, esse se acumulou continuamente de 8 milhões de taéis no reinado de Kangxi para 24 milhões no período Yongzheng e 70 milhões em 1781 durante o reinado de Qianlong, apesar das guerras. Além disso, os impostos sobre a terra foram reduzidos e os incentivos financeiros ao aumento da produção agrícola em terras de mata virgem cresceram assim como o sistema de ajuda aos famintos. O aumento de arrecadação pode ser explicado com o monopólio do sal, o aumento de arrecadação com atividades comerciais e com a expansão agrícola. (WOODSIDE 2008) A arrecadação anual passou de 40 milhões para 45,5 milhões de taéis no governo Qianlong, mas, mesmo com esse aumento, o imposto permaneceu entre 2% e 3% do PIB. (VRIES 2015)

Nesse capítulo procurou-se dar uma visão geral sobre o governo Qing. Seu modo de intervenção na economia e suas prioridades no modo de se expandir e organizar a sociedade. Citou-se todos os imperadores do período e importantes contribuições e mudanças que essas figuras trouxeram em relação ao passado Ming. Foram eles: Nurhaci (1616-1626), Huang Taiji (1626-1644), Shunzi (1644-1661) e Kangxi (1661-1722), Yongzheng (1722-1735) e Qianlong (1711-1799).

Uma das grandes dificuldades dos primeiros governantes foi ganhar a confiança da etnia majoritária Han que não via com bons olhos a presença de imperadores de uma etnia estrangeira e minoritária manchu. Para garantir a sua legitimidade muitas políticas foram lançadas de integração das duas etnias no plano militar e burocrático administrativo do Estado chinês. Políticas de assimilação cultural também foram usadas posteriormente para integrar os

mongóis e outras etnias ao governo central Qing. De qualquer maneira o estado falimentar em que se encontrava a dinastia Ming e o estado de caos em que se encontrava a China facilitou a conquista tanto militarmente como moralmente, pois os Qing eram vistos como vingadores dos Ming que sofreram grandes derrotas para os rebeldes comandados por Li Tzu-ch'eng. Os rebeldes levaram a morte do antigo imperador Ming e causaram grande caos em Pequim, a capital do império, sendo muito mal vistos.

Embora advindos de uma etnia estrangeira os manchus não exerceram um governo despótico meramente explorador. O receio de revoltas parece ter sido um dos principais motivos para uma postura benevolente em relação a etnia han. Segundo Deng (2003) a China pode ser facilmente identificada como a classe agrícola mais revoltosa da história tendo em média 2106 grandes revoltas entre 201 AC a 1900 DC. Essas revoltas em média duravam sete anos e envolviam a participação de 226 mil pessoas. Todas as grandes dinastias chinesas de pois da Qin foram derrubadas ou muito enfraquecidas por causa de rebeliões aldeãs. Culturalmente a rebelião contra o mal governo era abertamente defendida pelo confucionismo. Mesmo a dinastia Qing só escapou do mesmo destino por conta da ajuda estrangeira durante as revoltas Taiping e Nian. De fato a decadência Qing é marcada pela rebelião a Lótus Branca no fim do século XIX. Assim, apaziguar a chance de Rebeliões era uma das principais preocupações do governo em especial por conta de ser um governo dominado por uma etnia estrangeira.

A redução relativa do número de concursos e cargos públicos diante do aumento de população significou uma redução na classe dos literati. Disputas em torno do direito de taxaço levaram a um conflito entre os literati e o governo central que reduziu o poder dos primeiros. A maior centralização na indicação de cargos também reforçou o governo central. A forte centralização do poder abria espaço para certas decisões arbitrárias dos imperadores. Comentou-se sobre a política cultural de Qianlong que apagou a história que incomodava a dinastia manchu e a proibição das navegações cujo caso durante o reinado Kangxi foi emblemático e tanto prejudicou o comércio marítimo. Não havia então nenhum primado da lei que pudesse frear o poder do imperador.

Isso não quer dizer que um absolutismo tirânico estava colocado. Tanto por fatores culturais quanto pelo risco de revoltas aldeãs o governo mantinha os impostos em níveis extremamente baixos se compararmos com outros países do mundo no mesmo período. Mesmo as reformas de Yongzheng que procuraram racionalizar e aumentar a tributação mantiveram os impostos em menos de 3% do PIB. Apesar disso a participação do governo não era desprezível. Conforme Deng (2003) o governo controlava em média 13% a 14% da

terra cultivada e o preço de várias commodities entre elas vinho, sal, ferro, chá, seda, ingredientes medicinais e outros. O monopólio privado sobre o sal e sua íntima ligação com o governo central, financiando guerras e projetos sociais indicam que o governo tinha participação significativa na economia, embora os impostos fossem relativamente baixos.

Uma participação mais presente do Estado podia ser sentida em determinados setores, especialmente o agrário com a política de expansão de terras agrícolas e as obras de manejo de águas que tinham por objetivo aumentar a renda, a produção e o bem-estar do império. Os grandes projetos públicos para alívio aos famintos e necessitados muito maiores que os disponíveis na Europa nesse mesmo período indicam a preocupação do governo central em um certo nível de bem-estar social. A preocupação com o bem-estar local já existia antes dos Qing embora tenha alcançado um novo patamar no período. Segundo Wong e Rosenthal (2011, p.178) *“If public goods had been any indication, taxation should have been higher in China than in Europe. But taxes were lower in China.”* A cultura confuciana e o histórico de revoltas foram dois importantes fatores para a que esse sistema fosse historicamente mantido como apontado por Deng (2003). A incapacidade de manter a qualidade de vida dos aldeões foi o que levou a revolta da Lótus Branca e a rebelião de Taiping. Como se verá a protoindústria em expansão foi incapaz de gerar o desenvolvimento necessário para manter a qualidade de vida da população em expansão.

As conquistas de Qianlong, que duplicaram o tamanho do império, também indicam que havia uma preocupação expansionista por parte dos Qing. Esse expansionismo era bem diferente do imperialismo europeu, pois não visava extorquir os povos conquistados, adquirir especiarias ou minerais preciosos.⁸³ As regiões conquistadas não tinham complementariedade econômica com o império e nem ofereciam terras férteis de modo geral. O objetivo principal era neutralizar a ameaça dos povos nômades no norte do país. Mesmo os estados tributários como Tibete e Coreia mantinham significativo grau de independência política e econômica e até se beneficiavam do comércio na forma de “tributos”.

Esse capítulo defendeu três pontos sobre o governo Qing. Primeiro ponto, que ele não pode ser caracterizado meramente como um despotismo, pois tinha uma preocupação social demonstrado em políticas de ajuda aos pobres, de desenvolvimento agrário, políticas de controle do preço dos grãos, obras de infraestrutura e políticas de integração étnica. Além disso o governo Qing mantinha baixíssimos impostos. Os motivos para esse comportamento

⁸³ Como definido por Lenin “Imperialismo é a fase superior do capitalismo”. Definição que certamente não se aplica a política chinesa de expansão territorial. (LENIN 1916 [1989])

são o receio de revoltas, comuns na história chinesa sendo uma delas responsável pela instauração do próprio governo manchú, e a rápida integração cultural dos manchus a sociedade chinesa. Segundo ponto, que o poder permaneceu excessivamente concentrado nas mãos do imperador que não tinha impeditivos para suas decisões exceto o risco de revoltas o que gerou problemas na integração cultural e econômica da China assim como levou a censura de muitos textos. Terceiro ponto, a política de expansão territorial chinesa não levou a integração econômica ou a criação de mercados sendo a principal preocupação o controle dos povos nômades do norte e de outras minorias étnicas dentro do país.

O objetivo central do capítulo foi colocar que o governo Qing tem preocupações sociais, mas tem um baixo poder de intervenção devido a baixa arrecadação e a ausência de dívida pública e tem uma baixa integração comercial devido as inúmeras proibições e limitações do comércio marítimo.

CAPÍTULO 4 – TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS NO PERÍODO QING

O período de transição dinástica e reconquista da China foi bastante desgastante para o Império em termos populacionais e econômicos, mas uma vez que o Império se pacificou mais para o fim do século XVII a população e a economia começou a se expandir de maneira pujante. Tanto a produção agrícola como a industrial e a comercial cresceram significativamente. Sistemas financeiros embrionários também se expandiram pelo império no século XVIII. São essas transformações econômicas que a tese trabalhará nesse capítulo focando nas regiões do Vale do Yangtzé, Jiangnan e o Baixo Yangtzé. O objetivo é mostrar que, a despeito de transformações econômicas e sociais, os mercados de terra, trabalho e crédito permanecem com restrições e que há uma intensificação da produção, mas com queda da produtividade do trabalho.

4.1 O Vale do Yangtzé e o mercado de terras

O Rio Yangtzé ou Chang Jiang (rio longo) no chinês moderno é o maior rio da Ásia percorrendo 6380 km e está inteiramente contido no território chinês.⁸⁴ Nasce nos montes Kunlun localizados em Qinghai e no Tibete e deságua no mar da China Oriental. O rio é habitado por humanos há pelo menos 27 mil anos e atualmente irriga as regiões mais férteis da China sendo central na história, cultura e economia da China junto com o Rio Amarelo. Por milhares de anos o rio tem sido utilizado para irrigação, transporte, saneamento, guerra e para a indústria.⁸⁵ (JAMIENSON 1911; YANG & ZHENG 2004)

A região do Yangtzé é dividida em três áreas. O alto Yangtzé, o médio Yangtzé e o baixo Yangtzé. Essa tese se concentrará no Baixo Yangtzé especialmente por dois motivos: Por ser uma das regiões mais desenvolvidas da China desde muito antes do período estudado até a atualidade e por ser uma das regiões mais estudadas oferecendo ampla bibliografia e literatura. O Baixo Yangtzé envolve Xangai e a maior parte das províncias Anhui e Jiangsu assim como a parte norte de Zhejiang, uma pequena parte de Jiangxi e uma pequeníssima

⁸⁴O Yangtzé também tem vários outros nomes locais. Na província de Hubei o rio também é chamado de Jing Jiang e em Anhui é conhecido como Wan Jiang e Yangzi Jiang na região de Yangzhou. A ocidentalização de Yangzi Jiang por missionários cristãos foi o que gerou o nome pelo qual o rio é conhecido no Ocidente "Yangtzé". (JAMIENSON 1911)

⁸⁵ Atualmente somente o Delta do Yangtzé corresponde a 20% do PIB chinês. Recentemente a polêmica Barragem das Três Gargantas, maior hidrelétrica do mundo, foi construída nesse rio.

parte de Fujian.

Figura 4– Alto médio e baixo Yangtzé



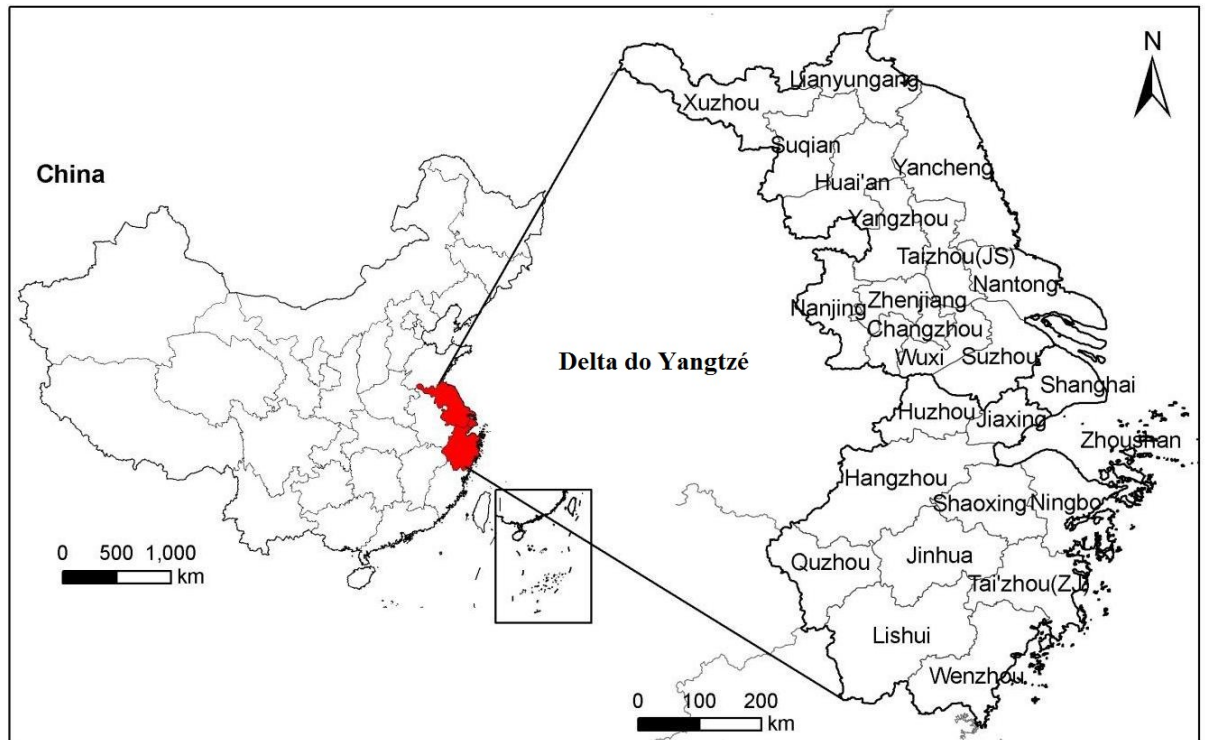
Fonte: www.stratfor.com

Ainda existem duas outras regiões importantes pela abundância de estudos e pela centralidade econômica que se sobrepõe ao Baixo Yangtzé: O Delta do Yangtzé e Jiangnan. A menor delas é o Delta do Yangtzé que envolve somente uma pequena parte do Baixo Yangtzé incluindo Xangai, o Norte de Zhejiang e o Sul de Jiangsu. O Delta do Yangtzé é atualmente limitado pelo Canal Tongyang ao norte e pela Baía de Hangzhou no Sul. (HUANG 1990)

O Delta do Yangtzé é uma região de formação geológica recente e sujeita a secas e inundações. Grandes obras de controle d'água eram necessárias para reduzir esses acidentes e irrigar o solo o que é feito há séculos na região pelas dinastias chinesas anteriores. A região se sobressai pela alta produtividade agrícola e pela abundância de transportes fluviais feitos tanto por rios naturais quanto por canais artificiais. No Delta do Yangtzé havia grande

comercialização no período Qing. Um dos principais comércios consistia na troca de algodão bruto e roupas da região mais alta do Delta por produtos agrícolas da região central do Delta que produzia também amoreiras para a indústria de seda. Também havia intensa produção de arroz que era usado para comprar de têxteis manufaturados. (HUANG 1990)

Figura 5 - Delta do Yangtzé



Fonte: DAI, DERUDDER, LIU, YE & DUAN (2016)

A alta produtividade no Delta Yangtzé implicava em diferenças no sistema de propriedade da terra em relação ao resto da China. Como a renda da terra era bem acima do nível de subsistência e havia bastante transporte e comercialização, investimentos na compra de terras se tornavam bastante atrativos. Começam então a surgir mais lordes absenteístas e maior concentração de terras: 42% das terras no Yangtzé eram alugadas contra apenas 18% no norte da China. (HUANG 1990)

A diferença na posse de terras fazia uma grande modificação na dinâmica entre Estado e agricultores. No Norte da China os camponeses eram taxados diretamente pelo Estado, mas no Delta a maioria dos aldeões não pagava os impostos diretamente ao Estado. No Delta do Yangtzé os aldeões pagavam renda da terra aos donos absenteístas que por sua vez pagavam impostos ao Estado. Isso foi consequência das reformas no quarto final do século XVIII em que o imposto passou a ser cobrado diretamente do dono do subsolo e não do trabalho. Então o governo cobrava o imposto somente do dono absenteísta da terra e os

aldeões que alugavam as terras pagavam imposto somente indiretamente ao pagar a renda da terra aos donos. (HUANG 1990)

Assim a organização coletiva dos aldeões no Yangtzé se colocava contra o aumento de rendas enquanto no norte os aldeões se colocavam contra o aumento de impostos. Isso perdurou até a Revolta Taiping (1851-1864) quando o Estado começou a atuar também para regular o custo das rendas da terra formalizando encontros anuais com os grandes proprietários.⁸⁶ De modo geral o Delta tinha maior estabilidade social devido aos maiores rendimentos da agricultura que permitiam a sobrevivência dos agricultores e o pagamento de rendas sem ameaçar a existência de nenhuma das classes. (BERNHARDT 1986; HUANG 1990)

A outra região importante que será bastante citada é Jiangnan [ou Kiangnan] que fica ao sul do rio Yangtzé e em parte se sobrepõe ao Delta do Yangtzé. Jiangnan envolve Xangai, o Sul das províncias de Jiangsu e Anhui e o norte das províncias Jiangxi e Zhejiang. Jiangnan envolve uma parte do Médio Yangtzé na província de Jiangxi, mas fica em sua grande maior parte localizada no Baixo Yangtzé. Essa tese se concentra na parte de Jiangnan que fica circunscrita ao Baixo Yangtzé. No início da dinastia Qing a região de Jiangnan gerava entre um terço e metade da receita nacional sendo uma região central para entender o império Qing. O famoso Grande Canal conecta o Baixo Yangtzé com as principais cidades de Jiangnan e com o norte da China passando por Yangzhou e a capital Pequim formando uma importante rede de comércio e de pagamento de tributos na região.⁸⁷ Elvin (1973) cita Shigeo que exalta o comércio e a produção da região:

“Throughout the prefectures, the departments and the counties of Kiangnan there are waterways everywhere. Everywhere there are local specialities. Everywhere there is trading.”
(SHAKUMA SHIGEO 1956 apud ELVIN 1973)

É importante ter em mente que em grande parte essas duas regiões, Delta do Yangtzé e Jiangnan, se sobrepõe. A maior parte do que acontecia no Delta também estava dentro de Jiangnan e praticamente tudo o que afetava a dinâmica econômica e social de Jiangnan também afetava o Delta por isso a distinção entre essas duas regiões é um pouco sutil no campo econômico e social. Tendo isso em vista a tese passará a aprofundar características das duas regiões.

A expansão do mercado de produtos de seda, algodão e arroz levou a um aumento da urbanização no Delta do Yangtzé durante os períodos Ming e Qing. Ao todo 362 novas cidades surgiram durante o período Qing e a cidade de Suzhou em Jiangsu se tornou a maior

⁸⁶ O que logo fez os protestos dos aldeões se voltarem unicamente contra o governo central (HUANG 1990)

⁸⁷ Foram os Ming que mudaram a capital para Pequim antes a capital era Nanquim.

metrópole da China até meados do século XIX. O algodão parece ter sido um fator significativo nessa urbanização; das novas cidades apenas 69 tiveram sua origem rastreada, mas dessas 28 estão relacionadas a economia do algodão.⁸⁸ A urbanização no Delta permaneceu significativamente maior que no resto do país. Em 1843, 7,4% da população do Baixo Yangtzé viviam em cidades de mais de 2000 habitantes contra 4,2% na Região Norte.⁸⁹ (HUANG 1990) Essas novas cidades eram residência de donos de terra absenteístas e burocratas regionais, mas normalmente eram dominadas por mercadores. (ROWE 2008)

A região de Jiangnan e a província de Fujian eram polos de agricultura comercial durante a dinastia Ming. Jiangnan produzia algodão e seda enquanto Fujian produzia chá e açúcar. Essas áreas permaneceram importantes e crescentes polos comerciais durante os Qing a despeito da devastação durante a transição dinástica. Em 1775 o governador da região Jiangnan estimou que apenas 20% a 30% dos habitantes da região dependiam do cultivo de subsistência para obter grãos. (ROWE 2008)

Era em Jiangnan onde ocorria a maior acumulação de riqueza privada na China. O processo de mudança econômica e social iniciado no governo Ming continuou durante o período de conquista Qing embora a resistência Ming nessa região central tenha sido mais duradoura e por isso o conflito tenha se alastrado por mais tempo que em outras regiões do país. A recuperação de Jiangnan após o conflito dinástico e de outras ricas regiões agrárias como o delta do Rio Pérola e o Norte ao longo do Grande Canal foram mais rápidas em relação ao resto do norte e outras regiões menos desenvolvidas justamente pelo maior dinamismo econômico dessas regiões centrais. Redes de mercado ligando vilas, cidades e províncias se desenvolviam nessas regiões. Os polos urbanos funcionavam como mercados para os trabalhadores rurais incluindo produtos têxteis protoindustriais feitos predominantemente por mulheres em zonas ruais. (MANN 2008; MYERS & WANG 2008)

Uma característica importante do Vale do Yangtzé foi sua integração econômica com outras regiões especialmente por conta de sua privilegiada rede de transportes. No fim do século XVII tecidos de algodão e seda estavam enchendo os mercados das cidades Songjiang, Suzhou e Hangzhou no Delta do vale do Yangtzé. (MANN 2008) A produção têxtil de algodão no Yangtzé cresceu tanto no período Qing que superou a produção de matéria prima da região levando a importação de algodão de outras regiões. O algodão bruto passou a vir especialmente do norte. Esse processo era facilitado, pois os tributos de grãos que eram

⁸⁸ Por curiosidade, dessas 69 cidades 14 surgiram por questões administrativas militares, 8 por conta do comércio de sal, 6 pelo transporte, 4 por conta de produtos ribeirinhos e o mar, 3 por conta da seda e 6 por motivos diversos (HUANG 1990)

⁸⁹ Ainda pouco perto da Inglaterra em que 27,5% da população vivia em cidades em 1801. Entretanto é comparável a algumas partes mais atrasadas da Europa no século XVIII como pode ser visto no gráfico 2 no capítulo 1 (HUANG 1990)

encaminhados do Delta e outras regiões para Nanquim e Pequim subiam o Grande Canal e desembarcavam os produtos no norte. Para não voltarem vazios os barcos aceitavam transportar produtos a baixo custo e como passariam novamente pela região do Yangtzé podiam levar produtos para a região. O transporte para o Delta do Yangtzé ficava assim relativamente barato o que por sua vez incentivou as regiões do norte do grande canal a se especializar na produção de algodão bruto especialmente as provinciais de Henan e Shandong que se tornaram as principais fornecedoras do vale. (ROWE 2008)

Outra região que fornecia produtos essenciais para o Baixo Yangtzé era a província de Sichuan que fornecia arroz para Jiangnam e proximidades. O repovoamento da província de Sichuan, após a transição dinástica, foi acelerada por conta desse intenso comércio. (ROWE 2008) A província de Hunan também era um importante fornecedor para o baixo Yangtzé durante o governo Ming. Com as guerras de transição as exportações de grãos de Hunan caíram a zero, mas foram retomados especialmente na transição entre os séculos XVII e XVIII. A abertura de novas terras aráveis, expansão da irrigação e a utilização de melhores fertilizantes foi essencial para essa expansão produtiva em Hunan. (ROWE 2008) No período de Yongzheng, Hunan exportava 2 milhões de shi (145 mil toneladas aproximadamente) de grãos somente para Nanquim no baixo Yangtzé, sendo que um município somente, Ch'i-yang, produzia 100 mil shi (7250 toneladas aproximadamente). A maior parte da produção de Hunan se concentrava no baixo Yangtzé no leste da província, mas o cultivo de arroz e chá para a exportação também era comum mais a oeste de Hunan.

Figura 6 – Províncias de Hunan e Sichuan



Fonte: Elaboração própria

Legenda: Hunan em vermelho e Sichuan em laranja

A grande concentração de terras era mais comum na agricultura comercial chinesa do que nas fazendas de subsistência. Em Jiangnan grandes proprietários se concentravam na província de Anhui nas cidades Huichou e T'ung-ch'eng⁹⁰ e nas terras baixas voltadas para a produção de arroz com fins comerciais como Jiangxi, Huguang (diversas traduções: Hukwnag, hoo-kwang: equivalente hoje as províncias de Hubei e Hunan) e Sichuan assim como em regiões em desenvolvimento no delta do rio Pérola, por exemplo. As pequenas propriedades eram por sua vez relacionadas ao cultivo para subsistência. (ROWE 2008) Essa é exatamente a correlação prevista pela teoria protoindustrial que foi detalhada no capítulo 2. Isto é, pequena propriedade tende a ter mais protoindústria, pois, segundo a teoria, o retorno marginal do trabalho na terra é menor.

O aumento de produtividade e a expansão comercial, em especial nas regiões centrais do Baixo Yangtzé, levou a um aumento na negociação das propriedades. Todavia, isso ia contra a antiga tradição confucionista de que a terra deveria sempre permanecer na família,

⁹⁰ Essas cidades estão com o nome em Wade-Giles

sendo assim inalienável. Essa tradição tinha efeito legal e levava muitas vezes a contestação de contratos de venda em nome da família. O aluguel de terras, por sua vez, também expandiu bastante, sendo essa forma de contratação mais aceitável em relação a venda já que não alterava o direito sobre a propriedade das terras. (ROWE 2008) O governo não tinha uma colocação clara sobre o assunto se colocando as vezes pró contrato e as vezes contra a venda de terras.

Liu Yung-ch'eng fez uma pesquisa sobre os tipos de contrato sobre a terra na China e constatou um tipo especial de contrato que foi mais comum no Baixo Yangtzé, o de locação permanente da terra. Esse contrato era incomum fora do Yangtzé correspondendo a 8% do total da amostra. Segundo esse contrato, o aldeão alugava o direito sobre a "superfície da terra" podendo utilizá-la como bem entendesse, mas teria que pagar renda para o dono do subsolo. Esse contrato parece ter sido bem mais comum de maneira informal. Com o aluguel permanente há incentivos para se fazer melhorias na propriedade como a construção de sistemas de irrigação e usar plantas com maior tempo de maturação. Havia inclusive um crescente mercado secundário para esse direito a superfície. (ROWE 2008)

No entanto, com o aumento de poder dos donos de terra durante o governo Qianlong (1735-1796) graças ao aumento populacional e a valorização da propriedade esses contratos de locação permanentes foram sendo rompidos o que causou violenta resistência por parte dos aldeões locatários. Em alguns locais como no lago Tai ("grande lago") na província de Jiangsu, região central do Delta do Yangtzé, os locatários conseguiram compensações pela ruptura dos contratos já que tinham feitos significativos investimentos na terra para aumentar a produtividade. (ROWE 2008)

O mercado de terras na China durante o governo Qing esteve longe de um mercado competitivo movido por oferta e demanda. Houve um aumento de compras, vendas e alugueis de terras, mas essas transações normalmente aconteciam em múltiplos e incertos estágios e não através de uma venda direta. Quando em necessidade por conta de doença, más colheitas ou casamentos e seus custos em dotes e festas o proprietário tendia a hipotecar a terra (*dian*) ou a fazer uma venda com direito a compra condicional ou venda revogável (*huomai*) em troca de um significativo percentual do valor da terra. Normalmente o proprietário original continuava cultivando a terra, mas passava a pagar um percentual da renda para o comprador. Com já baixos retornos sobre a terra era comum que o dono original acabasse vendendo definitivamente a propriedade conforme se mostrasse incapaz de pagar a "hipoteca" e garantir sua subsistência. O comprador pagava a diferença entre a hipoteca e o valor total da terra para adquirir a propriedade nesse caso. (HUANG 1990)

Entretanto esse procedimento era muitas vezes entendido como ilegal segundo as leis

Qing que tinham uma visão ambígua sobre esse assunto. Como Ma (2004) argumentou, na China a burocracia do governo usava princípios éticos e legais mais vagos e flexíveis para resolver disputas comerciais e civis, incluindo aí a venda da terra, ao contrário do Ocidente Europeu que já buscava dentro do possível se basear em regras externas relativamente fixas. Os julgamentos na China segundo Ma eram mais uma conciliação do que uma adjunção legal. Raramente os magistrados citavam códigos, regras ou precedentes, mas princípios éticos e sociais eram bastante citados. Segundo Ma, o sistema chinês podia demorar para solucionar uma questão conforme os apelos subiam hierarquicamente, além disso era mais suscetível ao abuso de poder e eram menos claros.

Embora alguma tentativa tenha sido feita para legitimar a venda e facilitar a cobrança de impostos, a lei ainda se apegava a visão moral de que a terra era inalienável. Normalmente se entendia que o vendedor teria direito de revogar a venda a qualquer momento mesmo que a transação já estivesse concluída. Ainda que o acordo não especificasse que a terra poderia ser recomprada a lei dava um prazo de 30 anos para a recompra. Somente se o contrato especificasse que não poderia haver recompra da terra esse acordo era reconhecido. (HUANG 1990)

A inconsistência entre as leis e os contratos levavam a muitas questões legais sobre o mercado de terras. Os donos originais muitas vezes tentavam recomprar a terra muito tempo depois dela ter sido vendida num processo conhecido como *zhaotie*. Especialmente no Delta do Yangtzé se desenvolveu o modelo de separação entre solo e subsolo. Enquanto o subsolo era comercializado mais livremente o solo permanecia na mão das mesmas pessoas que cuidavam da terra muitas vezes sem saber que o subsolo estava sob nova propriedade. A posse do subsolo garantia o direito de cobrar renda dos aldeões que aravam o solo da terra. Assim os donos do solo que efetivamente usavam e cuidavam da terra dificilmente saíam da terra por conta de direitos de compra, venda e posse ainda que o dono do subsolo mudasse e a renda da terra fosse para um novo proprietário. A permanência dos mesmos trabalhadores no solo era em parte baseada na tradição de que a terra pertencia a uma família e não a um indivíduo sendo ilegal tirá-los da terra, ou ainda por conta da tradição de direito prioritário sobre a terra de parentes ou vizinhos que teriam direito a cuidar da terra uma vez que os donos originais fossem impedidos de fazê-lo por qualquer motivo. Assim tem-se um aumento na comercialização da terra, mas com a persistência de barreiras ideológicas, sociais e legais para a mudança na propriedade da terra por parte de quem realmente a administrava. (HUANG 1990)

Na seção 4.1 foi feita uma breve apresentação sobre o Baixo Yangtzé, Jiangnan e o Delta do Yangtzé, em seguida se discutiu o mercado de terras na região que aumentou e criou

novas formas de contrato, mas permaneceu restrito por questões legais e sociais. Na próxima seção se debaterá a expansão comercial e o mercado de crédito.

4.2 aumento da comercialização e o mercado de crédito

De modo geral o período entre 1500 e 1800 apresentou crescimento do comércio interno de longa e de curta distância. Como a China tem um território continental, a maior parte do comércio de longa distância ocorria dentro de suas fronteiras. Já no governo Ming o aumento do comércio externo e da produção agrícola com a expansão da irrigação, novos plantios e maior intensidade no cultivo de certas áreas, permitiram regiões centrais comercializassem seus produtos agrícolas por todo o império. Essas regiões eram Lingnan no sudeste⁹¹, a parte norte da província de Zhejiang e a parte sul da província de Jiangsu, que fazem parte da rica região de Jiangnan na parte central do Baixo Yangtzé, e ainda a parte norte do grande canal. Isso aumentou a interdependência entre as províncias através do comércio, embora a economia de costume ainda predominassem sobre a economia de mercado.⁹² Os Ming deixaram um legado de crescimento econômico baseado no consumo dos aldeões. (MYERS & WANG 2008; MANN 2008; PETERSON 2008)

Ainda que no longo prazo possa se observar um aumento na interdependência comercial do Império durante o governo Ming, os últimos momentos da dinastia foram conturbados mesmo antes da invasão Manchu. Pelo final do século XVI os sistemas de irrigação tinham se deteriorado, o número de lordes absenteístas tinha se expandido e mais famílias tinham entrado no sistema de servidão com a ascensão de poderosas famílias rurais. Ser servo de um literati isentava o servo de vários impostos no governo Ming, o que incentivava esse tipo de relação pouco propensa a expansão econômica uma vez que estando as terras nas mãos dos literati não havia incentivo para os servos expandirem a produção. (MYERS & WANG 2008)

Como os Ming estavam preocupados em defender as fronteiras ao Norte do país, os impostos e a corveia aumentaram criando ressentimento com o governo. Poderosos donos de

⁹¹ Região ao sul das montanhas Nanling (montanhas do Sul) que correspondem as províncias de Guagding, Guagxi e Hainan que incluem a famosa cidade de Cantão.

⁹² Economia de mercado, economia de costume e economia de comando foram distinções utilizadas por Hicks no livro *A theory of economic history* (1969) para descrever os três tipos de trocas econômicas que poderiam haver na sociedade. A economia de mercado consiste na troca de produtos por dinheiro. A economia de costume é a troca de produtos por motivos tradicionais e costumes sendo que normalmente não envolvem a troca monetária, mas sim a troca de favores ou escambo. A economia de comando é feita pela força normalmente através de um Estado centralizado.

terra se aproveitaram da situação para angariar poder levando a grandes rebeliões rurais que historicamente estiveram associadas a transições dinásticas. As rebeliões facilitaram muito a conquista da China pelos Manchu como já comentado. (MYERS & WANG 2008)

Quando os Qing completaram a conquista da China em 1680, boa parte do desenvolvimento econômico no período se resumiu a recuperação da devastação da guerra dinástica. Entretanto algumas diferenças significativas surgiram como o aumento do comércio e sua integração pelo império. Especialmente importante foi o aumento da comercialização agrícola e maior comércio internacional com o conseqüente aumento da base monetária, graças a entrada de prata e cobre no país, fruto de superávits comerciais. Isso resultou em aumento na produção de bens e serviços assim como aumento populacional. (PETERSON 2008; MYERS & WANG 2008)

No final do século XVII, o desenvolvimento de mercados periódicos no interior permitiam os camponeses comprar matéria prima e vender bens acabados diretamente em mercados a um dia de caminhada de suas casas ou para *brokers* que vinham até as suas casas. A presença de brokers era especialmente importante para as mulheres que trabalhavam fiando e tecendo, pois muitas vezes essas mulheres tinham o pé distorcido graças a um procedimento estético tradicional em que as meninas tinham os pés amarrados quando crianças para que mantivessem os pés pequenos. Essa tradição dificultava muito a movimentação das mulheres tornando a presença de brokers bem-vinda.

Esse comércio de matéria-prima e bens acabados era especialmente comum em Jiangnan onde agricultura comercial e protoindústria estavam mais desenvolvidos. Em Jiangnan se vendia uma grande variedade de produtos: algodão, teares especiais, rodas de fiar e fusos. Enquanto regiões perto de Hangzhou, Chia-ting e Hu-chou se especializavam em bicho da seda, mudas de amoreira e folhas. Ou seja, tanto o comércio da seda como do algodão eram fortemente presentes na região indicando a importância da indústria têxtil. (MANN 2008)

Há vários registros sobre o aumento de mercados no Delta do Yangtzé durante o governo Qing. Somente na prefeitura de Liampó na província de Zhejiang havia cerca de cem mercados em 1800 contra pouco mais de 30 no fim do século XVI. No Rio Xiang, na província exportadora de arroz de Hunan, havia 16 mercados em 1591 contra 117 em 1747. Na região de Jiangnan também houve um grande aumento no número de mercados, em Xangai o número de mercados permanentes subiu de 12 em 1600 para 30 em 1750. No Delta do do Yangtzé o aumento de mercados foi tão grande que nenhuma residência estava a mais de meio dia de viagem de um mercado. O crescimento do número de mercados no Baixo Yangtzé superava o crescimento populacional no século XVIII. Esses mercados no Yangtzé

compravam seda e algodão e revendiam produtos têxteis acabados sendo centros para onde se dirigiam os produtos da indústria caseira rural e também locais onde se concentrava a produção de manufatura. Os mercados durante os Qing não trocavam mais apenas poucos produtos de necessidade com o campo como sal e óleo vegetal, mas também matéria-prima e alimentos diversos sendo também uma fonte de emprego para muitos. (ELVIN 1973; ROWE 2008)

No longo prazo as políticas Qing levaram a uma grande expansão comercial. Por exemplo, depois de uma queda do consumo de mercadorias de luxo no fim dos Ming esse mercado foi revivido com maior força no século XVIII. Objetos de arte, joias, comidas e roupas de alta qualidade eram consumidas como nunca nesse período. (MANN 2008)

Deng (2003) estimou que 60% da economia chinesa funcionaria pelo mercado. Esse dado é parece exagerado, pois Deng considerou que 40% da economia rural, que corresponde a 66% do PIB, funcionava através do mercado, embora admita que 20% a 30% seria o mais comum. Deng também considerou que toda a economia urbana, cerca de 30% do PIB, funcionaria através do mercado assim como 50% da economia estatal. Considerando que 75% da economia rural não funcionasse pelo mercado, como o próprio Deng admite que era mais comum; que 10% da economia urbana não ocorria através do mercado, uma estimativa baixa e que 100% da economia estatal era de comando, o que bate mais com a definição de Hicks: Parece mais razoável então que 43,5% da economia funcionava através do mercado. Não há uma estimativa precisa sobre esse valor, embora o dado de Deng ainda pareça um pouco alta ela aponta para a importância do setor comercial na China Qing.

Sem refrigeração produtos perecíveis como carne, vegetais e frutas estavam basicamente limitadas a região onde eram produzidas. Por outro lado, bens mais duráveis não estavam restritos a mercados locais como arroz, algodão, chá entre outros pertenciam por sua vez a um mercado de nível nacional. Em meados do século XIX, 1/10 do arroz, 1/4 do algodão, 1/2 da seda e todo o chá eram distribuídos pelo império via mercados comerciais graças ao aumento da agricultura comercial. (HUANG 1990; ROWE 2008)

Essa comercialização foi muito expandida em função do aumento da cobrança de impostos da terra em moeda e não mais em produtos, o que incentivava os produtores a se direcionarem ao mercado para conseguir os meios monetários necessários para pagar os impostos como foi discutido no capítulo 1. Também houve políticas para que fazendas de subsistência se tornassem fazendas comerciais centradas em trabalho assalariado embora tenha se centrado em pequenos pontos do império. A transformação é tamanha que William Rowe (2008, p.589) chega a dizer "*Intensified agrarian commercialization and monetization brought the near-final collapse of rural self-sufficiency, fuller commodization of land and*

labor, and marketization of social relations" embora outros textos como Deng (2003) , Huang (1990) e Broadberry, Guan e Li (2017) indiquem que Rowe parece um pouco exagerado na sua afirmação, não deixa de indicar uma mudança na dinâmica econômica durante a China Qing.

A adoção de culturas do Novo Mundo, o aumento do comércio internacional chinês e a influência missionária cristã também cresceram no período Qing. A estrutura do aparato Estatal permaneceu próximo ao que era no período Ming o que implicou em uma redução relativa da atuação estatal direta. Também não ocorre nenhuma inovação técnica de grande profundidade. O aumento da produtividade agrícola e a expansão do cultivo foi feita mais com a disseminação de tecnologias existentes do que uma inovação fundamental embora os cultivos do novo mundo tenham permitido agricultura em áreas novas, especialmente terras altas. Uma das grandes inovações é o uso mais intensivo do adubo, especialmente adubo a base de soja. (ROWE 2008)

O aumento do comércio no Pacífico, especialmente pela demanda de arroz do sudeste asiático, levou muitos chineses a migrar inclusive para fora da China em busca de condições comerciais melhores, o que era proibido. Havia um limite de anos para que um súdito pudesse se ausentar do império. Somente no governo de Qianlong (1735-1796) as leis em relação a esse tipo de migração foram suavizadas, mas não abandonadas. (MYERS & WANG 2008)

De todos os setores fora da agricultura o transporte foi um dos que mais cresceu na China Qing. Barqueiros, carregadores, guias para rebanhos entre outros. Esses quase sempre guiavam partindo ou se direcionando a uma via marítima. Nessas vias muitos barqueiros se envolviam com o transporte de mercadorias e de impostos e tributos especialmente no Yangtzé. Transportadores, operários e artesãos faziam parte de uma grande massa de trabalhadores que saíram da agricultura na China antes da industrialização. Isso foi consequência da intensificação do mercado nacional e facilitou o transporte das manufaturas protoindustriais pelo país. Como visto na teoria protoindustrial o acesso ao transporte de mercadorias era essencial para ligar o pequeno produtor rural a mercados maiores. (ROWE 2008)

Segundo Rowe (2008), a produção manufatureira foi ajudada pela proliferação e sofisticação das guildas na China. Durante os séculos XVIII e XIX as guildas proliferaram pela China especialmente nas regiões avançadas. As guildas construíam centros onde faziam códigos regulatórios sobre a profissão, especificações sobre o processo produtivo, forma de aprendizado, permissão de tamanho e localização das lojas, padronização de pesos e medidas, preços e qualidade do produto. As guildas se segmentavam por produto, localidade e

especificidades do trabalho, por exemplo, havia guildas para trabalhadores temporários e para trabalhadores permanentes que atuavam separadamente. (ELVIN 1973; ROWE 2008)

Na Europa as guildas foram historicamente associadas a um atraso no processo produtivo por conta de suas rigidezes na contratação e produção funcionando como monopólios. A teoria protoindustrial apresentada no capítulo 1 dessa tese também defende uma visão da guilda como um processo atrasado que a protoindústria teria ajudado a combater por conta de sua maior flexibilidade produtiva e contratual. Para Mann (2008) e Rowe (2008) as guildas na China teriam sido benéficas a protoindústria. Como resolver essa contradição?

Para entender essa diferença podemos pensar em que tipo de externalidade a guilda gerava em cada região. Segundo a interpretação de Mann e Rowe as guildas na China facilitavam o transporte, o crédito, a integração do trabalho e a padronização de pesos e medidas. Kriedt, Medick e Schlumbohm (1981) enfocaram em como as guildas europeias restringiam a produção, a técnica e o acesso ao mercado de trabalho através de monopólios. Assim a externalidade das guildas chinesas era positiva, pois o acesso a transporte, crédito, mão de obra e padronização de medidas que elas forneciam compensavam qualquer restrição que essas guildas viessem a impor. O inverso pode ser pensado das guildas europeias, se elas forneciam algum benefício como crédito, transporte, integração do trabalho e padronização de medidas esse não compensavam a externalidade negativa que suas restrições impunham. O crédito na Europa já era atendido por outras instituições como os bancos, o transporte e a padronização de medidas pelo governo.

Embora a imagem dos trabalhadores sendo contratados fora de suas terras já existisse desde o período Song o nível e profundidade em que ocorria no período Qing era muito maior, sobretudo por conta do crescimento das guildas e associações de comércio que facilitavam o transporte e a integração do trabalho temporário aumentando o nível de comercialização. (MANN 2008) Somente na cidade de Suzhou no delta do Yangtzé havia 70 guildas diferentes indo de fundidores, fazedores de papel, escultura, fabricação de ferramentas, impressão entre outras. (ROWE 2008)

Um dos fenômenos que ajudou na diversificação cultural e social e na expansão das redes comerciais no século XVIII foi a diáspora de indivíduos que compartilhavam uma origem comum (*t'ung hsiang jen*). Pelo século XVIII o império era cruzado por redes de trabalhadores temporários (*sojourners*) especialmente de Shanxi⁹³, Jiangxi⁹⁴ e Hunan, mas também de outras províncias. Essas regiões “exportavam” cada vez mais profissionais

⁹³ Também escrita como Shansi ou Xanxim

⁹⁴ Outra tradução é Kiangsi

talentosos para outras regiões. Incentivados pela busca de empregos públicos, pelo relaxamento dos controles de mobilidade da população e o aumento de oportunidades com o esparsamento da rede comercial. Assim chineses ofertavam mais mão de obra longe de suas terras. A identificação familiar, linguística e religiosa desses grupos facilitavam a formação de redes comerciais pelo país. (ROWE 2008)

Uma inovação legal que facilitou a diáspora foi o registro mercante (*shang-chi*) que garantia a acomodação de mercadores de passagem e os legava o status de residente formal mesmo que não fossem nativos da região. O registro mercante datava da Era Ming tardia, mas só valia para mercadores de sal. Durante a dinastia Qing esse direito foi sendo estendido para mercadores de todos os tipos. Comunidades de *sojournes* costumavam e eleger um líder chamado *libationer* (*chi-chiu*) que era responsável pelos ritos nativos daquele grupo, resolvia conflitos internos e organizava as relações com os oficiais locais e com outras comunidades. (ROWE 2008)

É bom lembrar que segundo Mendels (1972) um dos propulsores alavancados pelo desenvolvimento protoindustrial é o acúmulo de conhecimento comercial e empreendedor por parte dos mercadores. O comércio chinês era primordialmente de produtos agrícolas, mas em segundo lugar vinha o mercado têxtil algodoeiro. Os produtos têxteis eram feitos em sua imensa maioria em pequenas produções familiares rurais e comercializados pelo país. O desenvolvimento de novas redes comerciais estava assim ligada a expansão da protoindústria chinesa como prevê a teoria protoindustrial.

O aumento do comércio marítimo também criou um poderoso grupo de "brokers" (*ya-hang*), intermediários licenciados pelo governo que controlavam o comércio de uma determinada mercadoria em um porto. Eles eram responsáveis por definir unidades de conta, níveis de pureza, servirem como interpretes e garantidores para compra e venda entre partes que se desconheciam. O broker ainda coletava taxas comerciais e muitas vezes oferecia hospedagem, comida e estábulo para comerciantes de passagem. Os *ya-hang* de Cantão, por onde o comércio com o Ocidente ocorria, conhecidos como "Cohong" eram especialmente poderosos. (ROWE 2008) Entretanto esse tipo de monopólio não estava ligado diretamente a expansão protoindustrial têxtil uma vez que o principal produto exportado era o chá e seda que era produzida em manufaturas urbanas.

Outra consequência da maior comercialização foi a proliferação de banqueiros profissionais. Esse grupo já existia desde a era Tang (618-907) na China, sendo um monopólio de nativos da província de Shanxi mais ao norte do império. Esses banqueiros faziam a trocas de notas bancárias por valores para mercadores profissionais em grandes portos. Durante o

século XVII esse grupo se espalhou pela China Qing facilitando o comércio. Outros grupos comerciais de menor importância eram barqueiros, agentes comerciais, revendedores e outros. (ROWE 2008)

Nesse comércio o crédito de mercadores desempenhava um papel importante. Entre 1600 e 1800 sociedades e guildas foram criadas para facilitar o comércio, o crédito e o transporte de mercadorias. Essas sociedades eram baseadas em laços regionais ou de sangue para garantir o funcionamento de suas operações, não muito diferente do que acontecia na Europa, mas essa não era a única forma de crédito disponível. (MANN 2008)

Embora o mercado de crédito no Delta tenha estado distante de um mercado de competição perfeita havia diversos tipos de empréstimos. O mais simples ocorria entre parentes, amigos e vizinhos que normalmente não envolviam nenhuma forma de juros ou juros bem abaixo do mercado. Esses mercados de crédito informal eram muito baseados em reciprocidade, mas esses laços não impediram um grande número de assassinatos por conta desses mesmos empréstimos. Normalmente o selamento de acordo entre o aldeão e o grupo de credores (que eram em geral parentes, amigos ou vizinhos) era feito através do comprometimento com uma pequena taxa de juros sobre o empréstimo ou somente através de um banquete comemorativo dependendo da região. O pagamento do empréstimo era feito ao longo dos anos. A reciprocidade e o benefício mútuo e não o investimento e os juros eram a base dessas transações. (HUANG 1990)

Menos usado era o sistema de crédito movido por mercadores ricos, donos de terra e agiotas que estendiam crédito aos camponeses para compra de produtos ou emprestavam pequenas quantias de dinheiro ou bens. Para grandes empréstimos a terra dos aldeões podiam ser usadas como garantia, mas como visto, era difícil cobrar essa garantia posteriormente. Nesses casos a oferta e a procura eram as reguladoras dos juros. Havia limitações aos juros nas comunidades rurais colocadas pelo costume, normalmente 23% ao mês, e pela lei, 3% ao mês, durante o governo Ming e Qing. Para os aldeões os empréstimos nesses termos eram usados normalmente em casos de emergência quando a subsistência estava ameaçada. (DAI 1966)

Uma outra forma de conseguir crédito era através das lojas de penhores que normalmente se localizavam em centros urbanos. Os registros sobre esse tipo de crédito são os mais comentados no período. Empréstimos baseados no penhoramento de bens normalmente tinham altíssimos juros envolvidos, entre 2 e 4% ao mês. (PAN 1985) De toda a maneira, quase todos os empréstimos, seja de vizinhos, penhores ou o crédito através da “hipoteca” da terra eram usados em caso de emergência e não para fazer investimentos produtivos. Alguém tomando um empréstimo em situação de emergência para a sobrevivência

está disposto a aceitar juros muito mais altos sendo mais próximo da agiotagem do que a empréstimos produtivos que a teoria econômica de investimento e retorno costuma a avaliar. (HUANG 1990)

Nas raras vezes que os empréstimos tomados por aldeões tinham fins produtivos, elas normalmente envolviam o empréstimo para adquirir fertilizantes através de grandes mercadores. Mesmo esse tipo de empréstimo acabou decaindo numa situação de arrocho para os aldeões, pois esses normalmente tomavam um empréstimo com juros de 20% ao mês durante cinco meses entre o plantio e a colheita. Empréstimos produtivos também acabaram virando empréstimos de sobrevivência no Delta. (HUANG 1990)

No nível mais alto do mercado de crédito se encontravam os "bancos nativos" (*qianzhuang*) que operavam mais perto da lógica de mercado moderna. Entretanto esses bancos também estavam sujeitos a influência do mercado de crédito e usura rural baseado em empréstimos de sobrevivência com altíssimos juros e não focados em um mercado de investimento ainda que os *qianzhuang* se mantivessem relativamente afastados do mercado de crédito dos aldeões. (HUANG 1990)

Viu-se então na seção 4.2 que a expansão do comércio foi concomitante com a expansão do transporte, da guildas, de novos cultivos e do crédito. Ainda que uma boa parte da economia ainda estivesse fora da economia de mercado e que a expansão do crédito também estivesse limitada por altos juros e pelo alcance sendo pouco usado com fins produtivos. Na próxima seção ira se debater o mercado de trabalho.

4.3 transformações no mercado de trabalho

Além do aumento da rede comercial, que aumentou o número de profissionais no ramo de transportes como mencionado, há um grande aumento e integração do mercado de trabalho assim como um aumento da diversificação nas atividades desempenhadas pelos chineses no período Qing. Isso ocorreu pelo relaxamento de leis sobre movimentação laboral e sobre leis de migração e menores restrições produtivas como no caso das minas de prata e cobre. O apoio do governo pelas fábricas de seda também contribuiu para o desenvolvimento da produção têxtil, embora o crescimento da demanda por parte dos mercadores tenha sido o fator determinante para a expansão dessa atividade. A alta taxa de alfabetização também foi importante para o desenvolvimento da atividade literária como será apontado.

O desenvolvimento econômico durante o governo Ming foi freado pela tradição de passar profissões de maneira hereditária, como na Índia, tradição estabelecida no início do

governo Ming. Naturalmente a profissão que é passada de pai para filho sem levar em conta habilidade e interesse dos filhos por outras profissões, assim como condições de oferta e procura na sociedade, impedem um maior crescimento econômico da sociedade. O objetivo dessa lei era garantir o fluxo de bens de luxo para a elite por artesãos altamente especializados e manter a população no campo impedindo que ela migrasse para as cidades. Só era permitido migrar se tivesse autorização governamental ou direito hereditário para tal. Essa política impedia a mobilidade profissional e geográfica da população atuando com força variável dependendo da região do Império. Com a expansão comercial a pressão para o fim das profissões hereditárias foi grande e acabaram por ser extintas no final do governo Ming. (MANN 2008) Isso aumentou a mobilidade camponesa que foi ainda mais impulsionada no governo Qing ao se suspender ou reduzir restrições a mobilidade e a oferta de mão de obra. (ROWE 2008)

As leis que prendiam os trabalhadores a terra deixaram de existir de facto em 1720, no reinado Kangxi, embora já viessem perdendo força há muitos séculos. Algumas leis que desencorajavam o movimento do trabalho foram mantidas, mas raramente aplicadas. Isso levou muitos trabalhadores do campo a sair da agricultura para ocupações tradicionais como cozinheiro, doméstico, soldado, carregador, armazenador, adivinho ou mesmo para a mendigagem. Números crescentes de chineses também se dedicaram ao artesanato e a produção manufatureira. (ROWE 2008)

Na mesma linha, a abolição do sistema hereditário de registro para tecelões (*chi-hu*) pelos Qing permitiu um mercado mais livre e com mais mobilidade laboral dentro do setor têxtil. A maior indústria no governo Qianlong era a produção têxtil de seda e algodão. Há registro de 30.000 teares em Nanquim e 15.000 em Suzhou, ambas as cidades atualmente na província de Jiangsu, e mais 3.000 na cidade de Hagzhou em Zhejiang. (ROWE 2008)

Provavelmente a maior mudança na sociedade agrária no período Qing foi a emergência do trabalho livre contratado. Esse se expandiu por vários motivos como a monetização do campo, o crescimento de plantações mais trabalho intensivas como o algodão e o surgimento de grandes fazendas comerciais. O governo também ajudou nessa transformação introduzindo leis para trabalho contratado (*ku-yung-fa*) o que aumentava a segurança sobre esse tipo de contrato, embora as leis fossem vagas em vários aspectos. A mudança da corveia para o trabalho contratado na execução de grandes obras públicas também levou ao florescimento desse tipo de contrato. No final do século XVIII era comum a contratação de empregados temporários em que o salário era baseado no custo regional e na habilidade do trabalhador. A piora da relação terra/trabalho incentivou também a maior oferta de trabalho ainda que de forma regionalizada já que os aldeões não queriam se afastar de suas

vilas por conta de sua família depender também da agricultura, ainda que isso implicasse em uma queda da renda. Algumas regiões, em especial Henan, o relaxamento das leis de imigração e o surgimento das leis laborais permitiu migrações sazonais de maior distância e duração para fins profissionais. Mercados de trabalho surgiram em regiões mais desenvolvidas para contrato diário ou semanal. (ROWE 2008)

A ideologia confuciana predominante propagandeava a primazia da agricultura e da leitura sobre outras profissões como a indústria e o comércio. O comércio era tradicionalmente mal visto e muitas vezes atribuído a prática do embuste. Isso não impediu que durante os Qing outras ocupações tenham surgido. No serviço público a corte manteve um número de funcionários razoavelmente constante enquanto a população aumentava rapidamente, o resultado foi o surgimento de setores informais administrativos como secretários privados, correio e escriturários. Com o colapso do sistema *li-chia*⁹⁵ de administração dos Ming a administração local e a manutenção da infraestrutura, como conservação de águas e silos, foram crescentemente sendo assumidas pelos proprietários de terra privados. Esses proprietários eram notáveis por ter um nível de educação e reputação local significativo, não necessariamente sendo donos de grandes propriedades. Escritórios de manutenção e decisões comunais de projetos, como alocação de custo, foram estabelecidos e profissionalizados especialmente em regiões mais ricas como o Baixo Yangtzé. Esses organizadores tinham conhecimento hidráulico e viviam de salários do seu trabalho. (ROWE 2008)

Assim o relaxamento das leis sobre mobilidade residencial, o fim de sistemas profissionais hereditários e a profissionalização de partes da administração local com o fim da *li-chia* levaram a uma maior diversificação do mercado de trabalho. A expansão das redes comerciais e inovações institucionais também foram importantes para a expansão e agregação do mercado de trabalho ainda que este tenha permanecido muito regionalizado porque os aldeões não queriam se afastar de suas terras e normalmente bem restrito no tempo, pois os contratos normalmente não duravam mais que alguns dias. Era muito comum também contratar conhecidos, familiares ou vizinhos para garantir o cumprimento do trabalho.

Vale a pena comentar brevemente sobre o mercado de seda. O governo contribuiu para o desenvolvimento da atividade têxtil ao restaurar e expandir uma rede de lojas e oficinas

⁹⁵ No sistema *li-chia* as comunidades rurais eram divididas em grupos de 110 casas que formavam um *li*. Cada *li* era dividido em dez (*chia*), grupos de dez casas, e um grupo separado de 10 casas reconhecidas como as maiores e mais influentes. Em turnos anuais uma das dez casas mais influentes era escolhida para ser a líder (*li*). Da mesma maneira uma das *chia* era escolhida para executar serviços diversos como coleta de impostos, entregas e conseguir material e trabalho para todo o *li*. Depois de dez anos todas as dez *chia* e as dez *li* teriam revezado na função e uma nova *li-chia* seria organizada levando-se em consideração as mudanças que ocorreram nesse meio tempo. (HUANG 1974)

chamadas "fábricas imperiais de seda" que agora estavam livres do poder dos eunucos que as dominaram durante o governo Ming. Efetivamente as fábricas imperiais se fiavam num crescente mercado privado. Revendedores (*dealers*) compravam tecidos em lojas pequenas e grandes⁹⁶ muitas vezes fornecendo a matéria prima para o trabalho exatamente como os mercadores que operavam na protoindústria europeia. O produto era levado a tinturarias nas cidades e depois vendidas diretamente ao público ou às fábricas imperiais que revendiam o produto como uma marca própria, ou seja, as "fábricas imperiais" atuavam como revendedoras. Na cidade de Suzhou mais da metade da população tinha a seda como uma das principais fontes de renda. Durante o governo Qing, Nanquim e Suzhou voltaram a dominar o mercado de seda que dava sinais de dispersão através protoindustrialização no Norte da China e no Yangtzé Médio. (ROWE 2008)

Os mercadores abastados e outras classes urbanas enriquecidas procuravam usar produtos de luxo para se destacar em especial a seda.⁹⁷ A indústria da seda se expandiu bastante durante os governos Ming e Qing com o aumento da comercialização e da urbanização. O mercado se centrou em bens mais duráveis e baratos para atender a nova demanda fora da classe nobre. (WU 1985)

A atividade de confecção da seda se tornou cada vez mais especializada e longe da produção aldeã rural. Mesmo durante os Ming a maior parte da produção era feita em manufaturas urbanas utilizando mão de obra assalariada. As oficinas imperiais de seda (*Zhizaoju*), ainda que tenham sido importantes, controlavam menos de 5% da produção total no século XVIII e a produção doméstica rural ocupava 10% do total da produção em meados do século XIX e provavelmente proporção semelhante no século XVIII. Em outras palavras, mais de 80% da produção era feita por manufaturas urbanas estando essa atividade em grande parte fora do escopo da protoindústria (rural por definição). (HUANG 1990)

Por outro lado, o cultivo de amoras, a criação de bichos da seda e a bobinagem da seda permaneceram sendo atividades rurais desempenhadas por unidades produtivas rurais, familiares e aldeãs. Somente no século XX a produção de seda se afastou da unidade familiar completamente. Ainda que não seja o foco da tese é importante pincelar sobre o comércio de um dos mais notáveis produtos têxteis da China. Parte da expansão comercial e algumas das indústrias urbanas mais notáveis pelo tamanho e pelo contrato assalariado estiveram centrados nesse produto. (HUANG 1990)

Foi também entre o fim do período Ming e início dos Ching que o mercado de livros médicos começou a se expandir na China. Literati que não conseguiam passar nos testes de

⁹⁶ As lojas pequenas tinham de duas a quatro teares e as grandes dez a doze teares.

⁹⁷ A seda não era um produto para todos: "*Though the silk of Hu [Zhou prefecture] has spread throughout the empire, the peasants of Hu have not one thread on their bodies*" Wuxing Beizhi 1621 apud Huang 1990

admissão ou conseguir um cargo oficial acabavam se voltando muitas vezes para esse mercado o que fomentou um novo mercado de trabalho.⁹⁸ Livros teóricos sobre "os cinco elementos", muitos tipos de curas através de drogas entre outros encontravam mercado nas cidades. Livros mais simples para pessoas menos estudadas e livros com cuidados específicos pra mulheres indicavam diferenciados mercados de nicho. Embora livros sobre cuidados com a saúde tenham sido comuns, não é certo que tenham aumentado a expectativa de vida da população, a maior contribuição desse mercado nesse sentido parece ter sido na disseminação sobre os benefícios da amamentação aos bebês uma vez que os tratamentos médicos eram pouco práticos ou ineficazes. (MANN 2008)

No final do século XVIII o relaxamento das proibições sobre as minas privadas, durante os governos de Qianlong e Yongzeng, levou a uma expansão da atividade mineira na China. A grande demanda por moeda de cobre e prata devido ao aumento da comercialização e da monetização da economia era ainda elevada pelo fim da importação de prata do Japão (em consequência da mudança na política externa japonesa) e da incerteza sobre as remessas de prata das Américas, vindas especialmente das minas de Potosi. A prata tendeu a se valorizar durante os séculos XVII e XVIII devido a sua escassez. A demanda por minério aumentava assim rapidamente em relação a oferta o que incentivava a mineração. (ROWE 2008)

Surgem assim novas oportunidades empregatícias na China. Essas oportunidades são imensamente ajudadas pelo relaxamento das leis de movimentação laboral, monetização da economia, crescimento de mercados como o literário e relaxamento sobre o monopólio da mineração e a transferência de certas responsabilidades de infraestrutura para agentes privados. Acima de tudo ocorre uma intensificação do trabalho que se discutirá na seção seguinte.

4.4 intensificação do trabalho no Delta

Segundo Mann (2008), o aumento das jornadas de trabalho fora da própria terra esteve fortemente ligada ao aumento da comercialização e da integração econômica. A economia comercial absorvia muito do trabalho masculino sem especialização que achava

⁹⁸ Outro curioso mercado para esse grupo de literati e outros grupos educados que não conseguiam cargo público era o de "mestre de litígio". Esses ajudavam diversos grupos a serem atendidos pela justiça oficial por conhecer as manobras necessárias para tal. O governo Qing via com maus olhos esse grupo os acusando de aumentar injustificadamente os casos de litígio sobrecarregando a burocracia e fazendo os casos durarem de maneira desproporcional, essa profissão foi proibida em 1725. No imaginário popular esse grupo foi celebrado como esperto e hábil para trazer justiça oficial mesmo para pessoas socialmente desprivilegiadas.

trabalho de longa duração em mercados e fazendas. A maior demanda por trabalho levou a melhora nas condições de trabalho e de pagamento (em grande parte ainda feito em comida, bebida e meios não monetários). Embora falte dados precisos o aumento da demanda de trabalho agrícola masculino parece relacionado com a saída das mulheres do trabalho na terra. As mulheres migraram para o setor têxtil, seja na sericultura ou no mercado de produtos de algodão fiando ou tecendo. Contratar pessoas era comum especialmente em período de plantio. (MANN 2008)

O aumento da comercialização na China levou também a uma intensificação do trabalho rural. Cada vez se trabalhava mais para extrair o máximo da terra cultivada. Políticas públicas e novos cultivos vindos do novo mundo permitiam um aumento da terra cultivada, mas não de maneira a acompanhar a expansão populacional. Durante as dinastias Ming e Qing a intensificação do trabalho permitiu um aumento da produção e mesmo da renda familiar. Isso foi possível com maior integração de mulheres, crianças e velhos na produção e maior intensificação do trabalho adulto masculino com redução do tempo livre. Essa intensificação do trabalho permitiu um aumento da renda familiar e do produto total, mas com uma redução da produtividade do trabalho e da renda per capita. Esse processo é descrito em detalhes em (HUANG 1990). Esse tipo de intensificação produtiva pode ser considerada uma espécie de “Revolução Industrial” para usar o termo de Vries (1994).

Vries (1994) descreve como entre os séculos XVII e XIX houve na Europa uma redução do descanso e realocação de trabalho em bens e serviços objetivando consumo direto para a aquisição desses bens através do mercado. As famílias passaram a direcionar mais e mais o trabalho para a protoindústria usando mão de obra de mulheres e crianças com crescente intensidade no trabalho. Fenômeno parecido estava acontecendo na China com intensificação do trabalho industrial e agrário, mas não há um aumento contínuo do PIB per capita como ocorre na Europa. Na China essa intensificação do trabalho é acompanhada de uma queda na produtividade do trabalho.

Allen (2009) acredita que o aumento da população entre os séculos XVII e XVIII tenha reduzido o tamanho da propriedade especialmente nas regiões ricas da China como o Vale do Yangtzé. A propriedade reduzida levaria a uma redução no número de dias trabalhados por ano. Embora Huang (1990) concorde que a propriedade no Delta tenha diminuído de tamanho em função do aumento populacional, não deixa de relacionar isso com uma intensificação do trabalho diário. Huang enfoca na quantidade de trabalho total e no trabalho sobre a terra enquanto Allen está olhando para o tempo por trabalhador no trabalho agrícola.

Pode-se imaginar que essa queda na produtividade na China é resultado de aumento

da intensidade do trabalho sem aumento no uso de capital ou tecnologia. A China no século XVIII ainda é uma sociedade pré-moderna, mas há vários registros de saltos tecnológicos de períodos anteriores. Na China temos alguns exemplos desses saltos são: O uso do ferro no Período dos Estados Combatentes (475 AC – 247 AC) e do Período Han (206 DC – 220 DC), o aperfeiçoamento e expansão do uso do arroz no Delta do Yangtzé nos períodos Tang (628 DC - 907 DC) e Song (960 DC - 1279 DC). É possível que as grandes obras de infraestrutura como a irrigação e os sistemas de drenagem estabelecidos no Vale do Yangtzé no século X pelo Reino Wuyue (907 DC – 978 DC) também tenham aumentado a produtividade da região embora não existam dados o suficiente para corroborar essa hipótese. No período Qing houve uma importante inovação técnica no uso de fertilizantes, entretanto o impacto dessa inovação está em debate. (HUANG 1990)

O debate é se a difusão do uso de fertilizantes, sobretudo a base de soja, nos governos Qing e Ming teriam contribuído para um aumento de produtividade do trabalho agrícola na região do Delta como defende WU (1985)⁹⁹. Para (HUANG 1990) é difícil encontrar dados que corroborem esse aumento de produtividade. Para ser mais preciso não está muito certo se o uso do fertilizante teria começado nos governos Ming ou Qing. Atualmente os dados parecem corroborar que o aumento do uso de fertilizante foi especialmente concentrado no governo Qing depois do fim do bloqueio do comércio marítimo em 1685, embora seja uma invenção do século XVII. No século XVIII o uso de soja como fertilizante foi extensamente utilizado no Delta do Yangtzé com importações vindas do Nordeste, em especial Fengtian, para Xangai para depois ser distribuído pela região. Dez milhões de shi¹⁰⁰ de fertilizantes vinham anualmente de Fengtiang para a região do Delta pelo Grande Canal. (HUANG 1990; ALLEN 2009)

Para Allen (2009) o uso de fertilizante permitiu o aumento de produtividade na região do Delta do Yangtzé de 1,7 shi por mu em 1620 para 2,3 shi por mu em 1800. O adubo de soja teria permitido a expansão da prática de duas colheitas anuais de arroz no Yangtzé o que seria acompanhado pelo maior uso de animais de tração. Até aqui Allen concorda com Li Bozhong (1998) que defende que o fertilizante teria feito uma revolução agrícola no Delta, mas Allen defende que Li não calculou corretamente o custo com os fertilizantes ao mantê-los constantes no período entre 1620 e 1800 enquanto o uso do mesmo aumentava. Ao contabilizar o custo do fertilizante Allen estima uma produtividade do trabalho agrícola em lenta queda indo de 52,5 para 51,3 libras por dia de 1620 para 1800 na desenvolvida zona do

⁹⁹ Allen (2009) ressalta que uma alta produtividade agrícola é essencial para liberar trabalhadores do campo para outras atividades como comércio e manufatura, entretanto na China a alta produtividade agrícola não levou a retirou mão de obra do campo e o país permaneceu rural mesmo para os padrões do século XVIII.

¹⁰⁰ Um shi equivale a aproximadamente 160 libras ou 72,57 quilos segundo Pomeranz (2000). Allen (2009) estima em 65 quilos. Como as medidas na China não eram precisas é impossível saber ao certo.

Delta do Yangtzé.

Broadberry, Guan e Li (2017) são menos otimistas e calculam uma queda no produto agrícola per capita de 50% do início para o fim do século XVIII, mas esses autores trabalham dados para toda a China. Como visto, Huang (1990) acredita que houve um aumento do produto, mas com um aumento desproporcional da quantidade de trabalho. Mesmo revisionistas como Pomeranz (2000) concordam com a leitura de que a rentabilidade do trabalho agrícola estava em queda na China, embora Pomeranz acredita que esse também seria o destino da Europa se não fosse pelo Novo Mundo e o carvão.

Do mesmo modo, no setor industrial Huang (1990), Allen (2009) e Broadberry, Guan e Li (2017) defendem uma lenta queda na produtividade per capita com um rápido aumento da produtividade concentrada numa produção protoindustrial rural. Para Broadberry, Guan e Li a produtividade industrial teria caído em 12,2% no século XVIII enquanto a produção aumentava em 113%. Allen defende que a produtividade da indústria têxtil teria caído 49,2% de 1620 para 1820¹⁰¹. Essa queda na produtividade esteve relacionada a queda do preço dos produtos têxteis causado por um excesso de oferta no mercado conforme essa produção se popularizava e seu transporte ficava mais acessível. Assim defende-se aqui a tese de uma revolução industriosa na China no período nos moldes como Vries (1994) defendeu para a Europa: intensificação do trabalho e redução do tempo livre com aumento da produção, mas com queda da renda per capita e da renda por hora trabalhada.

Essa intensificação da produção no Delta do Yangtzé durante os períodos Ming e Qing não levaram simplesmente a uma intensificação na tradicional produção de arroz ao contrário do que defendeu Clifford Geertz (1969). A produção de arroz chegou a um auge ainda no início do período Ming. O que aconteceu foi uma mudança no cultivo em direção a plantas mais comerciais e trabalho intensivas como algodão e amoreiras cujas folhas alimentam o bicho-da-seda. Com a chegada do algodão no Delta no início do século XIV só as terras mais impróprias para o cultivo do arroz foram sendo convertidas em cultivo de algodão como regiões costeiras de maior salinidade, isso foi um grande avanço de produtividade nessas regiões. Em regiões com maior irrigação o algodão demorou mais para competir com o arroz, todavia, no século XVII o algodão era um cultivo bem comum na região e passou a ganhar mais espaço conforme a produção se intensificava. (HUANG 1990)

O aumento do plantio de algodão e amoreiras apoiaram o aumento da comercialização de grãos, em especial o arroz. O Delta do Yangtzé havia sido por muito tempo uma das principais fontes de tributo de arroz para a capital. Um ditado antigo dizia"

¹⁰¹ Curiosamente para esse mesmo período (1620-1820) Broadberry, Guan e Li (2017) projetam uma produtividade industrial praticamente estagnada.

Quando os grãos amadurecem em Sucheu e Changzhou, todos sob o céu estão bem supridos"¹⁰² (WU 1985). O aumento do cultivo de algodão e amoreiras alteraram esse cenário e o Delta se tornou uma região deficitária em grãos e passou a importar de outras regiões aumentando a comercialização e a especialização regional. As províncias de Hunan e Hubei passaram a ser as principais fornecedoras de grãos para o delta seguidas por Sichuan, Anhui e Jiangxi, sendo que a maior parte desses grãos vinham através do rio Yangtzé. Wu estima que eram transportados 15 milhões de shi de arroz anualmente para o Delta e para Zhejiang. Nos anos 1830s mais 10 milhões de shi de trigo e soja entravam na região por Xangai. (HUANG 1990)

Enquanto a renda do arroz era caracterizada por significativa flutuação sazonal com quedas de preço nos períodos de colheita e alta de preços no verão durante a entre safra, o algodão era caracterizado por um preço mais estável anualmente. Por outro lado, no longo prazo o algodão tinha grandes variações de preços enquanto o arroz se mantinha mais estável o que levava a significativas mudanças nos preços relativos desses produtos. As variações sazonais, regionais e anuais dos preços relativos de arroz e algodão determinavam se em zonas próprias para o cultivo de arroz o algodão predominaria ou não.

Estudos de 1930 feitos por Buck (1937) indicam que o algodão necessitava do dobro de trabalho por mu em relação ao arroz, 10,5 dias contra 21 dias.¹⁰³ Assim o algodão implicava uma queda na produtividade do trabalho, mas gerava um aumento da renda em áreas de tradicional cultivo algodoeiro. Isso ajudou a gerar uma renda maior, mas com retornos menores por tempo de trabalhado. O mesmo se aplica a sericultura. (HUANG 1990)

Esses novos plantios eram baseados em agricultura comercial e indústria têxtil. O algodão era fortemente relacionado com a protoindústria têxtil rural enquanto a sericultura, produzida em escala muito menor, se relacionava com uma indústria urbana da seda que envolvia mais capital e mão de obra especializada. Ambas aumentaram a produção, mas reduziram a produtividade do trabalho em relação ao cultivo de arroz.

Embora seja muito difícil calcular a produtividade da indústria têxtil no período vamos usar as mesmas estimativas que Huang (1990) usou no seu trabalho para ter uma noção de como funcionava essa indústria. Um mu (1/15 hectare) de cultivo de algodão era capaz de gerar aproximadamente 18,143 quilos (30 catties¹⁰⁴) de algodão bruto. Plantar e colher um mu

¹⁰² Sucheu e Changzhou são Duas cidades da província de Jiangsu que fica logo acima de Xangai no centro do Delta do Yangtzé.

¹⁰³ Optou-se por usar esses dados pela ausência de informações do período, entretanto não houve grande mudança nas técnicas produtivas entre início do XIX e início do século XX

¹⁰⁴ Cada *catty* (aportuguesado para cate) equivale a 604,79 gramas aproximadamente (existem variações regionais). Não fica claro a que medida de catty Huang estava se referindo, mas pode variar entre 500 a 604,79 gramas. Optou-se por essa última medida o que valoriza a produção chinesa. Por curiosidade o picul valia 100 catties (6047,9 gramas) e o tael 1/16 de um catty, ou seja , aproximadamente 37,8 gramas.

de algodão gastava aproximadamente 21 dias de trabalho e gerava uma renda equivalente de 36,286 quilos de grãos arroz, pois o algodão bruto tinha o valor equivalente ao dobro do seu peso em arroz entre 1690 e 1740. Isso equivale a 1,728 quilo de arroz por dia de trabalho. Sendo que no máximo eram feitas duas colheitas por ano. (BUCK 1937)

No caso da fiação do algodão a roda de fuso única era facilmente adquirível por qualquer um e foi o principal instrumento usado nesse segmento da indústria têxtil mesmo com a disponibilidade de máquinas mais complexas. A roca de três fusos com pedal, já disponível no século XVIII, precisava de mais conhecimento para ser operada e era mais difícil de ser montada. O ganho de competitividade dessa roca mais complexa não conseguia compensar o baixo custo do trabalho auxiliar sendo um instrumento pouco difundido mesmo em Songjiang onde fazia mais sucesso. Somente a roda de fiação mecânica introduzida muito mais tarde conseguiria competir com a produção protoindustrial algodoeira rural com baixo capital fixo. (HUANG 1990)

A fiação valorizava o algodão bruto nesse período em 30% a 50%, mas apenas 425 gramas (5 onças) de algodão podiam ser transformadas diariamente em fio com o trabalho de uma pessoa, ou seja, o valor adicionado era de 283 a 425 gramas de arroz por dia de trabalho. Assim a produtividade do trabalho na agricultura de algodão era muito maior que na fiação. Huang estimou o consumo de um homem adulto no Vale do Yangtzé em 947 gramas por dia. 425 gramas de arroz é assim insuficiente para alimentar um adulto indicando porque a protoindústria algodoeira era dependente do trabalho desempenhado no tempo livre e por pessoas que estavam excluídas do mercado de trabalho por um ou outro motivo como velhos, crianças e mulheres. (WU 1985; HUANG 1990)

Um homem adulto não iria e não podia viver só da fiação do algodão. Dado o baixíssimo retorno é estranho mesmo que tantas pessoas se dediquem a essa atividade na China. Como visto, 2/3 do valor adicionado da fiação vinham do algodão bruto que usava muito menos trabalho. Entretanto o retorno dessa atividade continuava estando acima dos custos de produção ao usar trabalho “ocioso” de mulheres, crianças e velhos que teriam que ser alimentados de qualquer maneira. Somente isso permitia o funcionamento desse tipo de produção. Empresas baseadas no trabalho assalariado não tinham condições de competir com unidades familiares nessas condições. Mesmo que mulheres e crianças estivessem disponíveis no mercado de trabalho superando problemas culturais e logísticos as empresas teriam que se responsabilizar por prover a subsistência desses grupos que estariam separados de suas terras e familiares. Assim, qualquer empreendimento que os aldeões pudessem produzir, no caso, qualquer atividade com baixa necessidade de capital, colocava as empresas baseadas em trabalho assalariado fora do mercado. (HUANG 1990)

A tecelagem do algodão era relativamente mais capital intensiva que a fiação, mas um tear simples ainda era facilmente adquirível mesmo pelos mais pobres aldeões. Usando os dados de Fang Xing (1987) o retorno da tecelagem de algodão no início do século XVIII era 0,25 taéis de prata por dia. Com o catty de arroz a 0,06 taéis isso daria 2519 gramas de arroz por dia.¹⁰⁵ Reduzindo os custos de produção de 0,02 taéis teríamos ganho médio de 2318,36 gramas de arroz por dia. Um valor alto e mesmo maior que a agricultura, mas insuficiente para enriquecimento. Xu Xinwu (1981) mostrou que não há registros de nenhum tecelão que progrediu a ponto de fundar uma oficina, investir no comércio ou adquirir uma grande propriedade rural.

Esses valores dão uma ideia da produtividade de cada setor. Infelizmente Huang não dá um dado claro sobre suas expectativas de produção de arroz por mu para podermos comparar com a produção algodoeira, mas uma vez que o arroz gastava apenas 10,5 dias de trabalho para colher e o processo de tecelagem gastava 21 dias para cultivar e colher, 128 dias para fiar e mais 23 dias para tecer, ou seja, 172 dias, vê-se que a tecelagem usava 16 vezes mais trabalho que o arroz. Assim tem-se uma maior produtividade por terra, mas uma menor produtividade por trabalho.¹⁰⁶

A tecelagem urbana do algodão estava em desvantagem frente ao aldeão que plantava seu próprio algodão, fiava e tecia usando trabalho familiar e podia contar com colheitas de subsistência para se alimentar. De fato, não há registro de grandes manufaturas de algodão urbanas até meados do século XIX. Os tecelões de algodão urbanos trabalhavam em pequenos grupos, relativamente pobres, com poucos aprendizes, pouca especialização e normalmente com nenhuma divisão de trabalho. Até mesmo a tecelagem da seda, bem mais capital intensiva e normalmente maior que o algodão, era feita em pequenas fábricas. (HUANG 1990)

Segundo Huang, a necessidade de trabalho anual na sericultura era de 93 dias para cultivar amoreiras e criar os bichos-da-seda. Um mu de amoreiras bastava para criar 7 a 8 cestas de bichos-da-seda. Em períodos especialmente bons para essa atividade, com alto custo da seda e baixo custo de arroz, uma cesta de bichos-da-seda valia um mu inteiro de cultivo de

¹⁰⁵ O cálculo que Huang usou para chegar a esse valor não é de todo claro. Especificamente o custo de produção de 0,02 taéis parece muito baixo. Segundo o próprio Huang o algodão bruto valia o dobro do seu peso em arroz o que, segundo os dados apresentados no livro, dá 0,12 tael por catty. Huang também especifica que a fiação valoriza o produto em 30% a 50%, ou seja, o catty de fio deve valer entre 0,156 a 0,18 taéis. Média de 0,168 taéis por catty de fio. O fio de algodão deveria ser o insumo básico da tecelagem assim o custo produtivo deveria ser pelo menos 0,168 taéis por catty e não 0,02. Nesse caso o valor adicionado na tecelagem daria meros 826,5 gramas por dia. Mais que a fiação, mas bem menos que a agricultura. Optou-se por manter os dados como Huang (1990) apresentou no corpo do texto

¹⁰⁶ Outros autores dão uma expectativa de produtividade por mu como Allen (2009) que colocou 2,3 shi. Entretanto os números de Allen não podem ser comparados com Huang (1990) por serem expectativas muito diferentes. Se ambos estiverem corretos então não valeria a pena plantar algodão no Yangtzé, pois o retorno do arroz seria mais alto e envolveria menos trabalho.

arroz, ou seja, 7,5 vezes mais renda¹⁰⁷. Em outras palavras, mesmo em um período muito bom, a seda perdia um pouco para o cultivo de arroz na produtividade do trabalho: na seda, 93 dias de trabalho para gerar 7,5 mus de arroz, dá 12,4 dias de trabalho por mu que é mais que os 10,5 dias de trabalho por mu exigido no cultivo de arroz. Se considerarmos que o custo de insumos da seda era aproximadamente 5,5 vezes o custo do arroz, pois precisava de mais fertilizantes, temos ainda um aumento de renda, mas com significativa queda da produtividade do trabalho.¹⁰⁸

Ao contrário da bobinagem da seda feita familiarmente e com pouco capital a tecelagem da seda era bem capital intensiva. Com um tear significativamente complexo necessitava de dois ou três trabalhadores experientes. O pano de seda, como um bem de consumo de alta classe gerava um retorno significativamente alto. Esse trabalho foi responsável por um aumento de trabalho assalariado centralizado em cidades no período Ming e Qing se aproximando bastante da segunda fase de transação da indústria como previsto pela teoria protoindustrial. Nessa fase o trabalho assalariado é reunido em fábricas maiores abrindo maiores oportunidades para o investimento de capital uma vez que a produção estava na mão dos empreendedores e não mais dos trabalhadores como na protoindústria. Na China entretanto, mesmo que houvesse algumas grandes indústrias governamentais como as fábricas imperiais a tendência era que pequenas oficinas de seda se responsabilizassem pela maior parte da produção. Até no aquecimento dos casulos a vapor e da fiação e costura feitas à máquina, havia poucas economias de escala para a produção de seda. Mesmo as fábricas imperiais começaram a terceirizar o seu serviço contratando pequenas lojas no período Qing. (HUANG 1990)

Temos assim uma tendência a intensificação do trabalho em pequena escala tanto através indústria têxtil da seda que era feita em ambiente urbano quanto na indústria têxtil do algodão que era produzido na forma protoindustrial, ou seja, no ambiente rural e por mão de obra familiar. Essa intensificação do trabalho está relacionado ao fato da indústria têxtil em ambos os casos demandar muito mais trabalho que o cultivo de arroz. Isso era compensado por um aumento da produção, mas não da produtividade do trabalho.

Nesse capítulo se procurou dar uma visão geral das transformações econômicas que ocorriam na China, em especial no Baixo Yangtzé. Foi abordado a expansão comercial e industrial assim como o aumento da mobilidade dos trabalhadores pelo império seja pelo fim de restrições de facto ou de juri seja por incentivos diretos do governo central. Além disso, inúmeras instituições econômicas novas surgiram como as redes de comerciantes, as guildas,

¹⁰⁷ A seda começou a se valorizar mais frente ao arroz no século XIX.

¹⁰⁸ Isso implica num reduzido uso de capital por dia trabalhado na sericultura frente ao arroz já que o tempo de trabalho na sericultura era mais de oito vezes maior contra um aumento de custo de capital de 5,5 vezes.

as redes financeiras entre outras.

Muitas dessas transformações indicam um avanço econômico tipicamente capitalista. Aumento da urbanização, flexibilização no mercado de terras, aumento da comercialização, desenvolvimento de novas formas de crédito, flexibilização profissional, redução nas restrições a circulação de pessoas e na mineração, desenvolvimento do mercado de trabalho, mais pagamentos feitos na forma monetária entre outros. Especialmente há um grande aumento da protoindústria o que segundo a teoria protoindustrial é um bom sinal de uma potencial revolução industrial.

Em comunhão com esses processos ocorre uma intensificação do trabalho ou uma “revolução industriosa” como ocorreu na Europa segundo Vries (1994). Entretanto há uma queda significativa na produtividade do trabalho. Além disso tem-se um “porém” em quase todas as transformações mencionadas. Há urbanização, mas menos do que na Europa e não chega a ser o ápice da sociedade chinesa. Há flexibilização no mercado de terras, mas inúmeras restrições para a venda continuam a existir dados pela lei ambígua e pelos costumes. Há desenvolvimento das novas formas de crédito, mas normalmente em fim produtivo e com juros altíssimos. As restrições profissionais e de movimentação laboral diminuem, mas não deixam de existir. O mercado de trabalho cresce, mas permanece sendo basicamente regional e muitas vezes restrito a conhecidos como familiares ou vizinhos. Finalmente, os pagamentos em alimentos também continuam comuns a despeito do aumento de pagamentos em moeda, ou seja, o escambo ainda era significativo.

Nesse contexto qual era o impacto do crescimento protoindustrial? Como foi visto no capítulo 2 o crescimento protoindustrial poderia facilitar o desencadeamento de uma Revolução Industrial por várias vias. O próximo capítulo vai discutir o impacto do crescimento protoindustrial na China.

CAPÍTULO 5 - PROTOINDÚSTRIA TÊXTIL ALGODOEIRA NA CHINA

Esse capítulo pretende demonstrar que a sociedade chinesa não estava em vias de se industrializar e que há uma baixa aderência na China dos cinco motivos apresentados pela teoria protoindustrial como indutores de um processo moderno de industrialização através da protoindústria.

Na seção 5.1 irá se comparar a protoindústria chinesa e europeia para apresentar semelhanças e diferenças nas duas. Na seção 5.2 se discutirá a aplicabilidade dos cinco indutores da industrialização discutidos no capítulo 2 para o caso chinês. Na seção 5.3 a Escola da Califórnia é colocada em perspectiva dado o que foi constatado na tese e a bibliografia mais recente sobre o assunto.

5.1 protoindústria na China

O aumento da produção industrial artesanal na China ocorreu no século XVIII por motivos diversos, além do aumento de mobilidade da mão de obra, a expansão da agricultura comercial (em especial algodão), o desenvolvimento da organização de mercados pra transporte e armazenamento, a monetização dos impostos e o maior investimento na produção artesanal contribuíram para o aumento da produção. Commodities industriais como têxteis de seda e algodão, cerâmica, papel, metal, utensílios diversos metálicos, sal, chá e açúcar alcançaram níveis sem precedentes de produção nesse período muitos desses focados na pequena produção rural. (ROWE 2008)

Retomando o que foi dito no primeiro capítulo, a protoindústria segundo a definição de Mendels (1972) é caracterizada por ser uma (i) indústria caseira, (ii) familiar, (iii) localizada na região rural (iv) com quase nenhum capital fixo e (vi) por orientar a sua produção para o mercado e não para o autoconsumo. Mendels pensou nessa definição olhando para o que estava acontecendo na Europa, mas na China algo muito similar acontecia com a produção têxtil de algodão que em grande parte compartilhava todas essas características.

Essa pequena unidade produtiva na China funcionava numa indústria caseira e o proprietário dos meios de produção também era o próprio trabalhador. Na maioria dos casos a produção era feita pela família sem ninguém contratado. A produção era localizada na região rural e mais de 50% da produção na China como um todo era direcionada ao mercado, e não para o autoconsumo, especificamente no Delta do Yangtzé cerca de 87,5% dos tecidos era

voltado para o mercado. Logo, somente uma pequena porção da produção era voltada para o autoconsumo, a maior parte da produção era direcionada aos mercados e comercializada através de intermediários que normalmente consistiam de comerciantes. A produção também era baseada em pouco fixo a despeito de máquinas mais complexas estarem disponíveis. Assim, todas as características essenciais da protoindústria como definidas por Mendels estavam presentes na indústria chinesa rural.

Podemos sem dúvida chamar essa forma de produção industrial de vestimentas de algodão no solo chinês de protoindústria sem perder as características originais colocadas por Mendels mesmo se tratando de contextos tão diversos. Isso é muito considerável uma vez que a venda de roupas de algodão era a segunda *commodity* que mais circulava nos mercados chineses perdendo somente para o mercado de grãos, o que indica uma significativa presença da protoindústria.

As coincidências entre a protoindústria chinesa e a europeia não se limitam as apontadas. Como visto no segundo capítulo a protoindústria na Europa funcionava em grande parte através do *putting-out system*. Nesse sistema os trabalhadores não negociavam diretamente com consumidor final, mas sim com mercadores que forneciam matéria prima e compravam o produto acabado. Boa parte da comercialização das roupas no Yangtzé dependia de intermediários e funcionava de maneira bem semelhante ao *putting-out system*. Muitas famílias negociavam o produto da protoindústria têxtil com mercadores que vendiam matéria prima especialmente em regiões no Baixo Yangtzé. (MANN 2008)

Local periodic markets, which proliferated in the hinterlands of commercial cities, enable ordinary peasant families to procure raw materials and sell finished goods directly, either through brokers who came to their homes (...) or at market towns within a day's walking distance" (MANN, 2008, p. 460)

Fazendeiros chineses vendiam através de intermediários (*brokers*) o algodão bruto em mercados locais para tecelões e fiandeiros da protoindústria. Os tecelões e fiandeiros trabalhavam o produto e o revendiam também através de intermediários para mercadores que negociavam com o comprador final. Nas grandes cidades e em grandes mercados era comum que produtores comprassem tecidos da protoindústria nos mercados para usar como insumo na produção de produtos de melhor qualidade através de acabamento, calandragem¹⁰⁹ e tingimento. Posteriormente esses produtos de melhor qualidade eram redirecionados ao mercado através de mercadores e intermediários. Em todos esses mercados oficiais regulavam a oferta emitindo licenças para comercializar o produto, mas muitos mercadores e intermediários operavam sem as licenças. No processo de tingimento e calandragem, por exemplo, o controle oficial era abafado pela grande quantidade de oferta e demanda que fugia

¹⁰⁹ Processo de passar o tecido por rolos de maneira que fique mais fino e lustroso.

ao controle. (MYERS & WANG 2008)

Essa tese não concorda com o argumento de Elvin (1973) para quem a proliferação de mercados, especialmente nos séculos XVII e XVIII, tornou o sistema de putting out desnecessário na China Qing: *“If a peasant with virtually no working capital could have daily access to a market for his or her materials, there was no place for putting out system”* (ELVIN 1973, p.274)

Como visto no capítulo 2 o putting out era caracterizado pelo adiantamento da matéria-prima pelo comerciante ao produtor rural em troca do produto final posteriormente, isso beneficiaria o produtor sem acesso ao capital. Elvin descreve como os produtores(as) dependiam dos mercadores para conseguir a matéria-prima na China:

Merchants from other prefectures buy raw cotton and set up shops on our land. The poor people take what they have spun or woven, namely thread or cotton cloth, and go to market early in the morning. They exchange it there for raw cotton [or yarn] with which they return to spin or weave as before. On the morning they again take it to be exchanged (ELVIN 1973, p. 270)

Uma outra maneira de defender a tese de Elvin, de que não há putting-out na China, seria argumentar que com a proliferação de mercados o aldeão podia negociar diretamente seu produto com o consumidor final. Se fosse esse o caso não se pode falar de “subcontratação do aldeão”. Segundo Elvin (1973), os produtores rurais usariam os mercados fundamentalmente para adquirir algodão e revenderia diretamente para os consumidores finais, mas novamente Elvin parece se contradizer ao afirmar que: *“The excellence of the market mechanism made it unnecessary for cotton cloth merchants to become directly involved in production”* (ELVIN 1973, p.276-277)

Ou seja, Elvin reconhece que os mercadores de roupas de algodão estavam separados da produção e que forneciam matéria-prima para aldeões sem capital, mas parece acreditar que os produtores vendiam diretamente para o consumidor final sem repassar o produto final para o mercador. Entretanto, tudo indica que esse produto muitas vezes não era negociado com o consumidor final, mas com um mercador que posteriormente o revendia como indicado por Mann (2008).

Não foi possível confirmar se o mercador que compra a roupa de algodão pronta para revender era o mesmo que adiantava a matéria-prima. Para ser propriamente putting-out precisaria ser o mesmo mercador. Infelizmente não foi encontrado dados ou textos ou citações que esclarecessem se era o mesmo mercador ou não. Todavia, ainda que essa compra de insumos por parte dos pequenos produtores rurais fosse particularmente comum no Delta do Yangtzé, na China como um todo 80% da produção era feita com algodão cultivado na própria

terra segundo Huang (1990). Assim, embora os mercadores tivessem importância no funcionamento desse mercado, seja vendendo algodão, seja revendendo os produtos acabados, e não fosse difícil que o putting-out fosse utilizado, esse não era o sistema predominante.

Percebe-se assim uma grande influência dos mercadores no funcionamento do sistema chinês. Assim como na Europa, a dificuldade de locomoção dos camponeses devido à qualidade das estradas e as longas distâncias somada a necessidade de permanecer perto das suas terras para supervisionar a produção agrícola incentivavam o uso de intermediários para negociar a produção industrial. A falta de conhecimento, tempo e/ou capital prendia a maioria dos produtores a esse tipo de negociação. (MYERS & WANG 2008)

Além disso, a prática chinesa excessivamente comum de amarrar os pés das mulheres quando crianças, que só foi extinta no século XX, de forma a distorcê-los de maneira estética, dificultava a movimentação da força de trabalho feminina. Essa prática incentivava as mulheres a se centrarem na produção têxtil e não na lavoura assim como estimulava as famílias a negociar com mercadores ou corretores de produtos em vez de vender pessoalmente seus produtos nos mercados. O próprio governo ao propagandear que as mulheres deviam ficar em casa e se concentrar na produção têxtil acabou por facilitar a difusão da cultura de distorcer os pés e da revenda da produção através de *brokers* e mercadores. (MANN 2008)

Outra característica similar entre a protoindústria europeia e a chinesa é o baixo estrato social do pequeno produtor industrial que compunha esse modo de produção. O trabalhador chinês também vivia em nível de subsistência e dependia da manufatura para completar a sua renda se concentrando nesse tipo de produção no período entre safras quando o trabalho agrícola exigia menos tempo e esforço. Por sua vez, a mão de obra feminina era ainda mais presente na protoindústria chinesa do que na europeia por questões culturais que afastavam as mulheres do trabalho agrícola na China como a tradição de amarrar os pés das mulheres e a ideia de que as mulheres deveriam ter a pele o mais branca o que dificultava trabalhar ao Sol na lavoura.

O crescimento da indústria rural de pequena escala no Delta do Yangtzé esteve ligada a expansão do cultivo de algodão. A cultura do algodão chegou na China primeiro em Songjiang na região da Manchúria no século XIII¹¹⁰ e no mesmo século a fiação e tecelagem do algodão foram dominadas gerando um salto de produtividade, pois o algodão era mais fácil de ser manuseado que a seda e o cânhamo. Foi ainda no governo Ming que a produção têxtil de algodão começou a substituir produtos têxteis anteriores como o cânhamo.¹¹¹

¹¹⁰ Província que foi incorporada na província de Heilongjiang em 1954.

¹¹¹ O algodão tem várias vantagens sobre o cânhamo: Tem maior produtividade por hectare, é mais fácil de processar e a roupa é mais confortável e quente. Após a entrada do algodão o cânhamo passou a ser usado para

Gradualmente o cultivo do algodão se espalhou pelo império. Durante o período Qing houve um aumento da dependência da produção industrial doméstica, especialmente na fiação e costura de produtos de algodão no Delta do Yangtzé. (HUANG 1990)

No norte da China, em províncias como Hebei e Shandong, relativamente despovoadas desde as invasões mongóis em 1210s e de terras menos férteis, o algodão não teve tanto impacto quanto em regiões centrais apesar de o algodão ser mais trabalho intensivo do que os cultivos tradicionais da região norte como *sorghum* (ou sorgo) e milhete. No início do século XX apenas 8% das áreas cultivadas das citadas províncias haviam se transformado em produção de algodão.¹¹² Nas vilas do norte em que se produzia algodão a produção de tecido domésticos por mulheres e crianças se focava no autoconsumo não sendo portanto uma protoindústria como foi definido nessa tese. Apenas em regiões com bom sistemas de transporte alguma indústria manufatureira comercial se desenvolveu.¹¹³ (HUANG 1990)

Já no Delta do Yangtzé o aumento da produção de algodão e comercialização durante o governo Ming e Qing levou a significativas mudanças nas relações sociais e de produção. No século XVII é possível que mais de 50% da área cultivada na região fosse destinada ao algodão ao menos sazonalmente. Durante o governo Qing houve aumento do trabalho assalariado como base de produção no campo e na cidade, na agricultura e na indústria. (HUANG 1990)

A diferença entre a produção protoindustrial têxtil no Delta do Yangtzé frente ao resto da China é significativo. Dados de 1860 apontam que 45% dos aldeões na China trabalhavam de alguma forma com a indústria têxtil. No Yangtzé praticamente todas as famílias se dedicavam ao menos temporariamente a atividade têxtil. Enquanto na China como um todo 46,1% da produção têxtil algodoeira era voltada para o autoconsumo e 53,9% para o mercado, no Delta do Yangtzé apenas 14,3% da produção era voltada para o autoconsumo contra 85,7% para o mercado. O índice de comercialização no Yangtzé era também mais alto que no resto do país. Não é à toa que havia exportação de peças de roupa do Delta para outras regiões o que se intensificou no período Qing. (HUANG 1990)

O aumento da produção têxtil no Delta levou a um aumento da demanda de algodão bruto de regiões vizinhas para ser usado como matéria prima. A importação de algodão do Delta cresceu tanto que mesmo partes do Delta em que não se produzia algodão a produção têxtil se intensificou, ou seja, a alta produção do Delta levou a uma especialização de certas

fazer somente cordas, redes, sacos e trajes funerais. (HUANG 1990)

¹¹² Plantas nativas das Américas foram mais transformadoras na agricultura da região como batata-doce (não muito apreciada como alimento na região, mas com reconhecida alta produtividade) e especialmente o milho. (HUANG 1990)

¹¹³ Curiosamente essa pequena indústria exportava para regiões distantes como o Nordeste do Império e para a Coreia. (HUANG 1985)

regiões em manufatura e outras em agricultura algodoeira como previsto pela teoria protoindustrial. No entanto, os dados disponíveis de 1860 indicam que 80% dos aldeões chineses produziam o próprio algodão que utilizavam com o que podemos concluir que a especialização produtiva agricultura/manufatura foi um fenômeno regional na China. (HUANG 1990)

Essa produção protoindustrial foi intensificada em parte por homens durante seu tempo livre, mas em maior medida foram mulheres, crianças e idosos que forneceram a mão de obra para essa indústria, pois para esses grupos havia pouco ou nenhum mercado de trabalho. No município de Wujiang, por exemplo, há relatos de trabalho infantil: "*Once the [peasants] children pass the age of ten, they labor from morning to night in order to fill their stomachs*" (Wujiang Xian Zhi 1747 apud HUANG 1990, p.100)

Já no trabalho agrícola havia grande variação na intensidade do trabalho feminino. De modo geral as mulheres de classe alta ou média não participavam do trabalho agrícola ou participavam muito pouco. A brancura da pele feminina era um importante ideal estético na China. O trabalho ao Sol no campo bronzeava a pele sendo evitado e mal visto pelas mulheres. Além disso, o costume de amarrar os pés das meninas na China de forma a distorcê-los com fins estéticos era muito difundido e dificultava longas caminhadas e o desempenho no trabalho agrícola.¹¹⁴ Somente nas famílias mais pobres, em que os homens tinham que sair da terra para trabalhar por uma renda extra, as mulheres assumiam o trabalho agrícola. Caso necessário, trabalho suplementar masculino era contratado em vez de usar a mão de obra feminina com essa finalidade.¹¹⁵ Segundo Huang (1990) cerca de 19,1% de todo o trabalho rural do Delta do Yangtzé era feito por mulheres e 7,6% por crianças contra 8,5% feito por mulheres e 4,7% por crianças no Norte. Parece que a maior irrigação, comercialização e desenvolvimento da indústria caseira do Delta em relação ao Norte levou a uma maior "familiarização" da produção com maior integração do trabalho feminino familiar a agricultura, embora permanesse ainda a baixa participação. A maior presença de sericultura no Delta Yangtzé também pode ser relacionado com o maior trabalho feminino na agricultura dado que o cuidado com a parte agrícola da produção da seda era mais comumente desempenhado por mulheres. (HUANG 1990)

A expansão da produção do algodão se acelerou no governo Qing com a parte industrial de tecer e fiar o algodão centrada no trabalho feminino e a agricultura no trabalho

¹¹⁴ Somente com a Revolução Comunista a prática foi abolida.

¹¹⁵ Esse comportamento era permeado por um machismo que defendia que as mulheres eram incapazes ou pouco capazes na realização de trabalhos complexos como plantar que era mais bem pago. Um dia de trabalho plantando (um trabalho "masculino") pagava o dobro que um dia de trabalho tecendo (um trabalho "feminino"). Essa lógica se alterou radicalmente depois da revolução comunista em que as mulheres foram rapidamente incorporadas ao trabalho agrícola normalmente superando a produtividade dos homens. Na década de 1990 as mesmas vilas passaram a ver o ato de plantar como uma tarefa "feminina". (HUANG 1990)

masculino. Na seda o oposto se verificava. A produção industrial da seda com maior especialização, urbanização e capital era centrado em trabalho masculino enquanto a produção das larvas e dos casulos se apoiava em mão de obra feminina. No período Qing a produção de algodão se espalhou por todo o país ao contrário da produção de seda que continuou concentrada em ambientes urbanos. Algodão passou a ser a principal matéria prima da vestimenta chinesa. (ROWE 2008)

O mais perto de um mercado de trabalho moderno no interior da China foi a contratação de trabalho de curto prazo, normalmente com a duração de um dia. Normalmente, durante os períodos de colheita ou plantio, os trabalhadores que queriam oferecer a força de trabalho se reuniam em lugar conhecido como uma árvore grande ou um templo. A contratação normalmente acontecia antes do nascer do Sol. Raramente esses contratos duravam mais que poucos dias. No Norte s China, 36% das residências tinham ao menos um homem adulto que trabalhava 40 a 50 dias anuais nesse esquema de contratação. No Delta do Yangtzé esse número era menor, mas beirava 31% dos lares. A menor integração empregatícia no Yangtzé ocorria especialmente porque na região era mais comum o aldeão ter condições de sobreviver trabalhando apenas em sua própria terra. Assim a parte mais desenvolvida da China, o Yangtzé, tinha menos contratação que o Norte. (HUANG 1990)

Apesar da abrangência desse mercado e do grande número de pessoas envolvidas ele se limitava a trabalhos sazonais envolvidos na colheita e não ao trabalho artesanal. Era um mercado localizado, pois os contratados normalmente se moviam a pé para o local de trabalho e de contratação. A contratação também normalmente durava muito pouco tempo. (HUANG 1990)

Para uma contratação mais duradoura era preciso ter contatos e ajuda de intermediários. No norte da China 10% dos aldeões faziam esse tipo de contrato para trabalhos agrícolas contra somente 3,8% no Delta do Yangtzé. Normalmente os contratos de longo prazo urbanos ou em áreas fronteiriças que estivessem fora do escopo agrícola envolviam algum tipo de conexão de origem (contratante e trabalhador nascidos na mesma localidade) ou familiar entre o empregador e o empregado não sendo portanto mercados de trabalho competitivos em que qualquer um poderia se candidatar para qualquer emprego. (HUANG 1990)

Todavia a restrição mais significativa no mercado de trabalho chinês era a exclusão das mulheres do mercado de trabalho. Essa exclusão ocorria por motivos culturais que não viam bem mulheres que saíam de casa, desprezavam características de trabalho agrícola nas mulheres (como a pele bronzeada) e a cultura de amarrar os pés das mulheres que praticamente impedia o deslocamento das mesmas e a execução de uma série de atividades.

Essa exclusão aumentava o custo do trabalho masculino e dificultava a existência de empresas que pudessem se basear somente no trabalho assalariado para se manter. Ao mesmo tempo o trabalho feminino aumentava a competitividade da pequena produção familiar frente as empresas baseadas em trabalho assalariado. (HUANG 1990)

A produção de bens de algodão no período Qing ficou assim restrito a produção protoindustrial baseada em teares primitivos (sendo que havia modelos mais modernos) e mão de obra familiar. Embora houvesse um mercado nacional integrado não havia acumulação significativa de riqueza no processo produtivo. Os poucos mercadores que vieram a se beneficiar como intermediadores, não se interessaram em investir no segmento produtivo a não ser que desfrutassem de algum monopólio estatal como o caso do sal. Pelo contrário, o investimento em terras era mais comum. Em especial porque a protoindústria familiar era mais competitiva que empresas baseadas no trabalho assalariado. Isso ocorria, pois o custo do trabalho familiar era muito baixo frente ao trabalho contratado em parte pela exclusão do trabalho feminino do mercado ficando assim cativo da produção protoindustrial. A protoindústria estaria então atrapalhando a formação de empresas assalariadas e propriamente capitalistas por serem mais eficientes que elas na China.

Como visto no capítulo 2 a protoindústria não incentiva o investimento por diversos motivos: alto custo de capital, receio de que a inovação resultasse em desemprego, resistência aos custos de patente, resistência ao aluguel de máquinas que colocassem seu trabalho mais a mercê dos desejos dos empreendedores, a falta de controle direto da produção por parte do mercador e a falta de mentalidade empreendedora dos aldeões listados por Kriedt, Medick, Schlumbohm (1981). Landes (1969), por outro lado, atribuía a falta de investimento a incerteza em relação aos mercados. No caso da China o baixo custo da mão de obra parece ter sido o principal motivo para a ausência de investimento como defendeu Levine (1977) para o caso europeu.

É preciso lembrar que na Europa foi a superação da protoindústria e não seu triunfo que levou a Revolução Industrial na Inglaterra segundo a teoria protoindustrial. A protoindústria consiste de uma forma de produção predominante quando a indústria moderna ainda não era e não podia ser a principal forma de produção. Entretanto a protoindústria teria aberto caminho para a Revolução Industrial em parte por conta de sua dinâmica interna como visto no capítulo 2. Na próxima seção será analisado como os catalisadores da Revolução Industrial inerentes protoindústria, segundo a teoria protoindustrial, estavam agindo na China.

5.2 protoindústria gerou modernização na china?

No segundo capítulo foram listadas seis maneiras pelas quais a protoindústria teria facilitado o desenvolvimento industrial europeu. Quatro dessas foram formuladas por Mendels(1972): (I) Acúmulo de conhecimento comercial e empreendedor por parte dos mercadores. (II) Acúmulo de capital por parte dos mercadores. (III) Acúmulo de conhecimento técnico produtivo por parte dos pequenos produtores. (IV) Especialização regional manufatureira de um lado e comercial agrícola de outro. As outras duas foram formuladas em conjunto por Kriedt, Medick e Schlumbohm [KMS] (1981), sendo elas: (V) Enfraquecimento de relações feudais e (VI) flexibilização da oferta de maneira que os mercados mundiais pudessem se integrar. Agora se analisará uma por uma para o caso chinês.

A centralidade dos comerciantes para que o produto da protoindústria circulasse nos mercados chineses durante o período Qing deveria ter gerado conhecimento empreendedor e comercial para os mercadores como aconteceu na Europa. De fato há registro do surgimento e proliferação e desenvolvimento de técnicas comerciais inovadoras no período Qing. As técnicas comerciais normalmente estavam profundamente envolvidas em características religiosas e em linhagens familiares da sociedade chinesa de maneira a garantir confiança no cumprimento de contratos.

As maiores oportunidades comerciais e a maior mobilidade social devido a extinção ou abrandamento de leis de controle de migração durante o período Qing levou a um fortalecimento dos laços familiares como forma de se proteger e garantir a confiança mútua. O culto aos antepassados pregados pelo confucionismo prescreviam vários rituais e homenagens aos antepassados que reforçavam os laços familiares. Para Rowe (2008) esses hábitos foram retomados ou fortalecidos pela necessidade de se fazer acordos intrafamiliares. O apoio familiar era importante para se precaver de uma queda social com as pressões do aumento populacional com herança repartida e outros mecanismos do governo Qing que não beneficiavam direitos de nascença como os concursos públicos meritocráticos. Várias estratégias de organização especialmente para o comércio de longa distância se fiavam em laços familiares como maneira de proteção o que limitava o escopo de com quem se poderia trabalhar, mas reduzia a chance de golpes. Isso levava a incentivos para casamentos intrafamiliares e a formação de códigos de conduta interna para o estabelecimento de negócios. Em áreas de recente colonização ou perto das fronteiras a identificação com sua linhagem era uma forma de preservar a identidade Han.

As relações familiares eram tão fortes na determinação das relações comerciais e de poder regional que o imperador Yongzheng, em 1726, procurou indicar legalmente um dos chefes de cada família. Esse funcionário teria poderes legais de julgar questões de sua própria linhagem. Esse sistema foi tentado sucessivamente pelos imperadores Kangxi nos 1740s e Qianlong. Essa iniciativa foi de modo geral fracassada como iniciativa estatal, mas mostra a importância das relações familiares no estabelecimento comercial chinês.

De fato as mudanças ocorridas no governo Qing incentivaram a construção e propagação de várias entidades não governamentais como corporações, linhagens familiares corporativas, guildas, sociedades que se ligavam pelo lugar de nascença assim como organizações religiosas e filantrópicas. Esses grupos facilitavam o transporte, a integração do trabalho, o crédito, a proteção à propriedade, o cumprimento de contratos e a padronização de preços e medidas aumentando assim a comercialização especialmente no Baixo Yangtzé como se viu no capítulo 4.

Então claramente temos o desenvolvimento de estratégias comerciais inovadoras chinesas graças ao aumento de comercialização em parte relacionado a expansão da protoindústria, mas também reforçada por mudanças institucionais significativas como a flexibilização das leis sobre a mobilidade dos aldeões.

Em relação ao acúmulo de capital por parte dos mercadores chineses Goody (1996) e Frank (1998) apontam que mercadores chineses e indianos acumularam fortunas comerciais maiores que os mercadores europeus durante boa parte do século XVIII. A vantagem desse acúmulo de capital segundo Mendels (1972) é que ele poderia ser posteriormente investido em capital fixo e mão de obra permanente. Chapman (1970) identificou uma significativa presença do capital comercial nas grandes empresas de têxteis no norte da Inglaterra (28%) no fim do século XVIII e nas Midlands.

É preciso se perguntar se esses mercadores acumulavam capital graças a protoindústria chinesa. Os principais produtos de exportação da China eram a porcelana e seda inicialmente e majoritariamente chá a partir de 1790 como demonstra Vries (2015). Todos esses três produtos estão fora do escopo desse trabalho. Mas e o comércio nacional chinês? Teria esse comércio acumulado capital na mão dos comerciantes?

A arrecadação de impostos sobre o comércio subiu bastante nos séculos XVII e XVIII. Mesmo a arrecadação sobre o comércio não agrário e não relacionado ao monopólio do sal subiu de 1 milhão de onças de prata em 1652 para 2 milhões em 1682 e posteriormente para 9,89 milhões onças de prata em 1766 segundo Deng (2003). Ao contrário do esperado por um eurocentrista, o grosso dessa arrecadação estava conectada ao comércio interno. Segundo Gernet (1996) no fim do século XVIII o imposto comercial interno era seis vezes maior que o

externo. É preciso levar em conta o alto grau de comercialização do tecido do algodão, a ponto de ser o segundo produto mais comercializado segundo Myers e Wang (2008), sendo 53,9% da produção comercializada na China segundo Huang (1990).

Citações sobre o enriquecimento dos comerciantes corroboram que essa classe estava em ascensão não somente os grandes monopolistas como colocado por Woodside (2008)¹¹⁶. Elvin ressalta a riqueza dos comerciantes urbanos que revendiam roupas tingidas e de mais alta qualidade.¹¹⁷ Esses por sua vez eram abastecidos por mercadores que operavam em cidades menores comprando roupas vindas da protoindústria.¹¹⁸ Essas roupas eram tingidas e sofriam calandragem nas cidades antes de serem revendidos por esses grandes comerciantes.

O processo então era dividido nas seguintes partes: pequeno produtor protoindustrial produzia no campo, comerciantes compravam e revendiam para calandragem e tintura nas cidades e posteriormente o produto era revendido por um grande comerciante urbano que acumulava grande quantidade de capital nas mãos. As vezes o comerciante rural era o mesmo que comerciava o produto final as vezes não segundo Myers & Wang (2008) Todavia o fato é que havia acúmulo de capital no comerciante urbano como previa a teoria protoindustrial. Ainda que não fosse no mesmo patamar que na Inglaterra.¹¹⁹

Entretanto sabe-se que esse capital não foi investido na indústria no caso da China. Para Elvin (1973) o sistema de pequenos mercados rurais negociando diretamente com a protoindústria era tão eficiente que os mercadores o preferiam a imobilizar capital na produção industrial. Para Huang (1990) isso ocorreu, pois a produção centralizada proletarizada não conseguia competir com a protoindústria chinesa que conseguia produzir mesmo com baixíssimo retorno, as vezes abaixo mesmo do nível de subsistência como o caso da fiação do algodão discutido no capítulo 4. A mão de obra feminina e infantil restrita a produção protoindustrial por questões culturais abaixavam o custo dessa produção enquanto o trabalho masculino, único disponível para ser contratado, ficava relativamente mais caro. Além disso a oferta era tão grande que os salários na indústria têxtil protoindustrial que a renda real do trabalho têxtil por dia de trabalho no Delta do Yangtzé teria caído pela metade entre 1620 e 1820 segundo Allen (2009).

É bom lembrar que para KMS (1981) e Mendels (1972) a protoindústria não é

¹¹⁶ “*Their procedure was, and is, to establish government connections by looking for opportunities to become the recipients of the “rent” the government confers by disposing of its assets or by issuing authorization for certain types of activities that it regulates.*” (WOODSIDE 2008, p. 240)

¹¹⁷ “*wholesalers themselves, wealthy businessmen with much influence over the local officials.*” (ELVIN 1973, p.281).

¹¹⁸ “*These latter in their turn, were supplied by merchants operating in the smaller market towns.*” (ELVIN 1973, p. 280)

¹¹⁹ “*There were large markets for goods of mass consumption and also large concentrations of capital in merchants’ hands*” (ELVIN 1972, p.286)

caracterizada por investimento produtivo tanto por sua definição que caracteriza a protoindústria como um empreendimento com pouco capital fixo quanto por propriedades internas a esse sistema produtivo.¹²⁰ O investimento e a superação da protoindústria ocorreria quando a protoindústria estivesse no limiar da sua capacidade de atender o mercado.¹²¹ Esse limite seria alcançado pelo aumento de custos da protoindústria dado a maior dispersão produtiva que a expansão desse sistema implica e a sua incapacidade de investir. Na China a protoindústria sobrecarregava o mercado de oferta o que indicado pela queda nos salários e no preço das roupas estando assim longe do seu esgotamento como meio de oferta.

Os mercadores procuravam então usar seus recursos na compra de diplomas:

“By mid-century (1750) one could purchase a degree either in cash or in grain, at Peking or in one’s home province. (...) A significant number of the purchasers were merchants” (Rowe 2008, p. 492)

Ou na compra de terras:

“Land was bought and sold, particularly to merchants who wanted to gentrify, só much that landlords came to be called “silverlords” (FRANK 1998, p. 221)

Ou no consumo de bens de luxo como mencionado na seção 4.3

Em resumo, a protoindústria gerava acúmulo de capital, mas o seu baixo custo e as restrições no mercado de trabalho que encareciam o trabalho assalariado faziam com que não valesse para o mercador entrar no ramo produtivo. Além disso, a protoindústria era mais que suficiente para atender o mercado não havendo necessidade de novas organizações produtivas.

O argumento sobre o acúmulo de conhecimento técnico é bastante difícil de ser discutido no contexto da China Qing. Segundo Mendels (1972) e a teoria protoindustrial o trabalho na pequena indústria rural teria fornecido conhecimento técnico a trabalhadores que depois foram empregados nas indústrias centralizadas. Como não houve um processo contínuo de centralização do trabalho na China no ambiente fabril só é possível especular se esse conhecimento seria proveitoso ou não. Para Mokyr (1976) essa experiência não deve ser superestimada, pois o grande desafio das fábricas modernas era forçar o trabalhador a se acostumar com horas regulares de trabalho, controle de qualidade, disciplina e relações não

¹²⁰ Segundo a teoria protoindustrial os pequenos produtores rurais eram contra o investimento por conta de: alto custo de capital, receio de que a inovação resultasse em desemprego, resistência aos custos de patente e resistência ao aluguel de máquinas que colocassem seu trabalho mais a mercê dos desejos dos empreendedores e ausência de mentalidade capitalista. O mercador não teria interesse em investir pois: O custo do trabalho era muito barato e não valia a pena investir, não havia controle direto da produção o risco era minimizado sem capital fixo. Esse tema foi aprofundado na seção 2.2

¹²¹ Vale notar aqui um certo paralelismo com o fim das guildas segundo a teoria protoindustrial. Foi a incapacidade das guildas atender a demanda que levou a sua superação através da protoindústria e seria a incapacidade da protoindústria de atender a demanda que levou a Revolução industrial.

familiares no que a protoindústria não ajudaria. O conhecimento técnico necessário para operar os primeiros teares era muito pequeno para esse ser um impeditivo no uso da mão de obra. Assim, esse conhecimento parece fazer pouca ou nenhuma diferença para acelerar um processo de industrialização moderna.

Outro argumento da teoria protoindustrial se refere a tendência de especialização de regiões protoindustriais em manufatura enquanto outras regiões se especializariam em agricultura comercial. Isso geraria os ganhos previstos por Adam Smith (1977 [1776]) pela especialização: aprofundamento do conhecimento técnico, economia de tempo na troca de funções e facilidade na invenção de instrumentos.

Como visto o aumento produtivo no Delta do Yangtzé levou a importação de matéria-prima e especialização regional com regiões desprovidas de agricultura algodoeira produzindo artigos têxteis. Entretanto isso foi mais a exceção do que a regra e não houve uma tendência clara a essa especialização até meados do século XIX. 80% dos aldeões chineses ainda produziam o próprio algodão para tecer em 1860 segundo Huang (1990). Mesmo a chegada da industrialização vinda de fora em fins do século XIX e início do XX levou a China a se especializar somente na parte de menor valor agregado da cadeia produtiva, a fiação. Enquanto países centrais na dinâmica mundial como EUA se especializavam nas partes de maior valor agregado como a costura.

Ainda com a industrialização da fiação a protoindústria continuou sendo a forma predominante de produção de tecidos de algodão na China. Os aldeões passaram a vender o algodão para centros industriais e a comprar o fio com o qual faziam as roupas. A cadeia produtiva da indústria rural mudou, mas continuou sendo familiar e com pouco capital como havia sido antes. Houve então uma enorme resiliência da protoindústria na China.

Mendels também argumentou que em países europeus com grande quantidade de mão de obra na protoindústria o governo tenderia a reagir mais rapidamente a competição com a revolução industrial inglesa. Isso ocorreria, pois os produtos industriais ingleses causariam uma desindustrialização e desemprego nos países concorrentes incentivando o governo a tomar uma atitude. No caso da China a baixa capacidade de ação do governo chinês dados os tratados desiguais e a baixa arrecadação não permitiram margem de manobra para que a China procurasse uma rápida industrialização interna. Além disso, é muito difícil prever a reação de um governo baseado somente no seu percentual de força de trabalho centrado na protoindústria. Vários países europeus com grande quantidade de trabalhadores na protoindústria demoraram mais que países com índices baixos de trabalhadores nesse setor para reagir ao desafio inglês. Polônia e o Império Austro-húngaro por exemplo eram países com significativa participação da protoindústria mais que Bélgica ou França desde o século

XVI como apontado por Allen (2000), mas foram dos últimos a reagir a Revolução Industrial.

Vamos nos voltar agora para os argumentos apresentados por Kriedte, Medick e Schlumbohm (1981)¹²² para possíveis maneiras que a protoindústria poderia acelerar a Revolução Industrial. Como visto, esses autores acrescentaram argumentos que não haviam sido trabalhados ou aprofundados por Mendels (1972). Por exemplo, Mendels foi muito enfático na importância da "estrutura sociopolítica" para a determinação da transição para o sistema de fábrica, mas não descreveu qual seria a estrutura sociopolítica própria para essa transição. KMS especificaram que a protoindústria ajudaria a romper tradições feudais focando em três pontos:

Primeiro, a protoindústria teria ajudado a quebrar o monopólio das guildas na Europa. As guildas urbanas controlavam a quantidade, qualidade e custo dos produtos industriais comercializados na Idade Média. A produção protoindustrial usava uma mão de obra mais barata e não exercia nenhum monopólio sobre a produção entrando assim em conflito com o controle das guildas. Com a vitória da protoindústria as guildas aceleraram sua extinção e o principal foco de produção industrial para mercado passou para a região rural.

Segundo a protoindústria enfraqueceria o poder dos senhores feudais ao oferecer uma fonte de renda que estava desconectada da terra. Também não se dependia mais da herança para garantir a sobrevivência permitindo maior independência tanto dos senhores feudais quanto da comunidade de aldeões que suprimiam a emergência de um mercado de terras.

Terceiro, no regime feudal havia determinados controles de natalidade que reduziam o aumento populacional. Eles ocorriam através do controle judicial do casamento pela comunidade ou pelos lordes. Especialmente a dependência da terra para a sobrevivência era um incentivo ao controle da natalidade e a dependência de quem controlava esse recurso seja a comunidade, a família ou os lordes feudais na tomada dessa decisão. A protoindústria aliada a comercialização forneciam outro meio de sobrevivência incentivando o aumento populacional. As famílias rurais que trabalhavam na protoindústria casavam mais cedo e normalmente tinham mais filhos, pois as crianças trabalhavam desde cedo na manufatura. Como esses efeitos aqui apontados teriam afetado a sociedade chinesa?

Em relação ao primeiro ponto, não é claro o conflito entre as guildas chinesas e a protoindústria chinesa. Pelo contrário, as guildas facilitavam o transporte, a integração do trabalho e a padronização de preços e medidas facilitando o desenvolvimento da indústria artesanal segundo Rowe (2008). A competição entre protoindústria e guildas claramente não estava colocada no caso chinês, pois o rápido desenvolvimento da primeira não impediu o crescimento da segunda a nível nacional. O aumento de guildas e da protoindústria foi

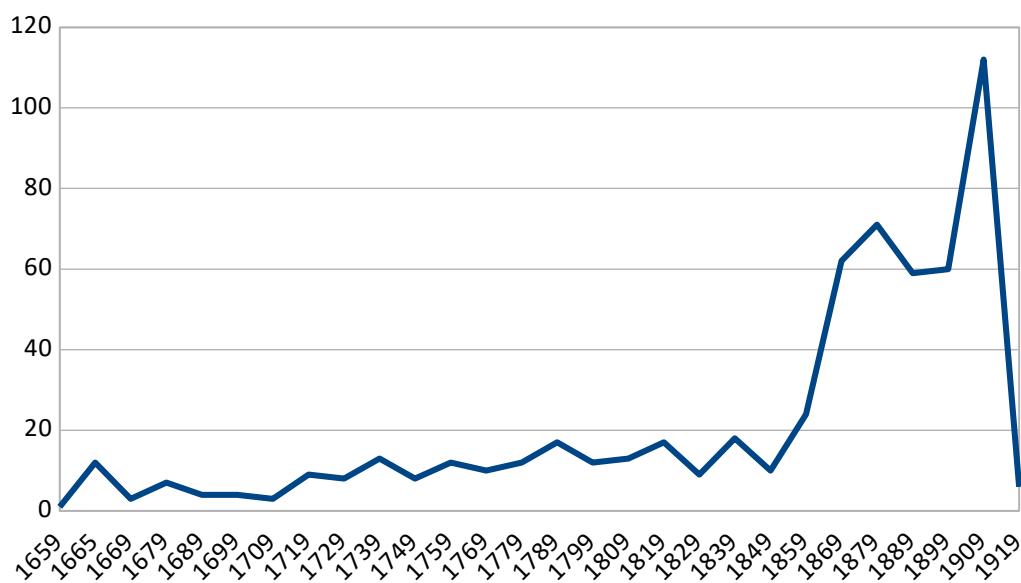
¹²² Citados aqui como KMS

concomitante no século XVIII.

Como defendido na seção 4.1, as guildas têm externalidades. As guildas chinesas facilitavam o transporte, o crédito, o acesso a mão de obra e a padronização de medidas. Por outro lado faziam códigos regulatórios sobre a profissão, especificações do processo produtivo, forma de aprendizado, padrões de qualidade e preço, ou seja, restringiam o mercado. No caso da China os benefícios superavam os malefícios por conta das distâncias, da restrição ao crédito e de acesso a mão de obra assim como falta de medidas exatas. As guildas ajudavam no processo produtivo ao contrário das guildas europeias.

Ao contrário do caso europeu em que as guildas desempenhavam importante papel no processo produtivo industrial quando começaram a ser desafiadas mais profundamente pela protoindústria, as guildas na China eram incomuns e estavam em ascensão no período Qing sendo um fenômeno típico da segunda metade do século XIX como pode ser visto no gráfico 3 abaixo.

Gráfico 3 – Número de guildas fundadas na China



Fonte: Murata (2006)

Assim não só não haviam guildas estabelecidas para serem desafiadas pela protoindústria como os dois processos produtivos não estavam em disputa no caso da China ocorrendo a expansão tanto da protoindústria quanto das guildas.

Em relação ao segundo ponto, não há indícios de que a terra perdeu importância na China. A terra de fato passou a ser mais negociada embora o mercado de terras ainda sofresse

restrições legais e culturais, mas não se pode relacionar essa modificação com o aumento da protoindústria. Segundo Broadberry, Guan e Li (2017) a indústria subiu de 4,5% do PIB para 8% do PIB de 1700 para 1820. Embora seja um aumento significativo a indústria permaneceu sendo uma atividade periférica.¹²³

Em relação ao terceiro ponto é preciso notar que o controle de natalidade na China e na Europa eram muito diferenciados. Na Europa o casamento normalmente ocorria mais tarde já na China o controle de natalidade era feito através do infanticídio e de maior esparsamento entre um filho e outro ou entre o casamento e a primeira gestação. Todavia o crescimento populacional aumentou muito no período Qing. Junto com o crescimento da população ocorre um concomitante aumento da protoindústria e os têxteis de algodão despontam como o segundo produto mais negociado depois dos grãos. É certo que a atividade têxtil alimenta ou ajuda a alimentar boa parte da população através do comércio. Como visto 45% dos aldeões estavam envolvidos com a atividade têxtil em 1860 e mais da metade da produção era voltada para o mercado.

Dado o nível de subsistência em que muitos aldeões se encontravam é certo que a atividade têxtil foi importante para sustentar esse aumento populacional que por sua vez incentivava mais a produção têxtil já que há uma queda na disponibilidade de terras. Mesmo com os programas governamentais que expandiram muito a terra cultivada e a possibilidade de cultivar novos tipos de solo com os cultivos do novo mundo como a batata doce, como discutido na seção 3.4, a disponibilidade de terras no Delta do Yangtzé caiu para aproximadamente 2,5 mus por pessoa no período Qing segundo Huang (1990)¹²⁴. Essa disponibilidade era insuficiente para alimentar as famílias que não se dedicassem a protoindústria.

Não há indícios de que a protoindústria estivesse fazendo uma quebra do paradigma socioeconômico na China e se estivesse não em algum sentido que facilitasse o desenvolvimento industrial. A China não viveu uma Idade Média como a Europa e certamente não se encontrava em uma no século XVIII. O poder estava unificado na figura do imperador e não em diversos lordes feudais. Não ocorre uma alternância na fonte de poder econômico da terra para a indústria ou uma perda de poder das guildas para protoindústria como a teoria protoindustrial sugere. Somente o aumento populacional parece ter sido permitido pela maior integração comercial que a manufatura rural disponibilizou na China. Assim o conflito feudalismo x modernidade não foi alimentado na China por conta da protoindústria e mesmo uma ideia mais geral como modelo tradicional x modernidade não foi suscitado pelo

¹²³ Outro indicativo sobre esse aspecto é de Pomeranz (2011) que coloca que a renda dos aldeões que viviam da terra eram duas a três vezes maiores do que a renda dos aldeões que vivia de salários.

¹²⁴ Allen (2009) argumenta que a disponibilidade de terras era de 9 mus por família no Delta do Yangtzé em 1850 também argumentando que houve uma grande queda na disponibilidade de terras.

desenvolvimento da indústria rural.

Um último fator rapidamente discutido em KMS está relacionado a demanda que a protoindústria inglesa veio atender. Como a produção industrial na Inglaterra estava concentrada nos centros urbanos controlados por guildas havia uma restrição pelo lado da oferta ao aumento de demanda vinda das diversas colônias e da própria Inglaterra. Sem a protoindústria a Inglaterra não teria conseguido atender essa demanda tanto por conta das guildas como pela baixa disponibilidade de mão de obra nos centros urbanos. Caso a protoindústria não tivesse se desenvolvido é possível que as colônias viessem a desenvolver produção industrial própria mais cedo impedindo a formação da divisão internacional do trabalho como a conhecemos com o centro econômico fornecendo manufaturas e a periferia fornecendo matéria prima.

Uma importante fonte de demanda da Inglaterra eram as colônias, não só as colônias inglesas, mas também as colônias espanholas que foram abastecidas de produtos têxteis pela protoindústria inglesa. A China teve uma grande expansão territorial durante o governo Qing, o território mais que dobrou em relação ao ápice Ming, mas os territórios conquistados não forneceram aumento de demanda ou novos produtos como no caso inglês. O principal objetivo da expansão territorial chinesa era controlar os povos nômades que já haviam invadido a China em vários episódios históricos como os mongóis e os próprios manchus. Esses territórios eram pouco férteis, de baixa densidade populacional e não forneciam produtos novos a serem explorados. Assim a expansão chinesa não gerava mercados como a expansão inglesa na forma colonial ou imperialista.

Embora o revisionismo da Escola da Califórnia tenha apontado para a existência de um anteriormente pouco considerado comércio internacional chinês ele permanecia muito restrito. Por exemplo, Deng (2008) estima o comércio externo chinês entre 1820 e 1830 em 9,8 ou 9,9 milhões de taéis por ano. Sugihara, numa visão muito mais otimista, calcula somente o comércio chinês intra-asiático em 24,55 milhões de libras e o comércio com o Ocidente em mais 18,7 milhões de libras. Usando a transformação proposta por Vries (2015) isso totalizaria 43,25 milhões de libras ou 129,75 milhões de taéis. As discordâncias nos números estimados é bastante surpreendente sendo que ambos os autores querem enfatizar a importância do comércio chinês. Todavia, o comércio da Grã-Bretanha no mesmo período totalizava 125 milhões de libras para um país cuja população era de 25 milhões de habitantes, ou seja, menos de um décimo da população chinesa que era de aproximadamente 300 milhões em 1800 para um comércio três vezes maior na melhor das expectativas. O comércio internacional chinês chega assim no máximo a 2% do seu PIB não podendo ser uma fonte de demanda para sua indústria têxtil. Além disso, como já mencionado, o principal produto

exportado passa a ser o chá e não têxteis.

Resumindo, a teoria protoindustrial previu seis maneiras pelas quais a protoindústria teria contribuído para a industrialização europeia: (I) Acúmulo de conhecimento comercial e empreendedor por parte dos mercadores. (II) Acúmulo de capital por parte dos mercadores. (III) Acúmulo de conhecimento técnico produtivo por parte dos pequenos produtores. (IV) Especialização regional manufatureira de um lado e comercial agrícola de outro. (V) Enfraquecimento de relações feudais e (VI) flexibilização da oferta de maneira que os mercados mundiais pudessem se integrar.

Ao avaliar esses efeitos sobre a economia chinesa conclui-se que nem todos esses efeitos estavam em operação. Em relação ao (I) acúmulo de conhecimento comercial e empreendedor: viu-se que novas maneiras de comerciar e integrar o comércio estavam sendo desenvolvidos na China por conta da protoindústria indicando que esse efeito estava em operação. Embora não tenha se desenvolvido companhias de responsabilidade limitada como na Europa houve desenvolvimento sociedades, linhagens familiares corporativas, guildas, sociedades que se ligavam pelo lugar de nascença assim como organizações religiosas e filantrópicas.

Em relação ao (II) acúmulo de capital por parte dos mercadores também há relatos que confirmam que ele estava ocorrendo sendo que o principal mercado era o interno. Entretanto esse capital não foi investido na produção por não poder competir com a protoindústria já que essa última tinha um custo muito baixo de mão de obra. Como mencionado a protoindústria estava inundando o mercado de oferta a ponto de haver uma forte queda no preço durante o período Qing. A protoindústria estava assim longe do esgotamento.

Em relação ao (III) Acúmulo de conhecimento técnico produtivo por parte dos pequenos produtores, se apoiou a tese de Mokyr (1976) para quem esse conhecimento teria pouca utilidade na Revolução Industrial. Pois o conhecimento técnico necessário para operar os primeiros teares era muito pequeno para esse ser um impeditivo no uso da mão de obra e o grande desafio das fábricas modernas era forçar o trabalhador a se acostumar com horas regulares de trabalho, controle de qualidade, disciplina e relações não familiares no que a protoindústria não ajudaria.

Em relação a (IV) Especialização regional manufatureira de um lado e comercial agrícola de outro, concluiu-se que ela ocorreu, especialmente no Vale do Yangtzé que passou a importar algodão de outras partes da China. Entretanto a maioria da produção protoindustrial, 80%, permaneceu autônoma produzindo o próprio algodão para tecer e não o adquirindo através do mercado.

Em relação a (V) Enfraquecimento de relações feudais, não se encontrou indício de que tradições feudais estivessem sendo rompidas na China. Em parte essa é uma pergunta despropositada uma vez que nunca teve um feudalismo propriamente dito na China. Ainda assim se discutiu se o enfraquecimento de instituições parecidas com as feudais estariam acontecendo na China. Isto é, se as guildas estariam acabando, se a terra perderia importância e o crescimento populacional seria incentivado. Em relação as guildas foi demonstrado que elas estavam em expansão na China concomitantemente com a protoindústria não havendo conflito entre as duas. Em relação a terra não há indícios de que ela perderia a importância. O crescimento populacional era um fato e ele pode ter sido apoiado assim como ter apoiado a expansão da protoindústria como discutido na seção 2.4. Entretanto essa expansão da protoindústria não dava sinais de esgotamento como seria necessário para o desenvolvimento da indústria moderna segundo a teoria protoindustrial.

Em relação a (VI) flexibilização da oferta de maneira que os mercados mundiais pudessem se integrar, o mercado chinês tinha baixa integração internacional e não era focada na protoindústria, mas em outros produtos alheios a ela. A expansão chinesa não garantia mercados ou novos produtos como a expansão europeia e tinha outras preocupações como discutido na seção 3.5.

Assim, embora a protoindústria e o comércio estivessem em expansão não havia sinais claros de uma industrialização iminente da China ou mesmo no médio prazo. Na próxima seção a Escola da Califórnia será colocada em perspectiva dado o que foi apontado até aqui.

5.3 A Escola da Califórnia em Perspectiva

Como descrito no capítulo 1 a Escola da Califórnia faz um forte revisionismo histórico colocando que outras partes do mundo estavam muito mais avançadas do que a historiografia tradicional apontava. Nessa tese foi estudado o caso da China e a protoindústria foi o fio condutor para reavaliar o desenvolvimento chinês se focando no Baixo Yangtzé e regiões próximas (Delta Yangtzé e Jiangnan) que eram as mais desenvolvidas da China e as mais estudadas. Ao contrário do que a Escola da Califórnia vinha apontando essa tese defendeu que a despeito de avanços institucionais e aumento comercial na era Qing a economia chinesa se encontrava em declínio. Essa conclusão se baseia na queda do preço dos produtos têxteis, na baixa integração internacional da China, no baixo salário e no incipiente desenvolvimento de estruturas modernas de produção com mão de obra assalariada. As

transformações que a protoindústria catalisava eram insuficientes para uma verdadeira transformação da sociedade chinesa no curto ou médio prazo rumo a um nível mais alto de renda per capita. Isso ocorre mesmo sem considerar o imperialismo violento que a China sofreria no século XIX que agravaria mais a situação.

Essa tese concorda então com a réplica que tem sido apresentada por vários autores como Broadberry, Guan e Li (2017) e Allen (2009). Esses autores têm reconhecido que a China era um país extremamente avançado. Por exemplo, Allen (2009) enfatiza a altíssima produtividade agrícola do Vale do Yangtzé, mais alta do que a inglesa no século XVII e Broadberry, Guan e Li (2017) enfatizam que no século X a China era a nação mais avançada do mundo e que até 1700 o Delta do Yangtzé poderia ser comparável aos países mais avançados da Europa!¹²⁵ Entretanto todos apontam que no século XVIII a China entrou em decadência enquanto as partes mais desenvolvidas da Europa experimentaram um alto aumento de renda per capita.

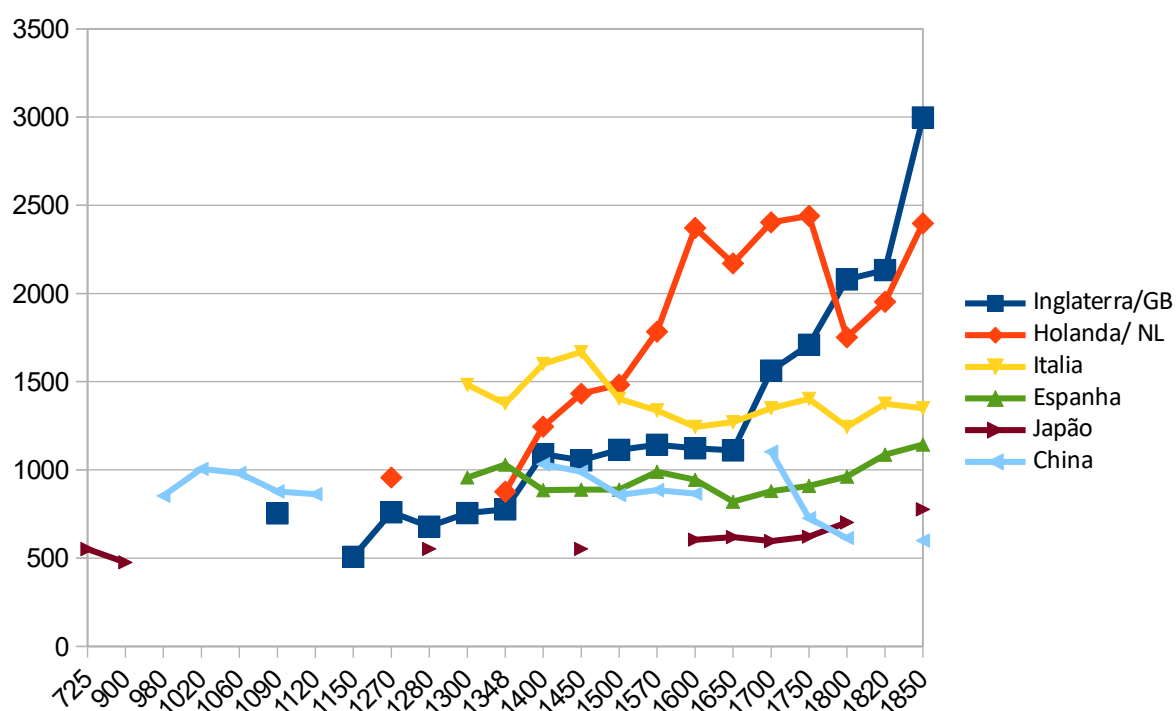
Os famosos dados de Maddison¹²⁶ usados para fazer vários estudos colocavam a China como já bem atrasada em relação a Europa em 1500 e assim permanecendo. Esses dados foram duramente criticados por serem extrapolações dos dados de 1990 contendo vários erros, entre eles considerar os preços relativos de 1990 para todos os períodos. Entretanto, adeptos da Escola da Califórnia como Pomeranz (2000) e Wong (2011) não se arriscaram a fazer nenhuma estimativa de renda baseando muitas vezes suas defesas do desenvolvimento chinês em relatos ou dados indiretos como consumo de calorias ou expectativa de vida em determinadas regiões. Uma maneira compreensível de se argumentar uma vez que é bastante difícil conseguir dados sobre o período.

Já os críticos a Escola da Califórnia têm feito tentativas sistemáticas de mensurar dados para o período e têm apontado que a China estava estagnada em um padrão relativamente alto de renda per capita até por volta do século XVIII. Deng (2003) já havia apontado esse fato que ele atribui a uma rigidez da sociedade agrária colocada pelos próprios aldeões que tinham interesse em manter um equilíbrio de alta renda. Abaixo temos o gráfico do PIB per capita da China em relação a alguns países da Europa estimados por Broadberry, Guan e Li (2017).

¹²⁵ Numa visão bem otimista para a China.

¹²⁶ Ver por exemplo Maddison (2001)

Gráfico 4 – PIB per capita diversos países



Fonte: Broadberry, Guan e Li (2017)

Embora a estimativa seja bem mais alta do que a inicialmente proposta por Maddison a China já teria sido ultrapassada pelas partes mais desenvolvidas da Europa no início do século XIV. Outra discordância do novo revisionismo em relação a alguns autores da Escola da Califórnia como Hobson (2004) é que haveria uma decadência da sociedade chinesa ainda no século XVIII, ou seja, antes da guerra do ópio. Essa decadência está relacionada ao imenso aumento da população chinesa no período sem que houvesse um aumento de produtividade concomitante que o compensasse, o que é característico de uma sociedade malthusiana.

Essa queda vai contra Pomeranz (2000) que vê um pequeno aumento de renda per capita na China no século XVIII. Entretanto Pomeranz (2011) reconhece que os novos trabalhos que reavaliam para baixo a renda chinesa no século XVIII foram mais rigorosos do que sua estimativa anterior e admite que a China estaria atrás da Europa e em queda em 1750 ou antes.

A pesquisa dessa tese indicou um aumento de produtividade por terra, um aumento das horas trabalhadas mas com queda da produtividade por hora trabalhada no Delta. Três fatores ainda pesam para a queda da renda no século XVIII. Uma grande taxa de desemprego durante o governo Qialong que segundo observadores citados por Woodside (2008) chegava a 60% em algumas regiões rurais e 30% em ambientes urbanos. Embora o dado pareça

exagerado se colocado em comparação com outros relatos do período como descritos em Elvin (1973), o desemprego era um problema na China Qing. Outro fato importante citado por Vries (2015), Allen (2009), Huang (1990) e outros foi a redução das propriedades rurais especialmente no Vale do Yangtzé que reduziram a renda agrícola da população. Segundo Allen (2009) a quantidade de terra por família caiu de 15 mus para 9 mus entre 1620 e 1850 enquanto a produtividade teria aumentado de 1,7 shi para 2,5 shi. O que resulta numa queda da produção de 25,5 shi por família para 22,5 shi. Allen enfatiza ainda que os custos de insumos aumentaram de praticamente zero, pois os aldeões inicialmente usavam fertilizante produzido localmente, para 0,35 shi por mu, pois passaram a usar fertilizante a base de soja que era importando de outras regiões da China. Assim a renda líquida ainda menor por família, em torno de 19,35 shi no Vale do Yangtzé. Finalmente a queda do valor dos produtos têxteis reduziu significativamente a renda do trabalho protoindustrial ainda que não absolutamente. Segundo Allen houve uma queda de 49% da renda por dia de trabalho no setor têxtil entre 1620 e 1850.

Assim, embora tenha havido significativa aumento da comercialização, do PIB, do território e da população a China Qing estava em crise que é verificada em uma queda da renda per capita. Essa crise culminou em várias Revoltas populares da qual a Rebelião de Taiping foi a mais conhecida, a guerra mais sangrenta do século XIX com 20 a 70 milhões de mortos.¹²⁷ Embora a revolta Taiping tivesse um certo embasamento cultural ocidental como referência, um dos líderes da Rebelião se dizia irmão de Jesus Cristo, a verdadeira causa da rebelião foi o empobrecimento da população. Deng (2003) aponta que se não fosse a intervenção Ocidental o governo Qing teria sido derrubado nessa revolta popular como várias dinastias anteriores em momento de crise.

Da fato, até mesmo na China a Escola da Califórnia tem estado sob ataque como mostra Wang (2011). O autor constatou que embora a visão da Escola da Califórnia e sua contestação tenha sido bem recebida na China há uma impressão geral de que a Escola da Califórnia exagerou na sua revisão positivado nível de desenvolvimento econômico no período Ming-Qing. Até mesmo a tradutora da famosa obra de Pomeranz (2000), Shi Jianyu, considera que Pomeranz exagerou nos dados sobre qualidade de vida dos trabalhadores chineses, na produtividade do trabalho e na produtividade do algodão.

Assim, ainda que a Escola da Califórnia tenha chamado atenção para aspectos importantes da sociedade chinesa como maior comercialização e qualidade de vida que a historiografia tradicional havia apontado até então, a sociedade chinesa se encontrava em crise

¹²⁷ Por ironia da história Taiping significa paz em chinês. O movimento dos revoltosos eram conhecidos como o “Reino da paz Celeste” ou “Reino celeste de Taiping” o que levou os ocidentais a batizarem os revoltosos de taipings, embora nem eles mesmos nem os Qing os chamassem por esse nome.

no fim do século XVIII. A renda per capita estava em queda e o crescimento populacional era insustentável ainda que transformações importantes no período Qing tenham ajudado manter um patamar populacional bem mais alto que anteriormente com a expansão da terra cultivável, a incorporação de novos cultivos, o aumento do uso de fertilizantes, o aumento da comercialização e a expansão da protoindústria.

CONCLUSÃO

Essa tese teve por objetivo avaliar a possibilidade de industrialização moderna da China tendo em vista as afirmações da Escola da Califórnia e focando-se na protoindústria da China Qing nos séculos XVII e XVIII e nas regiões mais desenvolvidas da China em torno do Baixo Yangtzé. A teoria protoindustrial enfoca a importância da protoindústria para uma industrialização moderna posterior. O crescimento da atividade protoindustrial na China, especialmente no período e na região citada, pareciam bons indicativos de que uma modernização estava em curso.

O que foi constatado é que embora a China estivesse em crescimento comercial, de renda, de produtividade agrícola, de território e população no período Qing e tenham havido um nível de mudança institucional com o estabelecimento da nova dinastia retratada pelo aumento de comercialização da terra, o surgimento de novos contratos sobre a terra, aumento do trabalho assalariado, aumento da cobrança na forma monetária, redução das restrições a movimentação da força de trabalho, florescimento de novas instituições de crédito e comerciais, como as guildas, o país se encontrava em crise e não em vias de uma industrialização moderna.

A crise já estava estabelecida no século XVIII caracterizada por uma queda da terra per capita, da renda do trabalho e da renda per capita. O estopim da crise foi um grande aumento populacional não compensado por um aumento de produtividade. No fim do século XVIII começam a surgir grandes rebeliões chamadas inicialmente de Rebelião da Lotus Branca. A principal causa das rebeliões foi o empobrecimento da população e a incapacidade do governo de oferecer alívio a despeito de um aumento do sistema público de silos durante o governo Qing.

O desenvolvimento da protoindústria na China teve consequências diversas do previsto pela teoria protoindustrial. Houve acúmulo de conhecimento comercial e empreendedor entendido como o desenvolvimento das redes comerciais e novas instituições de mercado. Houve acúmulo de capital na mão dos mercadores, mas sem posterior investimento na atividade produtiva. Essa ausência de investimento esteve relacionado ao baixo custo do trabalho na China. Houve especialização regional em manufatura e agricultura, mas de modo geral a produção continuou autônoma já que 80% dos aldeões produziam o próprio algodão. Não houve enfraquecimento de relações feudais, uma vez que elas inexistiam na China. Não houve uma quebra de monopólio das guildas como na Europa, pois essas ainda não estavam no seu ápice na China e nem perda de importância da terra na economia.

Como os próprios teóricos da protoindústria defenderam, ela por si só é insuficiente para desencadear uma Revolução Industrial. Somente a superação da protoindústria como forma produtiva poderia levar a uma nova organização da produção. Entretanto, no caso da China a protoindústria era mais que suficiente para atender o mercado criando uma superoferta de produtos têxteis o que resultou na queda dos preços. No caso da Europa a centralização produtiva e o investimento em capital fixo foram importantes para poder aumentar a oferta e a produtividade atendendo o mercado interno e o mercado colonial em expansão. No caso da China há uma baixa demanda interna devido ao baixo salário e a incapacidade do governo de gerar demanda uma vez que a arrecadação é baixa e o governo chinês não dispõe de dívida pública. Também há uma baixa demanda externa devido a relativamente pequena integração comercial chinesa resultado em parte das proibições e restrições ao comércio marítimo. Assim a protoindústria chinesa era mais que suficiente para atender o mercado chinês.

A hipótese da Escola da Califórnia de que a China se industrializaria não se confirma pela análise da protoindústria na China. Em relação a protoindústria, um aspecto pouco tratado dentro na Escola da Califórnia, a hipótese mais geral de pequena diferença entre China e Europa Ocidental no período Qing não se confirma. A China já se encontrava em crise no século XVIII o que seria agravado pela intervenção estrangeira. Se não fosse a intervenção externa a vasta literatura sugere que as grandes rebeliões internas do fim do século XVIII e especialmente do século XIX teriam derrubado a dinastia Qing como em outros momentos históricos da China.

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

ACEMOGLU, Daron; ROBINSON, James. **Por Que As Nações Fracassam**. São Paulo: Campus 2012.

ALLEN, R. C. Economic Structure And Agricultural Productivity In Europe, 1300-1800. **European Review of Economic History**, vol 3, pp. 1-25, 2000

_____. Agricultural productivity and rural incomes in England and the Yangtze Delta, c. 1620-c.1820. *The Economic History Review*, Vol 62, No 3, pp. 525-550, 2009.

BAECHLER, J.; HALL John A.; MANN, Michael. *Europe and the Rise of Capitalism*. Oxford, Blackwell, 1988.

BERNHARDT, Kathryn. **Peasants and the State: The evolution of Tenant Rent Resistance in the Jiangnan Region, 1864-1937**. Paper apresentado no encontro anual da American Historical Association, Nova York, 1986.

BLAUT, James. *The Colonizer's Model of the World: Geographical diffusionism and Eurocentric History*. Londres, Guilford Press, 1993.

BRAUDEL, Fernand. **The Structures of Everyday Life: The Limits of the Possible**. Tradução: Sian Reynolds. Nova York, Harper and Row, 1981

_____. **A History of Civilizations**. Nova York, Penguin Books, 1995.

_____. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII. Os jogos das trocas**. São Paulo, Martinsfontes, 1996.

_____. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII. O tempo do Mundo**. São Paulo, Martinsfontes, 2009.

BROADBERRY, Stephen; GUAN, Hanhui; LI, David Daokui. China, Europe and the great divergence: A study in Historical National Accounting, 980-1850. **Discussion Papers in Economic and Social History**, n. 155, abril 2017.

CAMERON, Rondo. A New View Of European Industrialization. **The Economic History Review**, Vol 37, N 1, fevereiro, 1985.

CAMPBELL, Cameron; LEE, James. **Fate and Fortune in Rural China: Social Organization and Population Behavior in Liaoning, 1774–1873**. Cambridge: Cambridge University Press.1997.

BUCK, John Lossing. **Land Utilization in China: Statistics**. Xangai, University of Nanking, 1937.

- CERQUEIRA, Hugo E. A. da Gama. **Trabalho e troca: Adam Smith e o surgimento do discurso econômico**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2000
- CHAPMAN, Stanley D. Fixed Capital Formation in the British Cotton Industry, 1770-1815. **The Economic History Review**. v. 23, n.2, p. 235-253, ago. 1970.
- CHAYANOV, A. V. **The theory of peasant economy**. Illinois, The American Economic Association, 1966 [1925].
- CLARK, Gregory; HUBERMAN, Michael; LINDERT, Peter H. A British Food Puzzle, 1770-1850 **The Economic History Review** New Series, Vol. 48, No. 2 pp. 215-237, Maio, 1995.
- CLARKSON, L. A.. **Proto-industrialization: The first phase of industrialization?** Studies in Economic And Social History Londres, Macmillan Publishers Ltd, 1985.
- COLEMAN, D. C. Proto-Industrialization: A concept too many. **Economic History Review**, v.36, p. 435–48, 1983.
- CRANMER-BYNG, J. L. (ed.), **An Embassy to China**. Being the Journal Kept by Lord Macartney during his Embassy to the Emperor Ch'ien-lung 1793-1794. Londres, 1962.
- CROSBY, Alfred. **The measure of Reality: Qualification and Western Society 1250-1600**. Cambridge, Cambridge University Press, 1997.
- CROSSLEY, Pamela Kyle. The Conquest Elite of the Ch'ing Empire. In PETERSON, Willard J. **The Cambridge History of Ch'ing Volume 9** Part One: The Ch'ing Empire to 1800. Cambridge University Press, 2008.
- DAI, Liang; DERUDDER, Ben; LIU, Xingjian, YE, Lei; DUAN, Xuejun. **Simulating infrastructure networks in the Yangtze River Delta (China) using generative urban network models**. 2016. Consultado dia 25/01/2017 em: <http://journals.openedition.org/belgeo/17087>
- DAI Yanhui. **History of Chinese legal institutions**. Taipei, 1966.
- DENG, Kent G.. A critical survey of recent research in Chinese economic history. In **economic history review**, n. 53 (1), pp. 1-28 2000.
- _____.Development and Its Deadlock in Imperial China, 221 b.c.–1840 a.d. in **Economic Development and Cultural Change**, The University of Chicago, 2003.
- _____. Miracle Or Mirage? Foreign Silver, China's Economy And Globalization From The Sixteenth To The Nineteenth Centuries. **Pacific Economic Review**, Vol 13, N 3, pp. 320-358, 2008.
- DENNERLINE, Jerry. The Shun-chih Reign. In PETERSON, Willard J.. **The Cambridge**

History of Ch'ing Volume 9 Part One: The Ch'ing Empire to 1800. Cambridge University Press, 2008.

DE VRIES, Jan. The Role of the rural sector in the development of dutch economy 1500-1700. **The journal of economic history**. Vol 31, N 1, pp. 266-268, 1971

_____. The Industrial Revolution and the Industrious Revolution. **The Journal of Economic History**, Vol. 54, No. 2, pp. 249-270, Junho, 1994.

DIAMOND, Jared M.. **Armas Germes e Aço**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.

_____. Peeling the Chinese onion. In **Nature**, vol 391, pp. 433-434, janeiro, 1998.

_____. **O Mundo até ontem**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

DOBB, M. **Studies in the Development of Capitalism**, London, 1946.

DUCHESNE, Ricardo. Asia First? **The Journal of the Historical Society**, Vol 6, No 1, Março, 2006.

DUSTAN, Helen. **State or Merchant?** Political Economy and Political Process in 1740s China. Londres, Harvard University Asia Center, 2006.

ELLEMAN, Bruce A. **Modern Chinese Warfare, 1795-1989**. Routledge, 2001.

ELMAN, Benjamin. Civil service examination. In **Berkshire Encyclopedia of China**. Great Barrington, Berkshire, pp.405-410, 2009.

ELVIN, Mark. **The Pattern of the Chinese Past**. Stanford University Press, 1973.

FANG Xing. **On the social division in cotton spinning and weaving during first half of the Qing period**. 1987.

FENG, Wang; LEE, James. Malthusian Models and Chinese Realities: The Chinese Demographic System 1700-2000. **Population and Development Review**, Vol. 25, No. 1, pp. 33-65, Março, 1999.

FLYNN, Dennis O.. **World Silver and Monetary History in the 16th and 17th centuries**. Aldershot, 1996.

FLYNN, Dennis O.; GIRALDEZ, Arturo. "Born with a silver spoon: The origin of the world trade in 1571." *Journal of world history* Vol 6., pp. 429-448, 1995a.

_____. "Arbitrage, China, and World Trade in Early Modern Period." *Journal of the Socio Economic History of the Orient* Vol. 38, pp. 429-448, 1995b.

FRANK, Andre Gunder. **Reorient: Global Economy in the Asian Age**. Los Angeles, University of California Press, 1998.

- FUKUYAMA, Francis. **As Origens da Ordem Política**. Rio de Janeiro, Rocco, 2011.
- GEERTZ, Clifford. **Agricultural Involution**. The Process of Ecological Change in Indonesia. Berkeley, University of California Press, 1969.
- GERNET, Jacques. **A History of Chinese Civilization**. Cambridge University Press, 1996.
- GOLDSTONE, Jack A. The Rise of The West-Or Not? A Revision to Socio-Economic History. *Sociological Theory*, Vol 18, No 2, pp. 175-194, Julho, 2000
- _____. Efflorescence and Economic Growth in World History: Rethinking the “Rise of the West” and the Industrial Revolution. **Journal Of World History**, Vol. 13, N 2, pp. 323-389, 2002
- GOODY, Jack. **The East in the West**. Cambridge, Cambridge University Press, 1996.
- GULLICKSON, Gay L.; Agriculture and Cottage Industry: Redefining the Causes of Proto-Industrialization. *The Journal of Economic History*, v 43, n. 4, p.831-850, 1983.
- HAJNAL, John. 1965. European Marriage Patterns in Perspective. In Glass, D. V.; Eversley , D. E. C. **Population in History**. Chicago: Aldine Publishing, 1965.
- _____. Two Kinds of Pre-industrial household Formation System. **Population and Development Review**, Vol. 8, pp. 449-494, 1982.
- HICKS, John. **Uma teoria de história econômica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972. (1969)
- HOBBSAWM, Eric J. (1977) **A Era das Revoluções**. São Paulo, Paz e Terra, 2014.
- _____. The Crisis of the Seventeenth Century in ASTON, Trevor. **Crisis in Europe 1550-1660**. 1965.
- HOBSON, John M. **The Eastern Origins of Western Civilisation**. Cambridge, 2004.
- HOUSTON, Rab; SNELL, D. D. M. Proto-Industrialization? Cottage Industry, Social Change, and Industrial Revolution. **The Historical Journal**, v. 27, n. 2, p. 473-492, jun. 1984.
- HUANG, Philip C. C. **The Peasant Economy and Social change in North China**. Stanford, Stanford University Press, 1985.
- _____. **The Peasant Family and Rural Development in Yangzi Delta, 1350-1988**. Stanford University Press, 1990.
- HUANG, Ray. **Taxation and Governmental Finance in the Sixteenth-Century Ming China**. Cambridge, Cambridge University Press, 1974.
- JAMIENSON, George. *Encyclopedia Britannica*, 11 ed., Yangtze-Kiang, Cambridge

University Press, 1911. Acessado no dia 05/01/2017 em:

<https://web.archive.org/web/20130530024053/http://www.1911encyclopedia.org/Yangtze-Kiang>

JEANNIN, Pierre. La protoindustrialization: développement ou impasse? In: **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**. 35^e année, N. 1, pp. 52-65, 1980.

JERKINS, Brian Michael. **Why the vietnamesew will keep fighting**, 1972. Consultado no dia 20/12/2017 em: <https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/papers/2008/P4395-1.pdf>

JONES, Eric L. The agricultural origins of industry. **Past and Present**, n.40, p. 58-71, 1968.

_____. Agricultural Origins In **Agriculture and the Industrial Revolution**, pp. 129-38, 1974.

_____. **The European Miracle**. Cambridge, Cambridge University Press, 2003.

JONES, Richard; McEVEDY, Colin. **Atlas of World Population History**. Middlesex, Penguin Books, 1978.

KISSINGER, Henry. **Ordem Mundial**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2014.

KRIEDT, P; MEDICK, H.; SCHLUMBOHM, J. **Industrialization before industrialization**. Cambridge, 1981.

LANDES, David S. **The Unbound Prometheus**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

_____. Why are We So Rich and They So Poor? **The American Economic Review**, Vol. 80, No. 2, Papers and Proceedings of the Hundred and Second Annual Meeting of the American Economic Association, pp 1-13, Maio, 1990

_____. **The Wealth and Poverty of Nations: Why Some are Rich and Some So Poor**. Nova York, W. W. Norton, 1998.

_____. Why Europe and the West? Why Not China? **Journal of Economic Perspectives**, Vol. 20, N 2, pp. 3-22, 2006.

LAVELY, William; WONG, R. Bin. Revising the Malthusian Narrative: The Comparative Study of Population Dynamics in Late Imperial China. **Journal of Asian Studies** Vol 57, N 3, PP.714-748, Agosto, 1998.

LENIN, Vladimir Ilitch. **Obras escolhidas**. Lisboa, Edição Progresso, 1984 [1916].

Consultado no dia 28/12/2017 em:

<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/imperialismo/index.htm>

LEVINE, David. **Family Formation In An Age Of Nascent Capitalism**. Academic Press,

1977.

LI, Bozhong. **Agricultural Development in Jiangnan, 1620-1850**. Springer, 1998.

LI, Gertraude Roth. State Building before 1644 In PETERSON, Willard J.. **The Cambridge History of Ch'ing Volume 9 Part One: The Ch'ing Empire to 1800**. Cambridge University Press, 2008.

NORTH, Douglass C; THOMAS, Robert Paul. **The Rise of the Western World: A New Economic History**. Cambridge, Cambridge University Press, 1973.

MA, Debin. Law, Commerce And Knowledge In 18-20th Century China: An Institutional Perspective On The "Great Divergence". **Australia Economic History Review**, Vol. 44, Issue 3, Novembro, 2004.

MACARTNEY, George. **Voyage en Chine et Tataine**. Trad. J. B. Breton. Paris, 1804.

MADDISON, Angus. **The World Economy**. A Millennial Perspective. OECD, 2001.

MALTHUS, Thomas. **An Essay on the Principle of population**. Londres, 1998 [1798]. Consultado dia 03/01/2018 em: <http://www.esp.org/books/malthus/population/malthus.pdf>

MANN, Susan. Women, Families and Gender Relations. In PETERSON, Willard J.. **The Cambridge History of Ch'ing Volume 9 Part One: The Ch'ing Empire to 1800**. Cambridge University Press, 2008.

MARX, Karl. **A Revolução na China e na Europa**. Nova York, 1853. Consultado em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1853/07/14.htm>

_____. **O Capital**. Crítica da economia Política. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/marx/works/download/pdf/Capital-Volume-I.pdf> 1887.

MARKS, Robert, B.. **Tiger, rice, silk and silt: Environmet and economy in late imperial south China**. Cambridge, Cambridge University press, 1998.

MENDELS, Franklin F.. The First Phase Of The Industrialization Process. **The Journal of Economic History**, Vol. 32, No. 1, pp. 241-261, Março, 1972.

_____. Agriculture and Peasant Industry in Eighteenth-Century Flanders," In WILLIAM, N. Parker; JONES, Eric L. **European Peasants and Their Markets**. Princeton, 1975.

MEDICK, H. 'The Proto-industrial Family Economy: The Structural Function of Household and Family during the Transition from Peasant to Industrial Capitalism', **Social History**, I, 1976.

MILLWARD, James A. **Beyond the Pass. Economy, Ethnicity and Empire in Qing Central Asia, 1759-1864**. Stanford, 1998.

MOKYR, Joel. Growing-up and the industrial revolution in Europe. In **Explorations in Economic History** 13, pp. 371-396, 1976.

_____. **The Lever of Riches: Technological Creativity and Economic Progress.** Oxford, Oxford University Press, 1990.

MOKYR, Joel; VOTH; Hans-Joachim. Understanding growth in Europe, 1700–1870: theory and evidence In: BROADBERRY, Stephan; O’ROURKE, Kevin H. **The Cambridge Economic History of Modern Europe Volume 1. 1700-1870.** Cambridge University Press, 2010

MYERS, Ramon H.; WANG, Yeh-chien. **The Cambridge History of Ch’ing Volume 9 Part One: The Ch’ing Empire to 1800.** Cambridge University Press, 2008.

MURATA, Christine Moll. **Chinese Guilds in the Qing Dynasty (1644-1911).** An Overview. Utrecht, Utrecht University, 2006.

NEEDHAM, Joseph. **Within The Four Seas - the dialogue of east and west.** Londres, George Allen & Unwin LTD, 1969a.

_____. **The Grand Tritation: Science and society in east and west.** Londres, 1969b.

PAN, Min-te. **Study of pawnshops in modern China.** Taipei: 1985.

PERDUE, Peter C. **China Marches West. The Qing conquest of central Eurasia.** Cambridge, MA, 2005.

PERKINS, Dwight H. **Agricultural Development in China 1368-1968.** Chicago, Aldine, 1969.

PETERSON, Willard J.. **The Cambridge History of Ch’ing Volume 9 Part One: The Ch’ing Empire to 1800.** Cambridge University Press, 2008.

POLANYI, Karl; ARENSBERGm Conrad M.; PEARSON, Harry W. **Trade and Market in the Early Empires: Economies in History and Theory.** Glencoe, Free Press, 1957.

POMERANZ, Kenneth. **The Great Divergence China, Europe , And The Making Of The Modern World Economy.** New Jersey: Princenton University Press, 2000.

_____. Ten Years After: Responses and Reconsiderations. **Historically Speaking**, Vol. 12, N.4, pp. 20-25, setembro, 2011.

ROWE, William T.. Social Stability and Social Change. In PETERSON, Willard J.. **The Cambridge History of Ch’ing Volume 9 Part One: The Ch’ing Empire to 1800.** Cambridge University Press, 2008.

ROSENTHAL, Jean-Laurent; WONG, R. Bin. **Before and Beyond Divergence – The**

- Politics of Economic Change in China and Europe. Harvard University Press, 2011.
- SCOTT, James C.. **Ideology and Organization in Communist China**. Berkeley, University of California Press, 1968.
- SAKUMA Shigeo. **The Business Tax and Financial Administration in the Ming Period**. Shigaku zasshi, 1956.
- SHINOYA, YUICHI. **The Soul of the German Historical School: Methodological Essays on Scmoller, Weber and Schumpeter**. Springer Science & Business Media, 2005.
- SHULTZ, Theodore W.. **Transforming Traditional Agriculture**. New Haven, Yale University Press, 1964.
- SKINNER, G. William. **The city in Late imperial China**. Taipei, SMC PUBLISHING INC., 1977.
- SMITH, Adam. **An Inquiry into the Nature and Causes of The Wealth of Nations**. University of Chicago Press, 1977 [1776].
- SMITH, R. M.. Geographical Aspects of Population Change in England 1500-1730 in DODGSHON, R. A.; BUTLIN, R. A. **An historical Geography of England and Wales** 2^a edição. Londres, Academic Press, 1990.
- SPENCE, Jonathan D. **The Search for Modern China**. W.W. Norton: 1991
- _____. The K'ang-hsi Reign. In PETERSON, Willard J.. **The Cambridge History of Ch'ing Volume 9** Part One: The Ch'ing Empire to 1800. Cambridge University Press, 2008.
- SHANIN, Teodor. **The Awkward Class: Political Sociology of peasantry in Developing Society. Russia 1910-1925**. Londres, Oxford University Press, 1972.
- TELFORD, Ted. Patching the Holes in Chinese Genealogies: Mortality in the Lineage Population of Tongcheng County, 1300–1800. **Late Imperial China** Vol, 11, N 2, pp. 116-136, Dezembro 1990.
- TER HAAR, BJ. **The White Lotus Teachings in Chinese Religious History**. University of Hawai'i Press, Honolulu, 1992.
- THIRSK, Joan. Industries in the Countryside, In FISHER, F. J. **Essays in the Economic and Social History of Tudor and Stuart Englad**. Cambridge: 1961.
- VRIES, Peer. **State, Economy and The Great Divergence – Great Britain and China, 1680s-1850s**. Bloomsbury, 2015.
- WAKEMAN, Frederic. **The great enterprise: The Manchu Reconstruction of imperial order in seventeenth-century China**. Berkeley, University of California Press, 1986.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The Modern World-System**. Nova York, Academic Press, 1974.

_____. **The Modern World-System I. Capitalist Agriculture and The Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century**. Berkely: University of California Press, 2011.

WALEY-COHEN, Joanna. 'China and western technology in the late eighteenth century'. **American Historical Review** N.98, pp. 1525–1544. 1993.

WEBER, Max - **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**, Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 5ª edição, 1987, tr. *De Die Portestantische Ethik Und Der Geits des Kapitalismus, originalmente publicado no Archiv für Socialwissenschaft und Sozialpolitik*, Tubigen, 1904-1905, vol. XX e XXI.

WESTAD, Odd Arne. **Restless Empire**. China and the World since 1740. Londres, 2012.

WITTFOGEL, Karl A.. **Oriental Despotism**. Londres, Yale University Press, 1967 [1957].

WHITE, Lynn Jr.. **Medieval Technology and Social Change**. Nova York, Academic Press, 1974.

WANG, Q. Edward. The "California School" in China. **Chinese Studies in History**, vol. 45, no. 1, pp. 3–6, 2011.

WONG, Roy Bin. **China Transformed**. Historical Change and the Limits of European Experience Ithaca, Cornwell University Press, 1997.

_____. 'The role of the Chinese state in long-distance commerce'. **Global Economic History Working Paper** No 04/04. Department of History, University of California, 2004.

WOODSIDE, Alexander. The Ch'ien-lung Reign. In PETERSON, Willard J.. **The Cambridge History of Ch'ing Volume 9 Part One: The Ch'ing Empire to 1800**. Cambridge University Press, 2008.

WOOLF, Alex. **Uma Nova História do Mundo**. M. Books, 2014.

WU Chengming. The Sprouting of capitalism in China. In Volume I **History of the development of capitalism in China**. Beijing, 1985.

XU Xinwu. **Commodity production in the cotton handicraft spinning and weaving industry in China before the Opium War and the issue of sprouting of capitalim**. 1981

YANG Qinye; ZHENG Du. **Tibetan Geography**. China Intercontinental Press, 2004

ZELIN, Madeleine. The Yung-cheng Reign. In PETERSON, Willard J.. **The Cambridge History of Ch'ing Volume 9 Part One: The Ch'ing Empire to 1800**. Cambridge University

Press, 2008.

ZHAO, Gang. **The Qing opening to the Ocean.** Chinese Maritime Policies 1684-1757. Honolulu, University of Hawai'i Press, 2013.

ZHAO, Zhongwei. Towards a better understanding of past fertility regimes: the ideas and practice of controlling family size in Chinese history. **Continuity and Change** Vol. 21 (1), pp.9-35, 2006.